



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CURSO DE MESTRADO**

CAMILA FERNANDES BRAVO

**ENTRE A REALIDADE E O SONHO: AS IMPLICAÇÕES
DO PRESENTE NA PERSPECTIVA DE FUTURO DE
ADOLESCENTES POBRES DA BAIXADA FLUMINENSE**

Rio de Janeiro
Junho de 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CURSO DE MESTRADO**

CAMILA FERNANDES BRAVO

**ENTRE A REALIDADE E O SONHO: AS IMPLICAÇÕES DO
PRESENTE NA PERSPECTIVA DE FUTURO DE
ADOLESCENTES POBRES DA BAIXADA FLUMINENSE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Social.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ariane Ewald

Rio de Janeiro
Junho de 2007

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ /REDE SIRIUS / CEH/A

B 826 Bravo, Camila Fernandes.
Entre a realidade e o sonho : as implicações do presente na perspectiva de futuro de adolescentes pobres da Baixada Fluminense / Camila Fernandes Bravo - 2007.
131 f.

Orientador: Ariane Ewald.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia.

1. Adolescentes – Baixada Fluminense (RJ) – Teses. 2. Inclusão social – Baixada Fluminense (RJ) – Teses. 3. Política social – Baixada Fluminense (RJ) - Teses I. Ewald, Ariane. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDU 308-053.6(815.3)

Dedico este trabalho aos jovens: Estefani, Catarine, Daniela, Francisco, Fagner,
Camila, Silas, Wanderson, Beatriz, Veronice e Luana.

Agradecimentos

Aos meus pais e irmãos por estarem sempre juntos nas minhas conquistas.

Aos meus sobrinhos queridos Matheus, Juliana e Ivis que quando olho nos olhos percebo nitidamente o grande carinho que sentem por mim.

Às amigas Juliana, Sanya, Franciny, M^a Rachel e Kelly (“As psis”). Começamos juntas essa trajetória que era apenas um sonho e hoje se torna uma realidade ainda mais saborosa por causa da amizade que construímos nesses anos de convivência.

Às companheiras e companheiro da Secretaria de Trabalho e Ação Social de São João de Meriti, Vandice, Manoela, Ana Lucia, Cleide, Alice (Amada), Raquel, Isabel, Aline, Ana Claudia, Márcia, Nilce, Zezé e Otávio (equipe 10) que nesses últimos seis meses seguraram as pontas para que este trabalho pudesse ser realizado, além das riquíssimas trocas intelectuais e das angustias que sentimos juntos que só quem trabalha na prática com a miserabilidade desse país entende.

Aos meus “meninos” da Apae que me encham de amor e alegria e me ensinam todos os dias a simplicidade da vida.

À Érika, João, Manuela, Carla e Denise por terem feito parte de uns dos momentos mais importantes da minha vida.

À equipe da *Casa da Cultura* por terem me recebido tão bem e mostrado um interesse e respeito extraordinário por esse trabalho.

Ao Zeca pelas gentilezas e opiniões.

À Hilda, professora de Francês, mas acima de tudo amiga, que contribuiu muito com suas críticas, organização dos meus pensamentos e revisões.

À professora Lucia Rabello pela honra de tê-la na banca examinadora e principalmente por ter desabrochado em mim o interesse pelo tema adolescência e cidade com o projeto “Jovem Total”. Executar as ações nas comunidades, vê-la falar sobre o assunto e a leitura dos seus livros foram fundamentais para o nascimento desse trabalho.

À professora Anna Uziel também por fazer parte da banca examinadora e pelas contribuições no exame de qualificação que muito clarificaram minhas idéias e me ajudaram a atingir os objetivos propostos.

Ao Antonio pelo amor, leitura atenta, carinho, preocupação, dedicação, companheirismo e sinfonias.

À minha amada prima Monique pelas noites na janela, filosofias na madrugada, experiências gastronômicas, cumplicidade e carinho. Valeu mesmo prima!

Aos adolescentes que fizeram parte dessa pesquisa, meus eternos agradecimentos por me ajudarem a realizar este sonho e me contarem os seus.

À minha querida orientadora Ariane, por quem tenho uma enorme admiração e respeito e a quem devo e dedico minha trajetória intelectual. Agradeço por todo conhecimento dado nesses anos de pesquisa. Obrigada pela disposição, confiança, livros, pensamentos e cobranças pelo bem-feito, será sempre minha fonte de inspiração!

Resumo

Analisando as relações de sociabilidade e convivência humana e suas ações no meio social, esta pesquisa propõe apresentar a articulação do saber às formas como pensam e atuam adolescentes pobres moradores de São João de Meriti (Baixada Fluminense - região metropolitana do Rio de Janeiro) e as implicações nas formas como planejam e traçam seus futuros. Através de Grupos Focais e das orientações do método Fenomenológico foram estudados onze jovens entre onze e dezenove anos. Os relatos de suas experiências e reflexões sobre os temas propostos retratam suas concepções em relação à cidade, pobreza, relações sociais e consumo. Foi percebido o quanto é necessário que o tempo presente seja valorizado em termos de oportunidades sadias e concretas, pois os adolescentes demonstraram projetar seus futuros baseados em suas constituições biográficas. Apesar de viverem numa cidade estigmatizada pela pobreza e sofrerem as consequências dessa condição, ainda mantêm esperanças e motivações sendo capazes de elaborar perspectivas promissoras baseadas no estudo e no trabalho. Pretende-se que esta pesquisa seja uma contribuição nos debates e estratégias políticas e sociais das questões ligadas à adolescência e pobreza do nosso país, visando melhorar as perspectivas e a qualidade de vida das próximas gerações.

Palavras-chave: Cidade, Pobreza, Adolescência e Futuro.

Abstrat

Having studied human social relations and people's attitudes in their social environment this research proposes to present the different ways the adolescents who live in São João de Meriti (Fluminense Slope – metropolitan region of Rio de Janeiro city) act and think and also the implications on how they idealize their future plans. Through Focal Groups and through Phenomenologic methods, eleven adolescents were studied between eleven and nineteen years old. Their report of their reflexioes and experience about the studying is focused in their conceptions regarding the city, the poverty, social relations and consumption. From this study, it was realized how much present time has to be considered in terms of good and concrete opportunities, once that those adolescents project their future based on aspects of their biographic constitutions. In spite of living in a city which is stigmatized by poverty and suffering the consequences of this condition they are still hopeful and motivated to elaborate perspectives for in the future life. They show real willingness for changing their current conditions by studying and working. This research is intended to be a contribution to the debates and political strategies concerning the social reality of the adolescents and poverty in our country, aiming the improvement in the quality of life for the next generations.

Key words: City, Poverty, Adolescence and Future.

Sumário

Introdução	09
1.1. Considerações Metodológicas.....	16
A relação entre cidade, identidade e sociabilidade: visões e pensamentos dos jovens sobre São João de Meriti	23
2.1. A cidade: paisagem e espaço, passado e presente, estruturas e afetos, identidade e subjetividade.....	28
2.2. Periferia: uma forma particular e nada agradável de organização.....	33
2.3. Jovens pensando a cidade, na cidade e sobre a cidade.....	35
O tempo presente: demandas, desejos, limitações e frustrações dos jovens na conjuntura contemporânea	46
3.1. A realidade: ações do presente.....	54
3.2. A dicotomia da sedução e da exclusão.....	58
O tempo futuro: sonhos que permitem enxergar além do que se vê	67
4.1. Risco e Vulnerabilidade: o limiar do bem e do mal.....	73
4.2. O tempo: o presente como realidade e o futuro como sonho.....	76
Considerações finais	92
Referências Bibliográficas	101
Apêndice 1	111
Apêndice 2	113
Apêndice 3	114
Anexo 1	121

INTRODUÇÃO

Cada um

Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.
Como as pedras na orla dos canteiros
O Fado nos dispõe, e ali ficamos;
Que a sorte nos fez postos
Onde houvermos de sê-lo.
Não tenhamos melhor conhecimento
Do que nos coube que de que nos coube.
Cumpramos o que somos.
Nada mais nos é dado.
(Fernando Pessoa)

1. Introdução

Tendo como base as observações e questionamentos das formas e relações de sociabilidade e convivenciabilidade humana nos contextos das cidades, este trabalho propõe apresentar discussões sobre os comportamentos de adolescentes pobres moradores de São João de Meriti (Baixada Fluminense – Região Metropolitana do Rio de Janeiro), associando suas realidades, o contexto contemporâneo marcado principalmente pelo processo de globalização e as implicações desse processo nas formas como esses jovens planejam e traçam seus projetos para o futuro.

Meu interesse pelo tema surgiu ainda na graduação quando fiz parte do projeto “Jovem Total”¹ realizado nas comunidades carentes do Grande Rio², ministrado pela equipe do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC) do Instituto de Psicologia da UFRJ e financiado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro. Desde então, juntamente com o desenvolvimento da minha prática profissional como Psicóloga da Secretaria de Trabalho e Ação Social do município de São João de Meriti, as questões referentes à pobreza, juventude e cidade se tornaram grandes inquietações me fazendo escolher este tema para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Outro fator que contribuiu na inspiração desse trabalho foi o fato de já ter morado em São João de Meriti. Pude perceber que a dinâmica do ser pobre, sendo esta uma condição oriunda de diferentes fatores sociais e econômicos, assume particularidades que interferem nas formas como cada homem vê o mundo e se relaciona com ele. Percebi que a realidade da pobreza vai além da falta de dinheiro, envolvendo também a falta de cidadania.

O antropólogo Gilberto Velho (1997), em *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*, dedicou um capítulo desse livro para debater a questão do tipo de pesquisa realizada na observação do que é familiar ao pesquisador. Problematizando a questão da dúvida que pode surgir por estarmos estudando algo que já é previamente sabido, defende esse tipo de pesquisa por ser baseada na observação participante, o que proporciona um

¹ O Projeto Jovem Total buscou estimular a integração dos jovens de diferentes comunidades locais, visando não só a geração de renda como também o desenvolvimento pessoal, familiar e comunitário através de “Grupo de Reflexão”.

² Por Grande Rio refiro-me a capital carioca mais as cidades pertencentes à Baixada Fluminense.

detalhamento mais aprofundado do objeto de estudo. O fato de observar o familiar possibilita que se fale a mesma língua, excluindo as grandes diferenças no vocabulário, dificuldade que pode surgir ao estudar assuntos e locais que não condizem com a realidade do pesquisador. Mas é preciso considerar que, ao mesmo tempo, o fato de estar familiarizado com o seu objeto de estudo, não significa que conheça o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social.

Não só o grau de familiaridade varia, não é igual ao conhecimento, mas pode constituir-se em impedimento se não for relativizado e objeto de reflexão sistemática. Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar; a hierarquia e a distribuição de poder permite-me fixar, grosso modo, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isso não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam. (Velho, 1997, p. 128).

Sempre tive muitas afinidades com grupos de adolescentes, e sempre me encantou a forma como vêm e interagem entre si e com o mundo. Citando Baudelaire (1996), os vejo como *convalescentes* que, segundo ele, é “aquele que goza, no mais alto grau, da faculdade de se interessar intensamente pelas coisas, mesmo por aquelas que aparentemente se mostram as mais triviais” (p. 18). O jovem vê o mundo, exterior à família, como sinônimo de liberdade, experimentando-o o tempo todo, cercado pelas suas próprias decisões. Torna-se portanto, mais sensível e volúvel a tudo que acontece ao seu redor. As crises, demonstrações claras dos dilemas da formação da identidade, são revoluções pessoais com o mundo que estão começando a conhecer com seus próprios olhos, tornando-os capazes de opinar e decidirem suas atuações nele.

A problematização das relações juventude e pobreza tem sido levantadas cada vez mais nas ciências sociais. Segundo Abramo (1997), depois de anos de quase total ausência, os jovens voltam a ser tema de investigação e reflexão, principalmente através de dissertações de mestrado e teses de doutorado. No entanto, a maior parte da reflexão é ainda destinada a discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens (notadamente as instituições escolares, família, ou ainda os sistemas jurídicos e penais, no caso de adolescentes “anormais” ou de risco), ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações “problemáticas”, poucas delas enfocando o modo como vivem e elaboram essas

ocorrências. Só recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens, suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação, como demonstram trabalhos recentes e de profundas análises realizados por Maria Cecília Minayo (1991 e 1999) e Lucia Rabello de Castro (1998, 2001 e 2005).

Aliar adolescência à pobreza é uma interseção que inevitavelmente nos remete a crime, violência, tráfico e uso de drogas. Em lugares onde faltam trabalho e educação sobram ofertas que levarão a drásticas histórias, como as retratadas todos os dias nos telejornais com jovens envolvimento em roubos e assassinatos.

A pobreza que irei me referir nessa pesquisa é a presente no Município de São João de Meriti. É a cidade de maior densidade demográfica da América Latina e indicada pelos órgãos de Segurança Social como estando abaixo do nível mundial tolerável de pobreza. Apesar de permear no imaginário das pessoas que Baixada Fluminense é um grande bolsão onde só moram miseráveis, é também uma região que apresenta variantes no poder aquisitivo de sua população. Porém, um dos aspectos que de fato chamam mais atenção, é a precariedade dos serviços públicos e as péssimas condições de sobrevivência de grande parte de seus habitantes.

No primeiro capítulo, *A relação entre cidade, identidade e sociabilidade: visões e pensamentos dos jovens sobre São João de Meriti*, busco retratar e contextualizar o palco onde acontece esta pesquisa. Faço uma análise do adolescente inserido no seu ambiente de vida e extraio daí a compreensão da relação homem-pobreza-cidade. Parto da concepção de Cassab (2001, p. 211) que considera a cidade como “outro”, como um espelho que dialoga com o sujeito na produção de si mesmo, favorecendo identificações e permitindo reconhecer-se através da imagem que devolve. A cidade é vista como realização humana e assim se torna um fazer intenso e ininterrupto, o lugar do encontro e do produto do próprio encontro. Ela ganha ar de teatralidade e não existe dissociada da gente que lhe dá conteúdo e determina sua natureza, trazendo no corpo das pessoas os códigos visíveis de vantagens e desvantagens no jogo da inserção e interação social.

Procurro levar o leitor a caminhar pelas ruas de São João, ter algumas impressões, boas e ruins, sobre o universo pesquisado. É uma cidade que ainda preserva alguns hábitos perdidos pelos grandes centros urbanos, tem muitos aspectos negativos típicos de uma cidade de periferias, mas também acolhe aqueles que fazem parte dela. É importante ressaltar que periferia e favela, mesmo com

algumas semelhanças, principalmente no aspecto ligado à pobreza, são dois espaços de diferentes contextualizações históricas e de movimentação humana. Nas falas dos jovens foi possível identificar e traçar seus movimentos, assim como os limites e as alternativas criadas no processo de viver e conviver num ambiente marcado pela pobreza.

Para abranger a forma de compreensão de mundo desses adolescentes, após realizar uma análise de seus espaços de convivência, foi necessário trazer para discussão as problemáticas das suas idades e o contexto global dos tempos atuais que estamos submetidos. A pobreza é atribuída à distribuição desigual das riquezas cada vez mais polarizada. Apesar da globalização ter como premissa a homogeneização, o que se vê é uma tendência cada vez maior de acentuar as diferenças entre aqueles que são detentores do poder associado ao dinheiro e os desprovidos dele. Grande parte da população se vê cada vez mais deixada de lado por não conseguir acompanhar os avanços tecnológicos e as lógicas contemporâneas do consumo e do trabalho.

No segundo capítulo, intitulado por *O tempo presente: demandas, desejos, limitações e frustrações dos jovens na conjuntura contemporânea*, busco analisar como esses adolescentes estão vivenciando suas realidades dentro da conjuntura do mundo hipermoderno. Faço uma reflexão da injusta dualidade das tentadoras ofertas de consumo e as frustrantes incapacidades de satisfação desses desejos devido suas limitações financeiras. Procuro entender, através de suas falas, como estão lidando com isso e quais são as estratégias utilizadas para amenizar este sofrimento.

O tempo futuro: sonhos que permitem enxergar além do que se vê é o terceiro capítulo. Após contextualizar e situar os jovens dessa pesquisa no tempo e no espaço que estão vivendo, tento projetá-los para o futuro, colhendo informações sobre como se vêem daqui a 20 anos. Retrato como esses adolescentes estão planejando suas vidas. Nos contam o que esperam do futuro, quais são seus ideais e o que consideram importantes.

Quando estabeleci meu objeto de estudo, me restava ainda escolher que adolescentes fariam parte dessa pesquisa. Várias alternativas foram pensadas, mas como tinha determinado que a coleta de dados seria feita através de grupos focais, precisaria de adolescentes que já pertencessem a grupos formados em termos de convivência, pois assim facilitaria o consenso quanto ao local e horários dos

encontros. Visitei algumas escolas públicas, projetos sociais da prefeitura de São João e instituições não-governamentais cujos interesses estavam voltados para o atendimento à adolescência. Buscava instituições que se mostrassem receptivas a proposta deste trabalho evitando imprevistos na coleta dos dados.

A opção escolhida foi o grupo de Teatro chamado *Casa das Inspirações (CDI)* da Ong *Casa da Cultura – Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense*. Tive uma grande surpresa ao conhecer esta instituição, que há 15 anos realiza projetos em São João de Meriti. Conta com uma equipe interdisciplinar que além de muito receptiva, me deu todas as condições necessárias para a realização dessa pesquisa.

Financiada por instituições públicas nacionais e internacionais³ e instituições privadas, a *Casa da Cultura* desenvolve projetos ligados à Arte e à Cultura para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, abrangendo principalmente os moradores do bairro *Praça da Bandeira*, onde fica localizada. O folheto de divulgação dessa instituição, com todos os projetos desenvolvidos e sua história, encontra-se no Anexo 1.

Minha primeira visita a Ong foi em junho de 2006, onde fui apresentada aos que eles chamam de grupos de cultura, entre eles: Teatro (*Casa das Inspirações*), Balé Afro Contemporâneo, capoeira de Angola, e Encantadores de estórias (*Jovens Griôts*⁴). São projetos voltados para o resgate da cultura africana presente na constituição da história brasileira como um todo. No mesmo dia, o grupo de teatro ensaiava e discutia o texto de uma peça que iriam apresentar para o público da própria comunidade. Para minha surpresa o texto era constituído de suas situações cotidianas. Falavam do trem lotado, das igrejas evangélicas e de muitas outras características que nas minhas análises correspondiam às características de uma cidade de periferia. Ver como faziam com seriedade a elaboração do texto e como eram críticos em retratarem suas realidades, me instigou a tê-los como fonte para esta pesquisa. E assim foi feito.

³ Em 2002, quando o Príncipe Charles veio ao Brasil, ele conheceu a Baixada através da *Casa da Cultura*, descobrindo a pobreza do lugar e o samba aprendido com as assistas da Escola de Samba Independente da Praça da Bandeira. A coroa Britânica ainda patrocina alguns projetos e todo mês a Ong envia fotos e pesagens das crianças como prestação de contas ao financiamento oferecido.

⁴ Griôt – termo do vocabulário franco-africano, criado na época colonial para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagem e famílias importantes às quais, em geral, está em serviço (Folheto de divulgação da Cia de Jovens Griôts).

Acompanhei o desenvolvimento do grupo, assisti por dois meses às aulas de técnicas teatrais e os ensaios. Fui conhecendo um pouco a história pessoal de cada um. Chegavam até mim para saber mais informações sobre a profissão de Psicólogo ou ansiosos por opiniões sobre suas vidas, principalmente em relação à afetividade. Eu era chamada para opinar em tudo que se referia ao emocional ou comportamentos que julgavam merecer algum tipo de explicação. Porém, com o tempo fui mostrando ao grupo os motivos que me faziam estar ali, e gradativamente minha presença foi sendo associada à pesquisa.

Seguindo as normas da Comissão de Ética em Pesquisa – UERJ, primeiramente estabeleci um Termo de Compromisso e Conhecimento Institucional (Apêndice 1), me autorizando a realizá-la a pesquisa em suas dependências e utilizar o nome e o material de divulgação da instituição.

Posteriormente foi realizada uma reunião onde forneci aos pais e aos adolescentes detalhes desse estudo e solicitei suas autorizações mediante as assinaturas do termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujas cópias encontram-se no Apêndice 2.

Nas *Considerações Finais* ressalto a importância de darmos a esses jovens uma realidade com oportunidades sólidas para a o planejamento e construção de seus projetos para o futuro. Tornou-se obrigatório cobrar do Estado medidas emergências e eficazes de apoio na formação educativa desses adolescentes já que as possibilidades de escolhas são bastante reduzidas em grande parte por problemas de ordem pública.

1.1. Considerações Metodológicas

A Psicologia é uma área de produção de conhecimento e de práticas profissionais. A partir disso podemos nos questionar sobre as possibilidades que a mesma têm de produzir conhecimento sobre as mudanças sociais e culturais, bem como a elaboração de práticas profissionais que ajudem as sociedades nas mudanças necessárias para maior bem estar da humanidade. Analisar e explicar a dinâmica da vida dentro do campo científico é um dos seus maiores desafios. Transformar em palavras e analisar a luz da ciência sentimentos, emoções e comportamentos tornam-se o grande desafio de qualquer pesquisador da área de humanas.

Para Moura Castro (1977, p.48) as ciências humanas estão envolvidas com significativas dificuldades metodológicas decorrentes da complexidade inerente aos fenômenos como os afetos e valores. Porém, afirma que a experimentação é difícil, mas não impossível:

Há grandes riscos de subjetividade em todo o processo, bem como a ação humana é caracterizada pelo livre-arbítrio. Tudo isto não deve ser empecilho intransponível à pesquisa cientificamente embasada, haja vista que a metodologia tem como objetivo ajudar a compreensão, nos mais amplos termos, não dos produtos da pesquisa mas do próprio processo (Moura Castro, 1977, p. 48).

Pesquisar é um exercício de compreensão do mundo. Parece fundamental que o pesquisador esteja consciente que respeitar as regras de cada jogo e a coerência do método é o que importa. Assim sendo, ao propor trabalhar com métodos nos quais a subjetividade é instrumento de conhecimento, não devemos levar às últimas conseqüências as implicações dessa postura. Por mais que procure obter dados reais e objetivos, o resultado é sempre uma interpretação, uma versão dos fatos, que poderá ser confrontado com outras versões. Assim, os esforços devem estar em transformar as subjetividades em instrumento de conhecimento.

Dentro das opções metodológicas disponíveis, o enfoque fenomenológico constituiu para mim uma adequada alternativa à discussão proposta. É preciso ressaltar que não utilizei este método como ferramenta rígida, mas sim como bússola a orientar na clarificação das investigações e questionamentos que irão surgir. Para o investigador, a fenomenologia propõe uma abordagem direta aos fenômenos, desconsiderando as explicações causais características do positivismo. Desse modo, Rezende (1990) aponta que a preocupação da fenomenologia é “dizer em que sentido há sentido, e mesmo em que sentidos há sentidos. Mais ainda, nos fazer perceber que há sempre mais sentido além de tudo aquilo que podemos dizer” (p. 17). No entender do autor, a fenomenologia é inacabada, pois está sempre começando e deve orientar-se pelas características: serem significantes, pertinentes, relevantes e provocantes. E eu compartilho dessa idéia.

O formulador das principais linhas do método fenomenológico foi Edmund Husserl (1859-1938). Crítico às teorias científicas de sua época, particularmente as de inspiração positivistas, Husserl nega a existência tanto do sujeito como do mundo como puros e independentes um do outro. Afirma que o homem é um ser consciente e que a consciência é sempre intencional, ou seja, ela não existe independentemente do objeto (Forghieri, 1993).

Inicialmente voltada para a Filosofia⁵, a metodologia fenomenológica encontrou em Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty grandes divulgadores e adaptadores da Fenomenologia Pura ao estudo do Ser, do homem concreto e da percepção. A Fenomenologia é um dos movimentos filosóficos mais importantes e fascinantes do século XX que, desde o seu início, guardou relações de intimidade com a recém-criada Psicologia. Sendo através da Psicologia que o método fenomenológico irá disponibilizar-se para o restante das disciplinas de cunhos humano e social. Na área Psi, pode ter tido seu primeiro aparecimento com o livro de Karl Jaspers, *Psicopatologia Geral, psicologia compreensiva, explicativa e fenomenológica* (1987), publicado em 1911⁶.

A fenomenologia é o estudo das essências; e todos os problemas, segundo ela, voltam a definir as essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que recoloca a essência na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma, que não seja a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental, que põe em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre lá, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço de reencontrar o contato ingênuo com o mundo pode lhe dar, enfim, um status filosófico (Merleau-Ponty, 1973, p. I).

Todo fenômeno⁷ tem uma essência, que não se reduz ao fato. Essência é a maneira característica do aparecer de um dado fenômeno. É aquilo que é inerente ao fenômeno, sem o que, ele não é mais o mesmo. A essência que procurei nas falas, comportamentos e escritas dos adolescentes nunca será totalmente apreendida⁸, mas me possibilitou muitas compreensões. Na fenomenologia isso corresponde ao que esteve disponível a minha percepção, implicando um relacionamento intersubjetivo entre as falas que descreveram a realidade dos jovens, meus questionamentos e minha bagagem teórica sobre o tema.

⁵ O método Fenomenológico, criado por E. Husserl, tem servido de base metodológica para várias áreas científicas, incluindo a Sociologia, a Psiquiatria, a Psicologia e a Educação. Exemplo disso é o geógrafo Milton Santos (1994 e 1997), autor muito utilizado por mim neste projeto, que realiza suas análises, utilizando o método fenomenológico, principalmente nas reflexões sobre as questões do tempo e espaço.

⁶ Ver: Dartigues, *O que é a Fenomenologia* (1973); Lyotard, *A Fenomenologia* (1986); Moreira, *O Método Fenomenológico na Pesquisa* (2002); Minayo, *O Desafio do Conhecimento* (1994); Capalbo, *Ciências Humanas e Fenomenologia* [197-]; Sadala, *Cuidar de pacientes com AIDS: o olhar fenomenológico* (2000); Forghieri, *Psicologia Fenomenológica. Fundamentos, Método e Pesquisa* (1993).

⁷ Fenômeno é tudo que aparece, que se manifesta ou se revela por si mesmo. É o que se manifesta à consciência, não sendo uma mera representação. O fenômeno inclui todas as formas de estar consciente de algo, aí incluídos sentimentos, pensamentos, desejos e vontades (Moreira, 2002).

⁸ As pesquisas de enfoque fenomenológico constituem-se como etapas de compreensão e interpretação do fenômeno, que poderá ser retomado e visto sob nova interpretação.

A análise fenomenológica da vida cotidiana, ou melhor, da experiência subjetiva da vida cotidiana, abstém-se de qualquer hipótese causal. Berger e Luckmann (2004) lembram que o senso comum contém inumeráveis interpretações pré-científicas e quase científicas sobre a realidade cotidiana, que se admite como certas (p. 37). Se quisermos descrever a realidade do senso comum temos de nos referir a estas interpretações, assim como temos de levar em conta seu caráter de suposição indubitável, podemos fazer isso utilizando os parênteses fenomenológicos.

O olhar atento para o fenômeno quando e como ele se mostra, a descrição e não explicação, e sua colocação no mesmo horizonte são três princípios que fundamentam a investigação fenomenológica.

A descrição⁹ das falas que levantei foi o caminho utilizado para minhas análises. Para Martins (1995) descrever fenomenologicamente, implica em selecionar uma área de inclusão e uma área de exclusão, é preciso eliminar a explicação ou explanação e concentrar-se no campo da experiência pura. O trabalho intelectual que consiste em decifrar o sentido aparente, em desdobrar os sinais de significação foi a *interpretação*¹⁰ que dei às falas dos jovens. Há interpretação onde houver sentido múltiplo e é nela que a pluralidade dos sentidos se torna manifesta. Para Martins (1995) a interpretação é a não hierarquização inicial de fenômenos (p. 85). Não se pode assumir uma hierarquia de “realidades”, o que se pede é uma suspensão das crenças.

Berger e Luckmann (2004, p. 38) afirmam que nossa consciência é capaz de mover-se através de diferentes esferas da realidade, que o mundo consistiria de múltiplas realidades. E entre as múltiplas realidades há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência, é a realidade da vida cotidiana. Esta é considerada como a predominante porque é impossível a ignorarmos, experimentamos a vida cotidiana num estado total de vigília. A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, ela é constituída de uma ordem pré-determinada, ela já existia antes da nossa chegada.

A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do “aqui” do meu corpo e do “agora” do meu presente, não se esgotando, porém no imediatismo, mas

⁹ A descrição dos fenômenos visa a redução ou *epoché*. O fenômeno tal como ele se apresenta à consciência, é a busca do algo puro, aquilo que faz com que o objeto seja o que é e não outra coisa.

¹⁰ Interpretação dialética ou hermenêutica (Ver Minayo, 1994)

abraçando fenômenos que estão presentes “aqui e agora”, mesmo que oriundos de tempos anteriores. O mundo que atuo, a fim de fazer parte dele e transformá-lo na minha realidade, é meu mundo por excelência, e minha atenção a esse mundo é principalmente determinada por aquilo que estou fazendo, fiz ou planejo fazer nele.

Além disso, a realidade da vida cotidiana, apresenta-se como um mundo intersubjetivo, um mundo compartilhado juntamente com outros homens, e conseqüentemente cada um tem uma perspectiva comum diferentemente, fazendo do dinamismo humano particularidades, cada um com uma atuação.

Sendo assim, procurei não generalizar os conceitos adolescência e pobreza como sendo únicos e determinados. O diferente potencial de cada homem e as múltiplas faces sociais e históricas da pobreza foram levados em conta. Fizeram parte desta pesquisa 11 jovens entre 11 e 19 anos, todos pertencentes dos projetos sociais desenvolvidos pela *Casa da Cultura*. Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente estabelecer como adolescente, para os efeitos desta lei, aqueles pertencentes entre 12 e 18 anos de idade, achei que tanto Beatriz de 11 anos, quase completando 12 e Wanderson de 19 anos, não deveriam ficar de fora dessa pesquisa já que faziam parte do grupo de teatro e a questão mais forte a ser considerada aqui é a caracterização das idades da vida marcada pela transição da dependência infantil à fase adulta.

São os adolescentes dessa pesquisa: **Beatriz**¹¹ (11 anos, 6ª série); **Camila** (12 anos, 7ª série); **Catarine** (13 anos, 7ª série); **Daniela** (18 anos, terminou o ensino médio); **Estefani** (17 anos, 3º ano do ensino médio); **Fagner** (18 anos, 3º ano do ensino médio); **Francisco** (18 anos, 1º ano do ensino médio); **Luana** (15 anos, 1º ano do ensino médio); **Silas** (18 anos, 1º ano do ensino médio); **Veronice** (16 anos, 2º ano do ensino médio); **Wanderson** (19 anos, terminou o 2º grau).

As conceituações adolescência e juventude são diferentes em relação às idades que representam de acordo com as instituições em uso que as situam. Como citei, o Estatuto da Criança e do Adolescente Brasileiro faz menção à adolescência a idade entre 12 e 18 anos, já instituições como a Organização Mundial de Saúde situa a juventude na faixa entre 15 e 24 anos. Neste trabalho quando me referir a Juventude, estarei me referindo ao momento posterior da infância, que envolve a Adolescência e a Juventude propriamente dita.

¹¹ Os nomes dos adolescentes desta pesquisa sempre aparecerão em negrito.

Utilizei como instrumento na coleta de dados os chamados *Grupos Focais*, consistindo em grupos de discussão concebidos como espaços de fala, introspecção, imaginação e sociabilidade. Nestes grupos busquei oportunizar a reflexão dos jovens sobre os aspectos subjetivamente percebidos da cidade e da pobreza e a relação com suas vidas, futuros, aspirações e desejos. Os grupos focais tornaram-se uma ferramenta muito interessante porque através do compartilhamento das experiências, criou-se um espaço coletivo de troca e, portanto, de apoio a subjetividades coletivas.

Os grupos focais, como afirma Minayo (1999), viabilizam o acesso às visões e aos dados que dificilmente seriam disponibilizados sem a situação peculiar de troca e debate. Ao utilizar essa técnica, é possível trazer à tona tanto os aspectos cognitivos (opiniões, influências, idéias) quanto os interacionais (conflitos, lideranças, alianças).

Para uma investigação existencial, a comunicação é um enigma e até mesmo um milagre. Por quê? Porque estar junto, enquanto condição existencial da possibilidade de qualquer estrutura dialógica do discurso, surge como um modo de ultrapassar ou de superar a solidão fundamental de cada ser humano (...) A experiência experienciada, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação, torna-se pública (Ricoeur, 1987, p. 27).

Cada encontro (módulo) teve um tema específico que forneceu subsídios para as análises dos objetivos dessa pesquisa. Foram 4 encontros, em 4 dias diferentes (um por semana), que consistiram num processo único e contínuo acontecendo sem interrupção o que beneficiou todo o processo. Foram utilizados recursos auxiliares para motivação, imaginação e discussão como música, dinâmicas e dissertações. Todos encontros foram gravados e filmados, sendo as transcrições das falas a ilustração da opinião desses jovens sobre os temas propostos que serão utilizados ao longo desse trabalho.

Foram estabelecidos quatro módulos de discussão, onde busquei em cada um despertar formas de expressões diferentes como fala, desenho e escrita, o que favoreceu aspectos diferenciados de comportamentos. O desenvolvimento de cada módulo, os procedimentos e instrumentos que foram utilizados estão explicitados detalhadamente no Apêndice 3.

1º módulo

Objetivo: Apresentação da pesquisadora, do projeto de Mestrado, apresentação e identificação dos participantes, levantamento dos aspectos pessoais e históricos de vida dos participantes.

2º módulo

Objetivo: Visão dos adolescentes em relação a sua cidade.

3º módulo

Objetivo: Visão que os adolescentes apresentam em relação à pobreza e sua interferência nas formas de verem o mundo e a sociedade contemporânea, como influências dos meios de comunicação e a questão do consumo.

4º módulo

Objetivo: Perspectivas e projeções dos adolescentes em relação ao futuro.

Sendo assim, as páginas que se seguem são um convite a pensarmos na problemática de se *adolescere* numa cidade e num mundo que não têm sido generosos aos jovens que deles fazem parte. Proponho pensarmos a cidade, o mundo, a pobreza, a adolescência e o tempo e despertar preocupações e atitudes para que as futuras gerações tenham certezas de sucesso ao invés de apenas sonhos.

CAPÍTULO 1

Subúrbio

Lá não tem brisa, não têm verde-azuis
 Não tem frescura nem atrevimento
 Lá não figura no mapa
 No avesso da montanha, é labirinto
 É contra-senha, é cara a tapa

Fala, Penha, fala, Irajá, fala, Olaria
 Fala, Acari, Vigário Geral, fala, Piedade

Casas sem cor, ruas de pó, cidade
 Que não se pinta, que é sem vaidade
 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
 Traz as cabrochas e a roda de samba

Dança teu funk, o rock, forró, pagode, reggae
 Teu hip-hop, fala na língua do rap,
 Desbanca a outra a tal que abusa

De ser tão maravilhosa
 Lá não tem moças douradas expostas,
 Andam nus pelas quebradas teus exus
 Não têm turistas,
 Não sai foto nas revistas
 Lá tem Jesus e está de costas

Fala, Maré, fala, Madureira, fala, Pavuna
 Fala, Inhaúma, Cordovil, Pilares

Espalha a tua voz nos arredores
 Carrega a tua cruz e os teus tambores
 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
 Traz as cabrochas e a roda de samba
 Dança teu funk, o rock, forró, pagode, reggae
 Teu hip-hop, fala na língua do rap,
 Fala no pé, dá uma idéia
 Naquela que te sombreia

Lá não tem claro-escuro, a luz é dura,
 A chapa é quente que futuro tem
 Aquela gente toda
 Perdido em ti eu ando em roda
 É pau, é pedra, é fim de linha, é lenha, é fogo, é foda

Fala, Penha, fala, Irajá, fala, Encantado, Bangu, fala, Realengo...
 Fala, Maré, fala, Madureira, fala, Meriti, Nova Iguaçu, fala, Paciência...
 (Chico Buarque de Holanda)

2. A relação entre cidade, identidade e sociabilidade: visões e pensamentos dos jovens sobre São João de Meriti

Viver nos centros urbanos hoje é a realidade de mais de 75% da população do Brasil¹². Sendo assim, as cidades assumem um papel de extrema relevância quando se busca entender a dinâmica humana. Parto da opinião de Castro (1998) e Trilla (1997) que consideram a cidade como um agente educador e de aprendizagem; e da concepção de Morse (1988) que a reconhece como uma arena cultural. As constantes trocas do homem com o meio em que habita, leva-nos ao aprendizado do viver e conviver. O preenchimento das cidades pela diversidade humana, nas suas mais variadas subjetividades e contínuos processos de construção de identidades, são os pontos iniciais que precisamos ter antes de começarmos as análises sobre as dinâmicas das vidas dos jovens estudados nesta pesquisa.

É necessário contextualizar as formas de vida humana. Não vivemos simplesmente, vivemos num lugar, dividimos os espaços com outras pessoas, convivemos e nos relacionamos. Ao propor um estudo sobre adolescentes moradores de São João de Meriti e analisar como constituem suas vidas, como organizam seus pensamentos e como se projetam para o futuro, faz-se necessário uma prévia análise do espaço em que estão inseridos. É preciso saber como esses jovens encaram, circulam, se estabelecem e se relacionam neste lugar específico e particular que é São João de Meriti.

A cidade é um espaço de disputa onde a produção da relação urbana é permeada pelo conflito/diálogo multicultural entre os mais diferentes sujeitos sociais. Estar no espaço e ser através do espaço é inscrever-se em um fluxo ininterrupto de trocas. O homem dialoga com seu meio, estabelece com ele relações de convivência e de sobrevivência que analisados, muito podem contribuir para nossa compreensão de suas potencialidades.

Milton Santos em seus escritos referentes ao espaço¹³, nos alerta para o erro de considerá-lo e interpretá-lo apenas como paisagem (espaço construído), isto é, algo que não passe de uma materialização de um instante da sociedade (1997, p.

¹² Dados obtidos no site do IBGE: www.ibge.gov.br. Consultado em fevereiro de 2007.

¹³ Ver: *Espaço e Sociedade* (1979), *Metamorfoses do Espaço habitado* (1994), *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (1996), *Pensando o espaço do homem* (1997), *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico* (1997) e *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal* (2002).

72), ou que tenha permanência e seja apenas funcional. A paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou se modifica para acolher uma nova atualidade, uma inovação. A paisagem é sempre o passado.

O espaço construído pode ser observado em suas formas aparentes e materiais. Refere-se aos espaços arquitetônicos resultantes de um processo de produção específica e historicamente determinada pela técnica construtiva e por formas próprias de organização do trabalho. Segundo Egler (2003) o espaço construído responde pelas necessidades da produção e da vida social compondo o processo de urbanização.

As alterações por que passa a paisagem são apenas parciais. De um lado alguns dos seus elementos não mudam – ao menos em aparência – enquanto a sociedade evolui. São as testemunhas do passado. Por um lado, muitas mudanças sociais não provocam necessariamente ou automaticamente modificações na paisagem (Santos, 1994, p. 37)

Sendo assim, as relações espaço-temporais se realizam em fluxos imateriais, expressos nas formas de como se observa, compreende e interage com o meio. Tais relações manifestam-se através de trocas seletivas e hierarquizantes. O espaço deve ser considerado como um conjunto unificado de que participam de um lado, o conjunto de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os transforma.

É por essa razão que é relevante refletir sobre processos que, comandados pela subjetividade, compõem a totalidade do universo analítico indicado pelo conceito de espaço. Essa compreensão se faz importante à medida que desloca a possibilidade de compreender o mundo através do ideário estruturalista, determinado pela instância econômica, onde o ideológico e o político respondem de forma subordinada. Assim, o conceito de espaço é fundamental pois seus desdobramentos possibilitam a compreensão das variantes sociais. Falaríamos assim do espaço social.

Para avançar na compreensão das relações humanas, temos que refletir sobre as diferentes instâncias da relação de troca, iluminadas pela análise espacial. O espaço como objeto reflexivo resulta de ações que (re)produzem objetos e expressam (des)afetos. Entender como se realizam as trocas de objetos e emoções entre os homens podem nos conduzir ao entendimento da natureza das relações espaciais, ao mesmo tempo em que a compreensão dessas relações é indispensável à compreensão da realidade social.

Para tanto, é preciso observar, conhecer e viver o espaço social, indo além do espaço físico. O espaço é uma totalidade social plena, onde são trocados (em direção à preservação ou à mudança) objetos, idéias, intenções e sentimentos.

A proposta desse capítulo é analisarmos os impactos do município de São João de Meriti na vida dos adolescentes pesquisados. É entender o que esses jovens aprendem neste domínio não comumente relacionado à aprendizagem (Cordeiro et. al, 2002). Para repararmos a cidade é preciso enxergar a multiplicidade dos fluxos de significações que a constituem. As heterogeneidades desses fluxos são de ordem comunicacionais, políticos, econômicos, disciplinares e ritualísticos, todos causadores de impactos, positivos ou negativos nas subjetividades contemporâneas. Isso nos remete ao exercício de refletirmos e vivenciarmos a cidade como um dos espaços ricos em aprendizagem, educação e vida.

São João é a cidade onde nasci e fui criada até meus 10 anos. Depois disso fui morar numa pequena cidade do interior do Estado e anos depois, ao passar no vestibular, retornei a São João onde passei a morar. Hoje, depois de três anos de formada, não moro mais em São João, mas é lá que continuo trabalhando e onde volta meu interesse de estudo e pesquisa.

Viver e conviver em São João e ter outras experiências de uma cidade pequena assim como da metrópole que hoje moro, a cidade do Rio de Janeiro, fizeram-me estabelecer parâmetros que são úteis nas análises que se seguem. Além das diferenças estruturais da cidade como infra-estrutura e arquitetura, os modos como as pessoas interagem com seus espaços foram reflexões que sempre me chamaram muita atenção por serem surpreendentes as diferenças.

São João vem representar a maioria dos municípios das periferias metropolitanas, claro que recheado com suas particularidades históricas e de atuações humanas, mas vem simbolizar o processo de periferização, da desigualdade social, da pobreza urbana e outros fatores que irei abordar e que foram abordados pelos adolescentes dessa pesquisa.

2.1. A cidade: paisagem e espaço, passado e presente, estruturas e afetos, identidade e subjetividade

Como seres urbanos somos permanentes autores da nossa cidade ou construtores de sua rede de significação, alimentando através das práticas e usos da cidade as nossas *almas urbanas*. É o lugar dos encontros e das trocas.

O autor vietnamita Yi-Fu Tuan (1980) utiliza o neologismo “topofilia” para analisar todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, ou seja, a associação do sentimento com o lugar. O lugar humanista, tal como estudado por Yi-Fu Tuan ao descrever a ligação emocional aos espaços demarcados e fechados, é um objeto carregado de valor e sentido pela subjetividade¹⁴ dos indivíduos e grupos. Caracterizado pela estabilidade e pela permanência, pela unicidade e pela especificidade, ele se propõe como um foco identitário em todas as escalas espaciais, desde o espaço cotidiano e familiar da casa até o território da coletividade.

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e meio de se ganhar a vida (Tuan, 1980, p. 107).

A sociedade se organiza através de vínculos que traçam as relações entre os coletivos e que têm objetos de ação em comum. Esses grupos são constituídos através de fios invisíveis que são de natureza comunicativa. Milton Santos (1994) formula que a comunicação é a relação social que coloca em comum e que realiza a união entre os homens. A coesão entre os grupos que compõem uma determinada esfera dá-se de forma comunicativa. Isso leva-nos a refletir sobre a importância da comunicação social e seus efeitos nas diferentes escalas e esferas que compõem o processo espacial. É o que une os homens em lugar comum.

É por isso que a sociedade não se distribui uniformemente no espaço: essa distribuição não é obra do acaso. Ela é o resultado de uma seletividade histórica e geográfica, que é sinônimo de possibilidades da sociedade em um dado momento (Santos, 1994, p. 42).

¹⁴ Por subjetividade considero as definições dadas por Castoriadis (1999): “Chamarei de subjetividade a capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez mais seja um sentido novo” (p. 35).

“O indivíduo socialmente definido tem, ao menos virtualmente, a possibilidade de ser algo que não sua definição social, sem nunca poder fugir inteiramente dela; portanto, ele é virtualmente uma subjetividade” (p. 36).

Em sua proposta teórico-analítica do espaço, Milton Santos mostra-nos como podemos analisar conceitos/processos articulados a objetos, fluxos e ações¹⁵. Esses conceitos que iluminam a ordem dos processos espaciais, ao serem aplicados nessa configuração espacial, expressam as ações sociais que resultam na produção de objetos simbólicos, pela realização de fluxos comunicacionais, para alcançar condições necessárias ao desenvolvimento de relações econômicas, políticas e simbólicas. Essa proposta ilumina o objeto espaço e abre caminhos analíticos amplos. O espaço é constituído pela totalidade das ações dos homens, produtoras de objetos que são trocados através de fluxos. A infinidade de objetos resulta de diferentes procedimentos técnicos produtores da materialidade. Esses fluxos também são de duas naturezas: a primeira, material, e a segunda, simbólica.

Para interpretar corretamente o espaço, segundo o autor, é preciso descobrir e afastar todos os símbolos destinados a fazer sombra à nossa capacidade de apreensão da realidade. Isto quer dizer que não é suficiente tentar interpretar diretamente a paisagem nos seus movimentos, nem trabalhar exclusivamente sobre os elementos que a compõem.

A cidade nos traz, através de sua materialidade, que é um dado fundamental da compreensão do espaço, essa presença dos tempos que se foram e que permanecem através das formas e objetos que são também representativos de técnicas.

É nesse sentido que eu falei que a técnica é sinônimo de tempo: cada técnica representa um momento das possibilidades de realização humana e é por isso que as técnicas têm um papel tão importante na preocupação de interpretação histórica do espaço (Santos, 2001, p. 2).

São João de Meriti fica localizada aos arredores da baía de Guanabara¹⁶ junto com outros municípios como Belford Roxo, Duque de Caxias, Mesquita, Nilópolis e Nova Iguaçu compondo o que conhecemos como Baixada Fluminense, baixada porque os geógrafos chamam essa região de Baixada ou Recôncavo da Guanabara. É formada por um conjunto de colinas baixas, que segundo Oliveira (2000) indica a proximidade da Serra do Mar. Em suas características físicas predominam as

¹⁵ Ver proposta metodológica de SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: técnica e tempo; razão e emoção*. São Paulo, HUCITEC, 1996.

¹⁶ Os aspectos históricos e estatísticos do município de São João de Meriti foram retirados das referências: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Volume XXII – IBGE, 1959; ABREU, A. *Municípios e Topônimos Fluminenses – Histórico e Memórias*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1994; Estudo sócio-econômico 2004 do tribunal de contas do Estado do Rio de Janeiro (outubro/2004). In www.tce.rj.gov.br, acessado em março/2007; e ROCHA, Jorge Luis. São João de Meriti: um balaio de idéias. In: <http://balaioomeriti1.sites.uol.com.br/index.htm>. Acessado em 01/04/2007.

elevações, morros, ladeiras, sendo apenas ¼ da área municipal composta por terras planas.

Num terreno de tantas subidas e descidas, São João ocupa 34 Km² da região metropolitana do Rio de Janeiro com, de acordo com o censo de 2000, 449.476 habitantes. Sendo o município de maior densidade demográfica da América Latina com 13.116 habitantes por Km², contra 2.380 habitantes por Km² de sua região. Tamaña densidade é notória quando circulamos pelas ruas do centro da cidade, área de concentração do comércio. Ao entrar em qualquer banco ou supermercado, o que se percebe é um emaranhado de gente, filas intermináveis e contínuas. São grandes aglomerações que fazem saltar aos olhos a desproporção da quantidade significativa de pessoas e o espaço.

Apesar de fazer parte da região metropolitana do Rio de Janeiro, São João de Meriti muitas vezes é desconhecido da grande parte da população, inclusive Fluminense. Muitas vezes a Baixada é confundida como um todo, como se fosse uma única cidade e não um conjunto delas. Dos adolescentes pesquisados, **Wanderson**¹⁷ ressalta o aspecto da vergonha e **Daniela** e **Estefani** mencionam o desconhecimento da cidade, tanto pelas pessoas como pela mídia:

Wanderson: Tem gente que tem vergonha de dizer onde mora. Você pergunta onde mora e ela diz Nova Iguaçu, mas não diz que mora aqui. E qual a diferença?

Daniela: As pessoas quando falam de Baixada, pensam em Nova Iguaçu, Caxias, Nilópolis (por causa da Beija-Flor), mas não sei porque São João fica esquecido!

Estefani: Quando as pessoas perguntam onde eu moro, eu falo Praça da Bandeira e elas pensam que é a do Rio. E quando eu digo que é em São João, elas não sabem onde é, e perguntam onde que fica! No RJTV quase nunca aparece São João, se fala de Caxias, Nilópolis. Quase nunca fala de São João e quando fala é só pra dizer coisas ruins!

Ao mencionarmos o lugar onde moramos remetemo-nos a um processo de identificação e pertencimento com este lugar, nos tornamos representantes, fazemos parte dele. Sentir vergonha de dizer onde se mora, ou se constranger por seu espaço ser associado apenas a coisas ruins é uma realidade presente na vida desses jovens. Estar excluído e ser excluído é ocupar um ambiente à parte, onde a interação é impedida ou reduzida. Os adolescentes moradores da Baixada

¹⁷ Os nomes dos adolescentes participantes desta pesquisa virão sempre em negrito. O termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se no apêndice, seguindo as normas e recomendações do Comitê de Ética a qual esta pesquisa foi submetida. Ressalto que um dos itens do acordo é o consentimento dos adolescentes e de seus responsáveis a utilização dos seus nomes verdadeiros.

Fluminense vêem e percebem seus territórios desvalorizados. As conseqüências dessa impregnação em seus cotidianos podem ocasionar sérios riscos de delimitações dos seus horizontes, danificando inclusive suas formas de identificação com o mundo.

Os adolescentes pesquisados em nenhum momento se queixaram, nem manifestaram desejos de morarem em outro lugar. Ora ou outra, ao ressaltarem alguns aspectos negativos da cidade que vivem, usavam tom de ironia e riam das próprias condições. A demora do transporte público, a falta de abastecimento de água e os cavalos que ainda perambulam pelo espaço urbano, eram situações relatadas que desqualificavam a cidade e proporcionavam menções comparativas principalmente com os bairros localizados na Zona Sul do município do Rio de Janeiro.

Em certo momento, quando perguntei ao grupo o que eles faziam para se divertirem nos finais de semana, as respostas foram variadas, mas sempre voltadas para atividades realizadas com suas famílias, como churrasco e idas aos bailes, sempre eventos dentro da própria cidade. Perguntei se, além disso, eles iam à praia, por exemplo, a maioria responde que não, ou muito, de vez em quando. Mas **Catarine** responde: - A gente vai é no valão mesmo!

São João de Meriti assume papel de coadjuvante junto a capital carioca. Tal condição de periferia, “cidade dormitório” ou subúrbio, são nomenclaturas que carregam em seus radicais a exclusão, o “colocado à parte”, se tornando algo introjetado na visão que esses jovens possuem da própria cidade. Percebi isso em suas falas e na barreira invisível que parece existir na locomoção deles de uma cidade a outra. Diferente de crianças e jovens que saem da Baixada para ganharem a vida nas ruas do Rio, seja pedindo dinheiro nos sinais ou como engraxates, os jovens dessa pesquisa, vêem o município do Rio como lugar de trabalho (só que relacionado a seus pais) e de comparações no que é bom e no que é ruim comparado com a sua cidade.

O papel de coadjuvante de São João de Meriti é constituído e explicado pela sua constituição histórica que tem início a partir de 1566, ano em que teve início às concessões das terras (antes era a capitania de São Vicente, pertencente a Martin Affonso de Souza), aos colonizadores que foram se estabelecendo nos vales dos rios, entre eles: o Meriti.

A baixada se constituiu historicamente como retaguarda econômica, tendo se estabelecido como importante base de produção agrícola, com destaque para a agricultura de cana-de-açúcar e mais tarde o café. O século XVII marcou o auge da produção aurífera em Minas Gerais, e todos os caminhos atravessavam a baixada, sendo ponto obrigatório para todos que se dirigiam a região das minas ou que de lá regressavam. Os pontos de transbordo para o transporte marítimo, em direção ao porto, proporcionaram o surgimento de toda infra-estrutura de apoio às operações comerciais, ocorrendo assim, o aparecimento dos primeiros núcleos urbanos.

Apesar da decadência da mineração, a região manteve-se ainda como ponto de descanso e abastecimento de tropeiros e trânsito de mercadorias. Até o século XIX, o progresso local foi notável. Entretanto, a impiedosa devastação das matas trouxe como resultado, a obstrução dos rios e transbordamentos, o que favoreceu a formação de pântanos. As terras antes salubres e férteis cobriram-se de vegetação própria dos mangues. Das águas paradas e poluídas surgiram mosquitos transmissores de febres. As propriedades foram sendo abandonadas e assim ficaram por algumas décadas.

No início do século XX, as terras da Baixada serviram para aliviar as pressões demográficas da cidade do Rio de Janeiro. Foi apenas em 1920 que a região começou a ressurgir, foram as obras de saneamento da Baixada Fluminense que proporcionaram também um processo de loteamento das antigas fazendas, que fizeram surgir bairros e distritos municipais. Posteriormente com a abertura da estrada Rio-Petrópolis (1928), o desenvolvimento têxtil e as primeiras siderúrgicas no município do Rio de Janeiro, que se assistiu o desenvolvimento habitacional em áreas periféricas como Meriti que passou a acolher o operariado das recentes fábricas, ampliando o comércio e os serviços dessa região.

Pretendo analisar o aspecto histórico de São João utilizando o tempo como técnica, incluindo entre as técnicas, não apenas as da vida material, mas também as técnicas da vida social, vão nos permitir a interpretação dos contextos sucessivos (Santos, 2001). A noção de tempo é fundamental porque os espaços se sobrepõem no tempo. Nos seus fluxos vamos encontrar as diferentes representações de cada momento histórico que se mostra em espaços construídos.

2.2 Periferia: uma forma particular e nada agradável de organização

Lúcia Valladares (1991) em seu texto *Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil*, faz uma rica análise do inchaço populacional das principais cidades brasileiras nas décadas de 50 e 60, afirmando que o grau e o ritmo de crescimento da urbanização ultrapassavam de muito o do desenvolvimento industrial, fazendo com que a dinâmica da indústria de transformação na criação de empregos se tornasse insuficiente para atender ao crescimento demográfico.

Acompanhando o processo de metropolização, assistiu-se ao que os cientistas sociais brasileiros denominaram de “periferização”: o crescimento rápido e desordenado das franjas metropolitanas a partir de processos de parcelamento do solo levados a cabo por pequenos e meios agentes imobiliários que se especializaram em “driblar” a legislação urbanística, criando loteamentos irregulares, muitas vezes clandestinos (Valladares, 1991, p. 102)

“Periferização” refere-se ao processo de segregação espacial, a população pobre e trabalhadora foi empurrada cada vez mais para longe da área central da cidade, confinados em espaços marcados pela escassez de serviços urbanos e infra-estrutura, tendendo a gastar uma parte significativa de seu tempo livre em longas viagens em transportes públicos de má qualidade. Essas condições seriam responsáveis pelas precárias condições de vida e saúde encontradas nas periferias metropolitanas que mesmo sendo um processo de décadas atrás não mudaram muito nos dias atuais.

Luana: A cidade como um todo é uma periferia. E a característica é muita gente jovem que se reúnem e saem à noite. Entendeu? Acho que é isso mais ou menos... A maioria dos moradores é pacata, são cidadãos. Trabalhadores que na maioria levantam cedo para ir trabalhar. Tem todo aquele lance de responsabilidade, do alimento, trazer compra pra dentro de casa. Os aspectos relacionados à saúde e educação aqui são um caos. Não existe nada disso. Existe, mas não funciona. É um abandono total! (referindo-se a cidade que desenhou retratando sua visão de periferia)

A categoria de periferia, que se diferencia dos moradores da favela (fenômeno urbano anterior a “periferização”), traz como novidade o fato de remeter não apenas a uma forma de morar que é diferente da favela (já que a densidade populacional é mais baixa e a distância do centro é maior), mas também a um modo dos indivíduos reconhecerem-se enquanto sujeitos e atores sociais.

Torres (et al. 2003) afirma que nas cidades brasileiras a pobreza tende a ser altamente concentrada em termos espaciais, sejam elas nas periferias ou nas favelas. No entanto, no Brasil a ênfase na literatura sempre esteve mais na

existência de desigualdades e injustiças na distribuição da renda e dos serviços públicos do que na separação dos grupos sociais. Esses dois elementos estão obviamente associados empiricamente, assim como se imbricam nos processos que produzem o espaço urbano. Segundo o autor, enquanto na literatura internacional há forte ênfase na questão da análise da homogeneidade de cada espaço em particular, no caso nacional essa dimensão está praticamente ausente, sendo o foco centrado nas desigualdades. Falar da Baixada é diferente de falar de favela, tanto geograficamente, estruturalmente e sobre as redes de sociabilidade que as marcam, apesar de em ambos contextos o fator pobreza ser predominante e ocuparem espaços tão próximos.

O processo de periferização de São João de Meriti começou com os loteamentos realizados na divisão das grandes fazendas realizadas no início do século XX, juntamente com a formação da cidade. Uma das conseqüências desses loteamentos é uma das características da organização das habitações da periferia, que são casas construídas em grandes terrenos, com árvores frutíferas, principalmente manga, jaca e abacate que com suas fartas sombras protegem quintais que geralmente possuem mais de uma casa. É comum encontrarmos várias casas “autoconstruídas”¹⁸ num mesmo terreno: “Os filhos vão casando e construindo casas nos quintais” (**Silas**, adolescente pesquisado).

As casas com o passar do tempo vão sofrendo transformações, são os “puxadinhos”, típicos da periferia. As constantes obras inacabadas são algumas características. As calçadas são tomadas com areia, terra de emboço e tijolos. Entulhos de obras, que quase nunca são tirados pela prefeitura, atrapalham a passagem. As casas vão aumentando de tamanho na medida em que a família vai trabalhando e juntando dinheiro. Primeiro, se prioriza o quarto e a cozinha, depois a sala, e só depois, mais quartos para separar as crianças do casal, outra cozinha, sendo a cozinha anterior transformada em copa (foram várias as vezes que ouvi e ouço referência a essa parte da casa). A sensação que tive é que quando se chega a ter uma copa, a casa já cresceu o suficiente e acolhe a todos que nela mora de forma satisfatória, passando o “puxadinho” para a parte externa da casa, como a construção de varandas e principalmente terraços.

¹⁸ Como “autoconstruídas” entende-se casas construídas sem nenhum planejamento técnico de engenharia ou arquitetura.

As periferias possuem particularidades. E uma das mais fortes é a qualidade de “cidade dormitório”. Percebemos que durante a semana, nas primeiras horas da manhã, um inchaço de pessoas lota os ônibus, trens e metrô, retornando muitas vezes, somente nos finais de semana. É nítida a diferença no ritmo da cidade com o passar dos dias. No meio da semana as ruas são ocupadas por mulheres, mães de família e crianças que se ocupam com os cuidados da casa e escola. Já no final de semana as ruas ganham ar de “folga”. Aqueles que trabalharam a semana inteira saem para aproveitar o dia de descanso. O cheiro é de churrasco feito na rua em comunhão com os vizinhos. As igrejas, principalmente as evangélicas, parecem ter atividades durante o dia todo, tamanho é a circulação de mulheres com saias até os pés e homens de terno com suas bíblias embaixo dos braços. As crianças em São João de Meriti ainda brincam na rua, sob o olhar de senhoras sentadas nas calçadas.

Ruas esburacadas e escuras, esgoto vazando, praças degradadas, muros pichados, terrenos abandonados cobertos de mato, entulho e lixo. São João não serviria como exemplo de qualidade de vida. As áreas centrais como o centro da cidade, onde fica localizada a igreja Matriz e nos centros dos bairros, ainda é possível notar benfeitorias em termos de conservação e limpeza do espaço público. São nessas áreas que se encontram as melhores casas, a “classe média” da periferia, mostrando que Baixada não é sinônimo único e exclusivamente de miseráveis. Nessas áreas há maior número de linhas de ônibus, o abastecimento de água é regular e os serviços de manutenção pública funcionam. São onde estão localizadas as melhores escolas públicas, com diretoras mais zelosas com a educação dos alunos, onde trabalham os professores mais assíduos e onde encontramos os serviços mais abrangentes de saúde.

2.3. Jovens pensando a cidade, na cidade e sobre a cidade

Como estratégia de trabalho e dentro do modelo metodológico que propus realizar, senti necessidade de saber como permeava no imaginário e no simbolismo dos jovens pesquisados suas concepções de cidade.

No término do nosso primeiro encontro, que teve como objetivo a apresentação da proposta desta pesquisa e a apresentação dos participantes, pedi para que os adolescentes se dividissem em três grupos, e dispondo de materiais tais como:

cartolina, canetas hidrográficas, lápis, borracha e giz de cera, pensassem em uma cidade e a retratassem em forma de desenho.

No encontro seguinte, pedi aos grupos que se reunissem novamente. Distribui os desenhos realizados no encontro anterior e que juntos, levantassem características (nome, localização, tamanho, pessoas que moravam ali...) das cidades que haviam desenhado. A partir daí entreguei a cada grupo “cartões problemas” contendo palavras chaves como saúde, emprego, esgoto, educação, habitação, lazer, policiamento, cultura, transporte, poluição, água, rede elétrica, lixo, comércio e convivência. Solicitei que pensassem como essas situações aconteciam naquelas cidades e como os habitantes lidavam com isso.

Cada grupo apresentou aos demais o que haviam desenhado, relatando todas as reflexões estimuladas. Durante as apresentações instiguei-os a realizarem um paralelo com o município de São João de Meriti, procurando diferenças e semelhanças entre as cidades que retrataram e a cidade que vivem.

Foram apresentadas três cidades: “Valeria”, “Paraíso” e “Pureza”. Três cidades distintas em suas estruturas e manifestações humanas. “Valeria” utópica, “Paraíso” a realidade da favela e da violência associada ao tráfico de drogas e “Pureza” uma cidade de periferia, suja e com pouquíssimos aspectos positivos.



Fig 1. Cidade Valeria



Fig 2. Grupo 1 (Fagner, Daniela e Francisco)

Fagner: Porque *Valeria* a pena se fosse sempre assim! Porque esta aqui é uma cidade só. Essa é a cidade dos opostos. É um contraste, e ao mesmo tempo a grande característica dessa cidade é exatamente a questão dos opostos. Aqui tudo é oposto: as pessoas, o modo de pensar, tudo!

A surpresa foi de todos diante de um desenho diferente. O grupo havia desenhado duas cidades numa só cidade. De um lado o progresso, a velocidade, as grandes indústrias e o dinheiro. Prédios de estruturas esquisitas e tracejadas de lápis cinza e sem cor, marcando a poluição. Do outro lado, uma cidade verde, simbolizada pelas construções no alto da árvore, peixes nos rios, céu azul... foi denominada por eles como sendo o lado sadio. Faziam questão de ressaltar que todos naquela cidade tinham a mesma condição sócio-financeira e liberdade para escolherem em qual lado da cidade gostariam de morar e trabalhar.

Daniela: Essa é a cidade que a gente idealizou. É a cidade que a gente quer que exista. Os lados são diferentes, mas os valores são diferentes também. A divisão dessa cidade se dá pelo aspecto dela.

Perguntei se acontecia algo semelhante em São João de Meriti, se eles percebiam diferenças dentro da cidade. E foi nesse ponto que todos concordaram que há diferenças, principalmente em termos de interesse público, como menciona Fagner:

Fagner: O que eu percebo muito são as diferenças entre os lugares marcados pelos monumentos. Por exemplo, aqui tem a Praça da Bandeira. Em torno dela você tem a diferença nos aspectos físicos. Lá é o centro onde a galera senta pra trocar uma idéia. É o centro de convivência, tem o centro do comércio, tem a padaria, a farmácia. Hoje eu estava vendo o jornal, e acho que foi em Japeri. Os ônibus não estavam indo até o ponto final porque o saneamento básico estava péssimo! As ruas estavam um caos. E a conclusão que chego é essa: Onde tem monumentos tem melhorias.

A sujeira e a violência foram retratadas nos grupos 2 e 3. Diferentemente da utópica cidade “Valeria”, onde até as diferenças mais acentuadas são toleradas e todos vivem em harmonia. Os demais grupos ressaltaram cidades confusas, sujas, desorganizadas e marcadas principalmente pela presença do tráfico de drogas. Ressalto as marcas das pichações nos prédios. Em São João isso é muito comum. As facções marcam nas casas o seu domínio, delimitando suas atuações. Para saber qual facção “comanda” determinado local é só estarmos atentos às pichações, eles marcam nos muros as iniciais dos nomes a qual pertencem, sendo as mais comuns o Comando vermelho (CV) e Amigo dos amigos (ADA), marcas essas retratadas nos desenhos dos grupos 2 e 3.

A cidade representada pelo grupo 2 chama-se “Paraíso”, segundo o grupo, quando ela foi fundada, e então escolhido esse nome, o “carinha” que o escolheu não esperava que ela fosse ficar desse jeito.



Fig 3. Cidade Paraíso



Fig 4. Grupo 2 (Luana, Silas e Estefani)

Silas: Na verdade ele pensou numa coisa muito boa e por isso botou o nome de “Paraíso”. Mas hoje o nome não justifica isso.

Paraíso tem um prédio em estado de depredação, uma favela no centro com várias casinhas uniformes em tamanho e formato. Ela é atravessada por um tiroteio, sob aclamações de que: “Quem manda é o C.V., otário!”, e do outro lado promessas de que “vai ter volta”. No fogo cruzado mães pedindo para que seus filhos se abaixem e por fim, na espreita, no alto de uma casa, cinco jovens que soltam pipa, fumam maconha e curtem a onda da droga (“Porra tô quase no céu! Maió viagem!”), assistem a tudo.

O que chama atenção no desenho é o cemitério. Situado juntamente com a favela, em traçados cinza do lápis e também sem nenhuma cor. Este ocupa em espaço a mesma proporção que as casas, marcando a presença constante da morte ocasionada principalmente pela guerra do tráfico.

Paraíso de fato não é nenhum paraíso. “A única coisa que tem de bom é o sol” (afirma **Catarine** quando pedi que pontuasse algum aspecto positivo), **Silas** ressalta que os jovens ali são unidos, e que tudo que eles fazem é feito em grupo, sendo essa a forma de se defenderem “das coisas ruins”. **Wanderson** acredita que dentro daquele prédio exista pelo menos duas famílias que lutam pela paz.

Segundo os adolescentes, “Paraíso” não tem muita coisa a ver com São João. Mas acredito que essa foi uma resposta impulsiva, como não querendo assumir o que estavam falando. Logo em seguida afirmam que saúde, educação e limpeza são coisas que em São João também não era bom, como em “Paraíso”, mas que existiam lugares piores. Percebi uma conotação de conformismo, uma espécie de limbo, ressaltando que São João não era tão bom, mas também não era tão ruim.

Silas: Aqui não é nenhuma rocinha!

Aqui não é tiroteio constante, violência constante. Eu acho que não! Eu acho que os aspectos ligados à saúde e educação além dos outros são meio parecidos. Mas também não é o pior.

Transporte caminha! Mas assim... não é o pior também, como é aqui no "Paraíso". Acho que tudo aqui em São João caminha, está assim... no meio. Não está bom demais, mas também não é o pior!

Wanderson: Aqui em São João existe guerra sim! Mas é como em todo lugar. A gente não pode colocar São João como um dos piores lugares, como favelas. Não podemos nos comparar como uma Rocinha ou Dendê!

Tiro tem em todo lugar, isso virou coisa freqüente. Se você for olhar para os outros lugares, nem precisa ir longe, como em Nova Iguaçu, tem lugares piores!

A grande característica desse grupo de adolescentes, integrantes dessa pesquisa, é o fato de serem jovens conscientes e reflexivos. São jovens que são estimulados o tempo todo a pensarem criticamente sobre a realidade de suas vidas e do espaço que ocupam. Eles fazem parte dos grupos de cultura da *Casa da Cultura*, ong que tem grande importância política e cultural em São João. Sendo assim, esses jovens são muito atuantes nas questões sociais do seu município. As peças que apresentam em eventos pelo estado falam de suas realidades enquanto moradores da Baixada, levantando questões sobre o combate a fome e o combate à violência. Portanto, são jovens que se encontram em processo contínuo de questionamentos sobre suas condições de moradores de um município estigmatizado pela pobreza, que os fazem atuantes não apenas nas peças que representam, mas na vida que levam.

Por serem conscientes de suas condições de vida na cidade que moram, por serem jovens e por se encontrarem no processo contínuo e acelerado da construção de suas identidades é preciso estar atento em como eles estão relacionando todas essas questões. É impossível falar de identidade sem falar de sociabilidades e vice-versa. A identidade pode ser entendida como um conjunto de representações que a sociedade e os indivíduos constroem sobre algo que dá unidade a uma experiência humana, múltipla, facetada, tanto no plano psíquico como no plano social (Marques, 1997). Tanto a juventude, quanto a identidade são construídas de formas diversas, segundo as diferentes sociedades, o lugar social que o sujeito ocupa, os conjuntos de valores, idéias e normas, que irão formar seus instrumentos de leitura para a interpretação do mundo.

Assim, cada sujeito de acordo com seu contexto sócio-histórico e a partir desses referenciais, vai organizando a sua percepção da realidade. A identidade de

alguém, de um “si mesmo”, é sempre dada pelo reconhecimento de um “outro”, ou seja, a representação que o classifica socialmente (Sodré, 2000, p.34).

A ênfase em destacar que São João não é igual a uma favela e que entre os municípios da Baixada, São João é melhor, aproxima nossos adolescentes do processo de identificação que possuem em relação a sua cidade. “Não somos tão bons, mas também não somos tão ruins” (**Wanderson**).

Wanderson: Eu acho que quando tem uma melhoria para a cidade os próprios moradores não buscam ver o lado positivo da coisa. Só vêem o lado mal, e procuram sempre criticar. Seja qual for o assunto, sempre vão falar mal. Fala das escolas, falam mal das escolas. Fala da chuva, falam mal dos valões. Tudo que fala é só coisas ruins. Até porque como não somos uma população rica, temos que ver o lado bom das coisas.

Wanderson foi o jovem que mais se incomodou quando os assuntos referentes às carências do município foram colocados em pauta. Enquanto os demais jovens concordavam que São João não é o pior dos municípios, conseguiam também rir e brincar com os defeitos da cidade, enquanto que **Wanderson** mostrava-se indignado pelo grupo só dizer coisas ruins. Mas a frase: “Até porque como não somos uma população rica, temos que ver o lado bom das coisas”, trás um conformismo angustiante.

É lamentável perceber que sujeira, descaso público e violência estejam se tornando um processo natural e inerente na realidade desses jovens. Isso talvez se explique por já nascerem nessas condições, serem criados sem uma perspectiva de melhorias e aprendidos que é isso que a vida lhes oferece, cabendo-os aceitarem e ainda serem otimistas e conformistas com o pensamento de que poderia ser pior!

O terceiro grupo desenha uma cidade numa perspectiva mais ampla. Não é utópica como a primeira, nem uma favela como a segunda. É uma cidade de periferia, com prédios públicos como cadeia, hotel e hospital, rodovias e ao fundo uma favela, não tão em destaque como a do grupo anterior. Marcada pela sujeira, o desenho também é rabiscado e remete a cenas de violência como a marca de um corpo no chão riscado em giz, parecido com a forma dos procedimentos de investigação de assassinatos. A natureza resiste meio à poluição, as flores, apesar de murchas, teimam em sobreviver. Nas janelas do prédio, mães com crianças, destaque para a mãe grávida que segundo o grupo é uma adolescente e na janela superior uma mãe espancando o filho.



Fig 5. Cidade Pureza



Fig 6. Grupo 3 (Catarine, Camila e Beatriz)

O nome da cidade? “Pureza”. **Camila**, apresenta a cidade, em tom de ironia, dizendo: “Como vocês podem ver é Pureza total”!

Esta cidade, para esse grupo, assemelha-se em alguns aspectos com São João de Meriti. A sujeira e a presença das facções representam o que tem em comum, quando se analisam os aspectos negativos. Já como aspecto positivo, apresentam em comum a filial da *Casa da Cultura*, que, segundo eles, representa a juventude que como a de São João, vai atrás de cultura.

Beatriz: A única coisa boa que tem aqui é a *Casa da Cultura* e esse homem jogando lixo no lixo. Aqui só tem coisas ruins, como essa mãe batendo no filho e as facções que deixam essa cidade violenta assim. Essa moça aqui tem até pânico, olha o cabelo dela arrepiado!

Catarine: O que tem em comum com São João são os adolescentes que procuram a *Casa da Cultura*, atrás de cultura.

Ir para a *Casa da Cultura* tornou-se para esses adolescentes uma espécie de fuga e de busca de sentido, concretizando uma esperança ou um desejo de bem-estar. Eles se referem a Ong como “casa”, sendo o lugar que passam grande parte do seu dia.

Ir para a *Casa da Cultura* constitui uma das dinâmicas dos circuitos desses jovens dentro da cidade. Segundo Magnani (2005) em seu texto *Os circuitos dos jovens urbanos*, em muitos estudos sobre jovens, a cidade (tomada como pano de fundo para as suas práticas culturais) é apresentada como um cenário indiferenciado para seus fluxos ou então atomizadas, repartida em fragmentos. Em ambos os casos, como um ambiente inóspito para as formas mais amplas de troca de

comunicação. O autor buscou enumerar as ditas “tribos urbanas”¹⁹ (pichadores, *punks*, góticos, skatistas, etc.), e constatou que esses grupos se apropriam da cidade e utilizam seus equipamentos de acordo com as normas e valores que fundamentam escolhas muito preciosas. Estar na cidade é viver sendo também uma busca contínua no processo de identidade. A identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou a qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão social (Bossé, 2004, p. 161).

Entender como esses jovens apropriam-se da cidade é mais fácil quando percebemos mais de perto as particularidades de São João de Meriti. Lá ainda se preservam hábitos perdidos nos grandes centros. No interior dos bairros ainda se encontram mulheres conversando nas calçadas e crianças brincando nas ruas. Em dias dos santos Cosme e Damião as crianças circulam livremente, sem a proteção dos seus pais, em busca de doces nas casas da vizinhança. Quando falta energia, todos saem às ruas, sentam em seus portões e esperam a volta da luz. Os carros disputam lugar com as bicicletas, e ir à praça ainda é um hábito para esses jovens. Em São João tem festas nas ruas, que quando não são promovidas pela prefeitura são organizadas pelos próprios moradores que comemoram Ano Novo, Festas Juninas e Carnavais.

Falar de casa e rua, duas categorias fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira, segundo o antropólogo Roberto DaMatta (1985). E de público e privado, concepções analisadas profundamente por Sennet (1988), remetem a vivências, convivências e sociabilidades do homem com seus espaços pessoal e coletivo.

O mundo da casa é aquele regido pelas relações pessoais, ao passo que o da rua é o regido pela “letra dura da lei” (DaMatta, 1985, p. 17). Para que se construa o cotidiano, os indivíduos comumente englobam a casa na rua e vice-versa. Ou seja, recria-se no espaço público. No lugar da casa, cada indivíduo é um “supercidadão”²⁰, com seus deveres e, sobretudo, direitos bem garantidos, preservados e delimitados, por ser mãe, esposa, filho ou marido. Mas existe aí uma interseção quando se faz esse englobamento. Na vida prática, cotidiana, do senso

¹⁹ Ver também Abramo (1994) e Ventura (1994)

²⁰ DaMatta (1985, p. 16) usa o conceito de “supercidadão” para referir-se à forma como cada indivíduo age dentro de suas casas no que diz respeito aos seus direitos e deveres, que seriam exacerbados no ambiente doméstico.

comum, há um ponto de passagem, que DaMatta representa pelo símbolo & (Casa&rua).

O espaço público se constituiu como medida que transcende a vida pessoal de cada um, o que implica na capacidade de vermos as coisas não apenas do próprio ponto de vista, mas se orientar pelo domínio do público. As formas de sociabilidade são regidas pela pluralidade humana e suas experiências. Apesar de nas grandes metrópoles observarmos cada vez mais a acentuação das características da diferenciação dos comportamentos humanos delimitados entre público e privado, em São João ainda há um limiar tênue desses dois espaços.

Em São João a rua é a extensão da casa. Os vizinhos, na maioria das vezes se tornam amigos, constituindo um vínculo moral do mesmo tipo que os da família. Tamanha aproximação proporciona compartilhamento das dificuldades mas também muitas intrigas quando esses laços são ameaçados ou pela invasão de aspectos muito íntimos de cada família, ou quando se rompe a confiança como a não devolução de objetos emprestados. “Aqui as pessoas começam a brigar em casa e terminam na rua com todo mundo olhando” (**Luana**).

A relação com os vizinhos é algo muito importante, são eles que garantem muitas soluções aos problemas como empréstimo de dinheiro, caneca de açúcar e cuidados de uns com os filhos dos outros quando não se têm parentes próximos que possam cuidar dos mesmos. Ao contrário do que tem acontecido nas grandes cidades, onde não se conhecem ou se estabelecem relações muito superficiais com os vizinhos, em São João de Meriti os vizinhos são sinônimos de amizade e de companheirismo.

Como seu igual, o vizinho torna-se seu espelho, o “real-imediato” que serve de parâmetro para a elaboração de sua identidade social. Neste jogo de espelhos que caracteriza a elaboração de identidades sociais, há ambivalência dos moradores em relação a seus pares, permeando as relações de vizinhança. Num processo que não é unívoco, solidariedade e rivalidade caminham juntas (Sarti, 1996, p. 92).

A adolescência é marcada pela descoberta da criança de um outro mundo que se expande ao familiar. A cidade é descoberta, e o jovem passa a se relacionar com ela. Uma vez na rua, ele passa a trilhar seus percursos, criando circuitos que possibilitam identificar e construir totalidades analíticas mais consistentes e coerentes com os objetos de análises (Magnani, 2005, p. 177). Saber por onde o jovem circula, como circula e o que sofre nessa circulação permite também

extrapolar o espaço físico da cidade, proporcionando recortes não restritos a seu território.

Estefani: A turma que eu ando sempre usa roupa preta e coisas de rock. Aí a gente tava lá perto da prefeitura, aí apareceu um monte de cara tudo mal encarado e quis meter a porrada na gente. A gente saiu correndo pra não apanhar! Eles acham que ali só eles que mandam. Isso tudo só por causa do estilo de musica que a gente gosta. Hoje em dia não se vê mais ninguém do rock lá. Os funkeiros iam com armas pra lá e batiam em todo mundo.

Wanderson: Mas esse negócio de violência tem com os próprios policiais. Uma vez eu estava com meu amigo, e eu não gosto muito de funk! Mas fui com ele pra ver como é essa coisa. Aí pegamos o bonde aqui na Praça da Bandeira. Quando chegou num certo lugar, tinha uma blitz de policiais e mandaram o ônibus parar. Perguntavam de onde éramos, dissemos que éramos da Praça da Bandeira e tal, aí eles mandaram todo mundo descer.

Tinha chovido muito, a rua tava cheia de poça de lama. Aí eles pegavam, e mandava uma pessoa escolher outra para fazer covardia. Mandava um bater na cara de não sei quem, entendeu?

Tava todo mundo arrumado, estávamos indo para o baile. Aí graças a Deus pra mim, eles mandaram eu escolher alguém, escolher alguém que estava no bonde para deitar e rolar na lama.

O que eu fiz?!

Eu nunca tinha ido nesses bailes, nem pegado esses bondes. E eu com medo de pegar a pessoa errada, fiquei na duvida sobre quem eu ia escolher para rolar na lama!... e se quando eu chegasse aqui na Praça da Bandeira ela quisesse me pegar? Eu acabei botando meu amigo para rolar... Era mais fácil eu me entender com ele do que com outra pessoa!

E ele rolou! Se não rolasse, apanhava!

Em diversos momentos da pesquisa pude constatar que os jovens se sentiam eufóricos em relatar com riquezas de detalhes os casos de assaltos, mortes e violência que presenciavam. Apesar de **Wanderson** não ter gostado de ter vivido esta situação, ele a contou de forma natural, como se não tivesse nada de anormal nisso. Numa ação violenta, esses jovens buscam reverter os signos visíveis de desvantagens no jogo da inserção social (Cassab, 2001) e, sorrindo, negam o sofrimento diante do dano causado.

A cultura jovem, tece-se nos diferentes espaços sociais dos quais os jovens participam, sendo o principal: a rua, onde se constitui uma cultura voltada para os diferentes modos de utilização do tempo livre. A rua é tanto acolhedora, ponto de encontro dos iguais, momentos de prazer e lazer como os encontros na praça e nos bailes, como também de perigo, principalmente por se tratar de cidades violentas marcada pela justiça dos traficantes e policiais incoseqüentes.

Na concepção de Cassab (2001, p. 211) a cidade é como “outro” , como um espelho que dialoga com o sujeito na produção de si mesmo, favorecendo

identificações e permitindo reconhecer-se através da imagem que devolve. A cidade é, portanto, realização humana e assim se torna um fazer intenso e ininterrupto, o lugar do encontro e do produto do próprio encontro. A cidade ganha teatralidade e não existe dissociada da gente que lhe dá conteúdo e determina sua natureza, trazendo no corpo das pessoas os códigos visíveis de vantagens e desvantagens no jogo da inserção e interação social.

Talvez seja esse um dos motivos que fizeram nossos adolescentes defenderem sua cidade, sempre na tentativa de amenizarem seus aspectos negativos, comparando com lugares piores. Eles pertencem a essa cidade, circulam com ar de familiaridade, sentem-se protegidos. Mas ao mesmo tempo é inevitável não se compararem com outras realidades, com outras cidades, com outras condições de vida, todas mais benéficas que as deles, que apesar de se sentirem bem onde moram estão a mercê do descaso do poder público e da violência.

A periferia é muito feia. Os jovens que habitam essas regiões, em muitos casos, sentem-se envergonhados de mostrar suas residências. A imagem é sempre impregnada de negativismo, desvantagem em relação aos outros bairros e, conseqüentemente, às *outras* pessoas. Eles demonstram isso num discurso misto de revolta e orgulho: revolta por estarem “abandonados” nessa situação e orgulho pela tentativa de impor-se por esse negativismo (Spagnol, 2005, p. 289)

A cidade “Valeria” representa a utopia das diferenças convivendo no mesmo espaço. A cidade “Paraíso” marca a violência, representando a conjuntura de uma favela. Já “Pureza” é uma cidade de periferia com todos os aparatos de uma cidade urbana vista sob um olhar extremamente pessimista. Juntas refletem as influências dos modelos de cidade que a sociedade e os tempos atuais estão produzindo para esses jovens. Cidades sujas, sofridas e utópicas foram representadas.

Ao pensarem em cidades apenas sob os aspectos negativos e fantasiosos, esses jovens foram aos dois extremos demonstrando um desequilíbrio. Foi retratada a realidade da pobreza, o descaso dos órgãos públicos, a cidade que os oprime, põe medo e ameaça, mas também a cidade que os protege, que os acolhe e que lhes proporciona lazer, amizade e liberdade. As influências desse contexto e como esses jovens se percebem e planejam o futuro é o que iremos abordar nos próximos capítulos.

Luana: Eu não gosto de estudar, mas gosto da escola, gosto dos amigos que tenho lá. Eu não gosto de ser pobre, mas gosto de morar em São João, tenho muitos amigos aqui e é isso que importa!

CAPÍTULO 2

Lápis e Borracha

Mês de março, tinha 13, ia fazer 14 no dia seguinte. No mesmo dia que o pai recebia o salário da fábrica de parafusos. Sabia a senha do cartão do pai porque ele sempre soletrava para não esquecer. Gravou. Ainda bem que o pai não lembrou que era seu aniversário. Como sempre pegaram o ônibus juntos. Tchau, pai. Desceu no ponto da escola mas não entrou. Sabia que o dinheiro estaria na conta às 11h30 e a aula ia até 13h30. Não podia esperar senão chegaria em casa atrasada e a mãe podia perceber. Pegou um ônibus pro centro da cidade, sabia que tinha todos os bancos lá. Meio-dia em ponto já estava com o dinheiro todinho dentro da mochila. Voltou pra escola e esperou sua turma sair para pegar a matéria. Mentiu dizendo que chegou atrasada. Pegou o ônibus no mesmo horário e chegou em casa pontualmente às 14h10. Pegou o cartão magnético do pai e jogou debaixo do colchão de casal. Escondeu o dinheiro dentro do tênis velho que ficava enfiado debaixo do tanque. Jogou uma meia velha por cima e esquentou a comida. Sabia que o pai nunca poderia lhe dar nenhum presente legal. Era tudo contadinho. A mãe nunca lembrava. Só depois de uns dias, e daí dava um beijo chocho, sem graça. Então resolveu se dar um presente para o resto da vida. Durante dois meses pôde ter o que quis. Comprou vários lanches na cantina da escola, foi quatro vezes ao cinema assistir ao mesmo filme e comprou camisinha, ob. e revista de mulher pelada. Ficou tão triste quanto o pai, mas teve uma felicidade que jamais lhe dariam por toda a vida. Jamais pensou em contar a verdade ao pai. Pena que o pai chorou. Sabia que ele não desculpava. Passou o resto do ano sem pedir nada, nem tênis nem lápis nem borracha.

(Maria Tereza Moreira Jesus)

3. O tempo presente: demandas, desejos, limitações e frustrações dos jovens na conjuntura contemporânea

Vivemos numa época em que o declínio das tradições e a aceleradíssima pluralização de valores e referenciais identificatórios, alimentada por uma poderosa indústria do consumo e da mídia, imperam nas sociedades ocidentais contemporâneas nos obrigando a pensar sobre um novo modo de constituição das subjetividades.

A modernidade²¹ iniciada e identificada com a industrialização, a urbanização e o progresso, regados pelos valores econômicos e das novas tecnologias, foram paulatinamente acolhidos pela sociedade provocando mudanças importantes em todos os níveis do entendimento humano. Viemos experimentando um bombardeio de sensações, marcando as transformações do tempo e do espaço. São características de uma realidade que muitos de nós conhecemos de perto, mas que muito provavelmente sequer saberíamos colocar em palavras há poucas décadas atrás (Nicolaci-da-Costa, 2004, p. 83) porque nós ainda estamos nesse processo de transformação, estamos vivendo esse presente de grandes modificações tanto das estruturas individuais quanto das estruturas coletivas provocados pelos tempos modernos.

Na hipermodernidade, não há escolha, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela “evolução”: o culto da modernização técnica prevaleceu sobre a glorificação dos fins ideais. Quanto menos o futuro é previsível, mais ele precisa ser mutável, flexível, reativo, permanentemente pronto a mudar, supermoderno, mais moderno que os modernos dos tempos heróicos. A mitologia da ruptura radical foi substituída pela cultura do mais rápido e do sempre mais: mais rentabilidade, mais desempenho, mais flexibilidade, mais inovação. Resta saber se, na realidade, isso não significa modernização cega, niilismo técnico-mercantil, processo que transforma a vida em algo sem propósito e sem sentido (Lipovetsky, 2004, p.57).

O termo pós-moderno utilizado por alguns autores na urgência de um “diagnóstico de nosso tempo”, como afirma Featherstone (1996), alude ao processo de fragmentação e colapso culturais, além da “confusão das identidades” e da “estetização da vida cotidiana”.

Saber o que está acontecendo no íntimo das pessoas em um momento de aceleradíssimas mudanças como o atual e captar os processos de transformações internas gerados pelas constantes mudanças dos novos tempos é um desafio. Parto

²¹ Ver Arendt (1993), Bauman (1999), Baudelaire (1996), Berman (1996), Certeau (1998), DaMatta (1991), Guiddens (2002), Kellner (2001), Hall (2001), Harvey (1989), Lipovetsky (2004), Santos (1997 e 200), Sarlo (2000), Sennett (1998 e 2001), Simmel (1987).

da premissa que o jovem é um “trabalho psíquico” cuja emergência responde a uma necessidade de estrutura. Ao *adolescer*, o jovem entra marcado pela modernidade, e ao realizar/superar seu “adolescimento”, ele vai se constituindo enquanto homem adulto no mundo, estabelecendo suas escolhas, experimentando a realidade e se confrontando consigo mesmo e com o grupo que convive.

Segundo Abramo (1997) a juventude, de um modo geral, tem sido uma categoria que simboliza os dilemas da contemporaneidade tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico. Isso se dá por ser a juventude uma categoria geracional que substitui a atual, tornando-se um retrato projetivo da sociedade, sendo a mais fiel representação do tempo presente. O trabalho, a escola, os valores e a política são alguns dos elementos centrais das transformações dos processos da modernidade, e os jovens, mais do que as outras faixas etárias, participam diretamente dessas mudanças porque se trata de uma história que está em transformação paralelamente com suas evoluções.

O próprio termo adolescência é um termo oriundo do advento dos anos modernos. É no século XVIII²² que aparecem as primeiras tentativas (múltiplas e convergentes) de se cristalizarem socialmente as idades da vida.

O que tivemos inicialmente foram mudanças em nível familiar, especificamente na família burguesa, com uma nova redefinição do lugar da criança no interior da família. A criança passava a ser objeto de atenção particular e alvo de um projeto educativo individualizado, que de certo modo qualifica o lugar que ela viria posteriormente ocupar na sociedade adulta, marcando uma nova importância assumida pelos vínculos afetivos e de escolarização.

Em segundo lugar, a cristalização das idades supõe uma progressiva exclusão da criança do mundo do trabalho. O aprendizado, forma geral de iniciação ao trabalho que selava precocemente o fim da infância e marcava a entrada na vida adulta, era praticado, diz Áries (1981, 255), em todas as camadas da população. À medida que a escolarização se difunde, ela tende a subtrair segmentos progressivamente mais amplos da população infantil das injunções do trabalho, retardando a entrada na idade adulta. Desse ponto de vista, também a experiência das sociedades industriais no século XIX, introduz elementos novos que aceleram

²² O trabalho de Philippe Áries (1981) ao avaliar a construção do conceito infância e adolescência não propõe uma perspectiva evolucionista dos termos. Ele sabe e afirma que a especificidade da juventude foi reconhecida em outros tempos e em outras sociedades, anteriores à era medieval. Mas ressalta a particularidade do vínculo social através do qual a juventude aparece como configuração própria da experiência moderna.

essas transformações históricas, institucionalizando as diferentes fases da vida por efeito da ação do Estado.

No texto de Karl Marx (1866), intitulado *Trabalho, Juventude e Educação Politécnica* (1968), podemos perceber essa mudança no *início* do movimento disposto a poupar crianças e adolescentes do trabalho nas fábricas, e também o estímulo à educação e ao bem-estar das mesmas:

Essa combinação do trabalho produtivo pago com a educação mental, com os exercícios corporais e com a aprendizagem politécnica, elevará a classe trabalhadora a um nível bem superior ao das classes burguesa e aristocrática.

Está subentendido que o emprego de toda criança ou adolescente de 9 a 18 anos em todo trabalho noturno, ou em qualquer indústria, cujos efeitos são prejudiciais à saúde, deve ser severamente impedido pela lei (Marx, 1968, p. 18).

A adolescência, portanto, é uma construção social e cultural (Levi & Schmitt, 1996, p. 8). É a idade limite, situada entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, um período de mudanças e inquietudes ligadas ao âmbito orgânico e comunitário.

Segundo Britto (1968) os estudos científicos referentes às idades infantil e juvenil, bem como os inícios de um empirismo sociológico, datam do século XVIII²³. Na Psicologia, o estudo voltado para a adolescência iniciou-se com Stanley Hall, um dos grandes pioneiros da Psicologia americana (Gallatin, 1978, p. 25), que em 1904 publicava o livro intitulado *Adolescência*, livro hoje considerado ultrapassado e irrelevante pela maioria dos estudiosos do tema.

A adolescência normalmente tem sido conceituada na Psicologia a partir de perspectivas naturalizantes, como sendo apenas mais um período natural do homem contribuindo para a desvalorização da juventude em nossa sociedade, ocultando muitas vezes sua construção social (Gallatin, 1978). Tal concepção naturalizante do adolescente tem uma marca forte da abordagem psicanalista (Aguiar, Bock e Ozella, 2002) que ressalta como característica as angústias e rebeldias vinculadas à emergência da sexualidade.

Podemos afirmar ainda que duas idéias básicas costumam estar presente nas concepções modernas de juventude. A primeira concepção consiste em considerá-la uma fase de passagem no ciclo da vida, situada entre o período de dependência,

²³ O trabalho de Philippe Áries (1981) constitui provavelmente o marco mais importante da retratação dessa tomada de consciência. Ao afirmar o caráter tardio da emergência do sentimento de infância e sua natureza eminentemente moderna, ele distingue também (p. 6) o tipo particular de vínculo que liga adultos e crianças nas eras moderna e pré-moderna.

que caracterizaria a infância, e posteriormente, a autonomia da vida adulta. E a segunda concepção atribui aos jovens uma predisposição natural para a rebeldia, como se esses fossem portadores de uma essência revolucionária.

A concepção de juventude como passagem²⁴ parte do reconhecimento de que se trata de um período de transformações e por isso de buscas e definições de identidades²⁵ de valores e idéias, de modos de se comportar e agir. Disto decorre a percepção da juventude como momento de instabilidade: intensidade e arrojamento por um lado, turbulência e descaminhos por outro. A resposta mais evidente a essa percepção sugere que tal momento de transição deva ser centrado na preparação para a vida futura.

Já a concepção de juventude como rebeldia, se deu principalmente na tradição do pensamento da esquerda, criando-se uma forte relação entre a ausência de compromissos sociais já estabelecidos (dada pela “suspensão” temporária das funções e responsabilidades), com uma maior disponibilidade dos jovens às mudanças cultural e política. Assim, a juventude passou a ser definida como tendo por essência ser revolucionária²⁶, sempre pronta a propor utopias transformadoras – concepção já presente no início do século XIX, na esteira da Revolução Francesa, que se renova e se consolida nos anos 60 do século XX, com a mobilização juvenil, de dimensão internacional, em questionamento a padrões culturais e comportamentais, expressos nas imagens dos *hippies* em comunidades alternativas ou dos estudantes em passeatas.

Ocorre que essas concepções, em separado ou tomadas como complementares, são insuficientes para se fazer qualquer diagnóstico ou consideração sobre os jovens no Brasil de hoje. Por um lado, a maioria deles não tem condições de se verem livres de obrigações e compromissos de ordem econômica e familiar, estando longe de terem suas vidas centradas nos estudos. O primeiro enfoque, que vê o adolescente apenas como uma fase da vida, pouco consegue se desprender da imagem do “anti-jovem”, marcados pelos dramas, riscos

²⁴ Ver as obras referentes a Psicologia do Desenvolvimento: Blos (1966), Campos (1977), Dolto (1970), Dorin (1978), Gallatin (1978), Lacerda & Lacerda (1999), Rapport (1981-82).

²⁵ O primeiro autor a utilizar o termo Crise de Identidade foi E. Erikson (1976), porém, o próprio autor ressalta a necessidade de ver a crise não como sinônimo de catástrofe, mas algo para designar um ponto decisivo e necessário, um momento crucial, quando o desenvolvimento tem de optar por uma ou outra direção, escolher este ou aquele rumo, mobilizando recursos de crescimento, recuperação e nova diferenciação. Isso é comprovadamente aplicável a muitas situações: a uma crise no desenvolvimento individual ou ao surgimento de uma nova elite, na terapia de um indivíduo ou nas tensões da rápida mudança histórica (p. 14).

²⁶ Ver Zaneti (2001), Levi & Schmitt (1996) e Britto (1968).

e desvios, cunhando a imagem de um jovem ora como vítima, ora como produtor de gravíssimos problemas sociais.

O fato de a juventude representar os problemas da contemporaneidade e a efervescência de suas idades, tem levado as ciências humanas a privilegiarem o exame da juventude sob a ótica do negativismo:

Os excessos juvenis, tomados como impulso da desordem urbana, colocaram em movimento esforços de disciplinarização. Associadas aos comportamentos disfuncionais, as pulsões da juventude tornaram-se foco da assepsia social que queria o controle e a correção dos vícios, e nesse percurso as ciências reforçaram ao longo dos anos a percepção de que boa parte das mazelas sociais poderia ser creditada na conta da juventude e de seus anseios de diferenciação. Firmou-se no imaginário social a associação entre a juventude e as grandes questões de cada tempo: no século XXI, quando grassam as preocupações com o individualismo exacerbado e a criminalidade crescente, o jovem emerge como individualista e responsável, em grande parte, pela criminalidade urbana (Gonçalves, 2005, p. 208).

Analisando a adolescência pelo segundo enfoque (o da rebeldia e essência revolucionária), também se tem a impressão de que a atual geração de jovens, apresenta-se como negação da essência juvenil, concebida como rebeldia: comparados com as gerações anteriores, dos anos 60 e 70, sempre lembradas miticamente como se em sua totalidade tivessem se envolvido nas mobilizações por mudanças. Neste sentido, os jovens de hoje parecem estar no pólo oposto do compromisso político e da postura rebelde e revolucionária.

A sociedade tem vivenciado transformações profundas em seus meios de produção, comunicação e apropriação do conhecimento, e nada mais justo que os comportamentos dos jovens também mudassem. Dentro desse cenário, destaco aqui um enorme contingente de jovens que apresentam limitações para sua plena inserção social, decorrente de situações mais diversas, como baixos níveis educacionais, insuficientes qualificações profissionais e dificuldades de acessos aos novos conhecimentos. O adolescente que mora na Baixada Fluminense, por exemplo, apresenta todas as características físicas e conflitos internos e externos típicos da sua condição etária, mas por outro lado sofre diferenciações específicas de sua condição social como a desvalorização do seu território.

Falar de adolescência e pobreza remete-nos pensar em violência, drogas, tráfico, evasão escolar, além de assuntos também característicos de qualquer adolescência, independente da classe social, como gravidez precoce, uso de drogas e etc. A combinação de ser adolescente e pobre é uma condição que remete quase

sempre a um negativismo, até porque é quase impossível termos uma visão positiva da pobreza que não seja conformista.

Os adolescentes pesquisados, por serem freqüentadores de grupos culturais, ocupam seus dias com projetos concretos de trabalho e conscientização de suas condições humanas, de seres de direitos e deveres, mostrando um grande diferencial do estereótipo de jovens de periferia ou de comunidades carentes que permeia o imaginário coletivo.

Ser pobre faz parte de suas condições de vida. Nasceram pobres e a cidade em que moram predominam: a paisagem da sujeira, a alta densidade populacional, pais acordando cedo para irem trabalhar, mães faxineiras que vieram do nordeste tentar a vida no “Rio”, falta de dinheiro, pais separados, histórias de bebedeiras, violência e escolas sem professores. Sendo essa a forma como esses adolescentes cresceram e viveram.

De todos apenas **Estefani** e **Beatriz** têm os pais morando juntos. **Fagner** e **Camila** nasceram no nordeste, Pernambuco e Maranhão, respectivamente. Ambos sentem muita falta da família que lá ficou, mas afirmam que a vida aqui é melhor. **Silas** foi obrigado a morar um tempo com seu pai porque sua mãe não tinha condições de sustentá-lo, sofreu muito, não queria ficar longe dela, não gostava da favela que foi obrigado a morar, chorava muito, arrumou muita confusão, largou a escola, mas hoje é feliz por estar morando com ela novamente. **Estefani** tem um irmão que está casando com uma menina que está grávida e irão morar todos na sua casa. Seu irmão não trabalha e estudou pouco. Ela se mostra indignada por sua mãe ter que sustentar mais duas pessoas, a situação já não estava boa, imagina mais duas pessoas na família? Quer começar a trabalhar logo e sair de casa. **Wanderson** iniciou faculdade de História, teve que trancar porque não tinha dinheiro para pagar, diz não ter condições de passar para uma universidade pública, está desempregado, assim como todos que moram na sua casa. Sobrevivem com biscates e contam com ajuda de outras pessoas da família. **Francisco** prefere que seus pais fiquem separados, apesar de saber que eles se gostam, mas brigavam muito por causa da bebedeira do pai.

São por essas particularidades que devemos estar atentos à literatura destinada ao estudo dos adolescentes porque talvez, a grande maioria, não leve em consideração as diferentes formas sociais e econômicas de se viver a adolescência. A adolescência não é uma unidade. Muitas concepções criadas em torno desta

idade não se aplicam a jovens pobres, assim como esses trazem novas e diferenciadas reflexões para investigação do tema.

3.1. A realidade: ações do presente

A modernidade associa o jovem a uma idéia de futuro (Sposito, 1997). Desse ponto de vista há algo que não podemos negar: o jovem, hoje em dia, antes de ter projetos futuros, precisa ter ações para o presente. E esses projetos de futuro e as ações para o presente estão intimamente ligados a enorme heterogeneidade dos segmentos juvenis existentes. O modo de se tornar adulto sofre as influências históricas, sociais e econômicas na qual a juventude está inserida.

Nesta pesquisa estamos falando de adolescentes pobres, moradores de uma cidade estigmatizada pela pobreza. Apresentam como características naturalizantes os mesmos comportamentos e sentimentos típicos de suas idades, como preocupação com a aparência, grupos identitários, namoros, dilemas relacionados à sexualidade, conflitos familiares e escolha de futuras profissões, como vemos nas falas que se seguem.

Luana: Eu namoro, mas não é nada sério. Eu posso ficar com quem quiser e ele fica com quem ele quiser (...) Eu sou muito romântica, eu sou muito impulsiva e maluca. Duas coisas que eu quero ser: a primeira é ser muito feliz e a segunda é que eu quero ser juíza!

Camila: Eu sou brigona, na escola sou de brigar mesmo.. eu meto porrada! Aquelas meninas enjoadas, aqueles grupinhos que ficam enchendo o saco da gente. Se mexer comigo, eu bato mesmo!

Fagner: Antes eu achava que amizade era tudo, mas dependendo da amizade ela leva a gente para o caminho do mal, o que mais tem é amigo querendo meter a gente em confusão!

(...)

Minha maior qualidade é querer aproveitar a vida!

Francisco: Eu sou um garoto normal. Pela idade que tenho ainda sou muito confuso, muito indeciso sobre as coisas, ainda não sei direito qual é, entende? Não creio que experiência de vida seja uma questão de idade, eu tenho 17 anos e já vivi muita coisa.

Estefani: Eu sou muito complicada, doida da cabeça! Eu torno a vida muito difícil, eu torno tudo complicado. Eu quero tudo e ao mesmo tempo não quero nada. Antes meu grande sonho era ser jornalista, fiz vários passeios no colégio para jornais, fazia várias perguntas e hoje em dia eu não sei o que quero. A única coisa que hoje tenho certeza é que não quero morar na minha casa!

Catarine: Eu não sei, não sei mesmo quem eu sou!

Beatriz: Eu tenho uma opinião pra todo mundo, menos pra mim!

A pergunta feita a eles: “Quem eu sou?”, provocou momentos de reflexão e chegaram à conclusão que pouco sabiam dizer sobre eles mesmos, pontuei esse aspecto, mostrando que todos tinham essa dificuldade de falar de si, e que a resposta que sobressaía era, na maioria, o “não sei”.

Esse processo de construção de suas subjetividades e identidades é típico da adolescência. É nessa fase que a estruturação familiar da infância se alia à convivência social, as escolhas da amizade e os espaços de sociabilidade. É através de elementos apropriados da “cultura” e da assunção dos papéis adultos que os jovens vão se constituindo para serem sujeitos sociais e livres, integrando-se na sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornaram aptos através da interiorização dos seus valores, normas e comportamentos.

Sendo assim, antes de seguir na explanação sobre os jovens pesquisados e a formação de suas subjetividade e identidades em relação à contemporaneidade e suas condições de pobreza, é preciso contextualizar de que pobreza estou me referindo, entendendo que tal conceituação admite mais de uma interpretação.

Expressão originalmente latina, a pobreza, de acordo com Michel Mollat, diversificou-se nas línguas vulgares a partir dos séculos XIII e XIV. Quando se fala em pobre, deve-se levar em conta que a função qualitativa da palavra precedeu o seu uso substantivo. A pessoa que é pobre, passa a ser um pobre. “A pobreza designa inicialmente a qualidade, depois a condição de uma pessoa de qualquer estado social atingida por uma carência” (Mollat, 1989, p.02). Devemos, ainda, levar em consideração que os homens são sempre mais ou menos pobres que outros. Alguém pode ser pobre aos olhos de um empresário bem sucedido e rico ante um favelado.

A definição de “pobreza” não é única. Ora é homogeneizadora, ora revela a existência de distintas variações. Ao verificarmos o verbete “pobreza” em dicionários de sociologia, por exemplo, encontramos sua concepção mais geral baseada no sentido de carência – “[...] situação na qual pessoas carecem daquilo de que têm necessidade para viver” (Johnson, 1997, p. 176). Deparamo-nos, também, com assertivas que aportam a historicidade do referido termo, indicando um processo de ressignificação.

Historicamente, e no âmbito social, a pobreza sempre foi vista como a antítese da riqueza ou então como a separação entre ricos e pobres. Há um século, os termos opostos começaram a se transladar para o campo da chamada questão social, referente à relação mais ou menos conflitiva entre patrões e empregados (Silva,

1986, p. 906).

A definição do pobre e de seu estado deve, portanto, ser ampla. O pobre é aquele que, de modo permanente ou temporário, encontra-se em situação de debilidade, dependência e humilhação, caracterizada pela privação dos meios, variáveis segundo as épocas e as sociedades que garantem força e consideração social: dinheiro, relações, influência, poder, ciência, qualificação técnica, honorabilidade de nascimento, vigor físico, capacidade intelectual, liberdade e dignidade pessoal (Mollat, 1989, p.05).

Ser pobre é participar de uma situação estrutural com uma posição relativa inferior dentro da sociedade como um todo.

Na corrente da chamada “cultura da pobreza”, preconizada por Oscar Lewis (1979)²⁷ em seus estudos sobre comunidades carentes mexicanas, afirma-se que, devido à situação dos pobres numa sociedade estratificada e altamente individualista, como a capitalista, esses desenvolvem uma cultura exclusiva que se caracterizaria pelo mínimo de organização acima da família e pela falta de integração às instituições da sociedade mais ampla. Segundo a antropóloga Alba Zaluar (1994, p. 41) isto se manifestaria numa propensão à apatia, à falta de interesse na política, à ausência de cultura de classe, e se explicaria por uma pobreza cultural devido ao desconhecimento do estoque simbólico da sociedade abrangente.

Ser pobre no sertão nordestino não é o mesmo que ser pobre nas periferias cariocas. Afirmar-se como sendo pobre também é uma questão relativa, os pobres sabem que são pobres? Ou são meramente catalogados pelos órgãos estatísticos? A definição da pobreza estatística se dá através de índices baseados no salário mínimo, *per capita* e valor da cesta básica, mas não calculam dados omitidos pela informalidade, biscates, exploração de mão de obra, etc. ou a ausência de figuras paternas nas famílias, que podem muito bem se originar de processos culturais distintos e ter, portanto, significados também distintos para os que vivem a pobreza. Sendo assim, é preciso estar atento às dificuldades das apreensões das relações entre os conceitos e as situações vividas.

Remetendo novamente a técnica de observação do espaço de Milton Santos (2000) que analisa a percepção das coisas como paisagem e espaço, sendo a

²⁷ Ver Ardila (1979) e Zaluar (1994).

paisagem algo estático e definido; e espaço vida que se movimenta. Olhar a pobreza a partir da paisagem é levar em conta a forma imediata como ela se apresenta ao observador.

Olhar a paisagem da pobreza é insuficiente para a compreensão desta, mas é um primeiro passo para detectar a sua arquitetura e a disposição dos seus objetos. No caso da pobreza, a paisagem permite uma primeira aproximação da realidade, pois possibilita um primeiro inventário da questão para uma posterior análise do espaço.

Mas a paisagem revela algo mais. Ela transparece as representações que a própria sociedade faz da pobreza como a criação de diferentes modalidades de nichos habitacionais de ricos (condomínios fechados) e pobres (casas populares), relativamente segregados, tornando uma marca da desigualdade nas cidades. Sendo assim, a produção de uma determinada paisagem da pobreza interfere tanto nas imagens que são veiculadas no cenário da sociedade como também na representação que se dá no âmbito da consciência pessoal. A primeira diz respeito às paisagens dos lugares configurados pela pobreza, como se configura e se diferencia dos demais setores da sociedade, como é o caso dos municípios da Baixada Fluminense; e a segunda diz respeito às representações da paisagem da pobreza pelas pessoas que vivem sob a sua condição e dos que não fazem parte dela.

A pobreza analisada aqui, portanto, está associada diretamente à pobreza de São João de Meriti. Município eminentemente urbano sendo classificado como cidade-dormitório²⁸, com índices alarmantes de carência e miséria. O município foi identificado em 1998, pelo Programa Comunidade Solidária como área prioritária, por encontrar-se abaixo do índice mundial de pobreza. Por todas as descrições físicas que foram mencionadas no capítulo anterior, vimos que São João não serve de modelo quando pretendemos nos referir a qualidade de vida.

Os adolescentes pesquisados não apresentam perfis de miserabilidade, são de famílias de trabalhadores, assalariados, se encontrando num processo de exclusão no que diz respeito ao poder aquisitivo do dinheiro. São limitados pelos baixos salários e pelas condições não satisfatórias de atenção social básica (saúde,

²⁸ Comumente seus moradores saem para trabalhar muito cedo e só retornam no início da noite, ou nos finais de semana (como é o caso das empregadas domésticas e operários da construção civil). A prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (ver site www.rio.rj.gov.br) estima que 40% dos moradores de rua do município possuem casa e família na Baixada Fluminense.

educação e trabalho), além de estarem muito suscetíveis às questões da violência. São adolescentes que estão em estruturas sociais vulnerabilizantes, ou em condicionamentos de vulnerabilidade (Castro e Abramovay, 2002). Porém, é preciso destacar que mesmo com todos os aspectos negativos das condições e privações que vivem, são adolescentes que tecem formas de resistências, lidam com os riscos e obstáculos de modo criativo, buscam sobreviver nessa realidade nada confortável, e a própria participação deles nos grupos de cultura da *casa da Cultura* nos sinaliza isso.

Esses jovens têm consciência das carências presentes na cidade, como também foi analisado no capítulo anterior. Porém, assumem seu status de pobreza, não a pobreza da fome e de miserabilidade presentes em muitos bolsões em nosso país, mas o que pude constatar foi a consciência que têm do baixo poder de consumo a que estão submetidos devido as suas condições sócio-econômicas.

3.2. A dicotomia da sedução e da exclusão

Segundo Xiberras (199-, p. 28), em nossa contemporaneidade a pobreza passou a significar a incapacidade de participar no mercado de consumo. A cidadania passou a ser praticada também no mercado, e as pessoas que não tem a possibilidade de realizar suas transações ficam fora do mundo, como é o caso dos pobres, caracterizando um forte processo de exclusão.

O conceito de consumidor substitui o de cidadão e o critério de inclusão deixa de ser o direito para passar a ser a solvência. Os pobres são os insolventes (o que inclui os consumidores que ultrapassam os limites do sobre individualismo). Em relação a eles devem adotar-se medidas de luta contra a pobreza, de preferência medidas compensatórias que minorem, mas não eliminem, a exclusão, já que esta é um efeito inevitável (e, por isso, justificado) do desenvolvimento assente no crescimento econômico e na competitividade a nível global. Este consenso neoliberal entre os países centrais é imposto aos países periféricos e semiperiféricos através do controlo da dívida externa efetuado pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial. Daí que estas duas instituições sejam consideradas responsáveis pela “globalização da pobreza” (Santos, 2002, p.35).

A forma que usei para trazer à tona as questões da contemporaneidade, incluindo o consumo com os jovens dessa pesquisa, foi através da musica *Minha Alma (A paz que eu não quero)* do grupo musical *O Rappa*, banda muito conhecida e difundida entre os jovens. Levei a canção e juntos cantamos. Posteriormente eles declamaram a letra e abri discussão para que me dissessem as partes que mais

chamavam a atenção e suas experiências diante do tema. A letra da musica é muito contemporânea ao abordar as questões dos tempos atuais como violência e mídia:

A minha alma está armada e apontada para a cara do sossego/ Pois paz sem voz/ Não é paz é medo/ Às vezes eu falo com a vida/ Às vezes é ela quem diz/ Qual a paz que eu não quero conservar/ Para tentar ser feliz/ As grades do condomínio são para trazer proteção/ Mas também trazem a dúvida se é você que está nessa prisão/ Me abraça e me dê um beijo/ Faça um filho comigo/ Mas não me deixe sentar na poltrona no dia de domingo/ Procurando novas drogas de aluguel nesse vídeo coagido/ Pela paz que eu não quero seguir admitindo (Letra: Marcelo Yuka; Música: O Rappa)

Utilizando esta musica, os jovens, através de associações, refletiram sobre a passividade humana principalmente nas questões relacionadas à violência e influência da mídia, ressaltando, aqui nesta análise, o consumo como a manifestação mais explícita e o sintoma mais agudo da modernidade.

A pobreza como fator determinante limita, tornando-se impossível usufruir todos os desejos de consumir. O processo de globalização reúne as nações em um espaço e tempo comuns, sendo que lhe corresponde formas construídas que resultam da base técnica informacional, imaterial e fluída. Dá a todos a oportunidade de conhecer, mas não de obter, uma dualidade dura onde encontramos de um lado a pobreza e de outro uma infinidade de ofertas só conquistadas por quem tem o poder de compra.

... em vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade – ao mesmo tempo que desnuda o território, no qual outras pessoas continuam sendo confinadas, do seu significado e da sua capacidade de doar identidade. Para algumas pessoas ela augura uma liberdade sem precedentes face aos obstáculos físicos e uma capacidade inaudita de se mover e agir a distância. Para outras, pressagia a impossibilidade de domesticar e se apropriar da localidade da qual têm pouca chance de se libertar para mudar-se para outro lugar (Bauman, 1999, p. 25).

A mundialização das relações, que são relações hierárquicas, estimula, segundo Santos (1997), a contradição em toda parte como nas formas diversas de nacionalismo, fundado na exploração dos recursos naturais e humanos e na pobreza crescente lado a lado com a riqueza. O espaço tornando-se global a princípio seria um capital comum a toda a humanidade. Entretanto, sua utilização efetiva é

reservada àqueles que dispõem de um capital particular, os detentores do poder, únicos capazes de usufruir a dissolução das fronteiras territoriais e temporais.

Fazemos parte de uma democracia que nos permite escolher e trocar objetos, adotar ou excluir tendências²⁹, mas que oferece apenas o contexto do consumo como opção para o seu exercício. A existência das múltiplas ofertas, por sua vez, não garante a possibilidade das múltiplas escolhas. Há a possibilidade de circulação entre as diferentes tendências, faltam, no entanto, as condições para que isso se concretize de fato.

Tais atribuições de valores às necessidades humanas concretizadas pelo consumo, estão intimamente ligadas às publicidades emocionais que se apropriam dos elementos presentes no campo da subjetividade para vender produtos. O apelo para se investir no exterior para amenizar a tensão psíquica é a grande arma de sedução das publicidades.

A mídia invade nosso cotidiano. Muitos não conhecem o mundo de outra maneira, nascem e vivem imersos no mundo televisivo, que acabaram por assumir um papel significativo na construção dos valores culturais.

Fagner: A televisão está o tempo todo mudando, de acordo com o gosto do público. E as pessoas querem cada vez mais coisas fúteis e sem conteúdo. Depois eles vão lá e colocam a super Nany para ensinar a educar os filhos, mas não ensinam que muitas coisas ruins que as crianças têm vêm do exagero do tempo que elas ficam diante da televisão.

Com toda essa coisa de violência, e consumo as pessoas fazem o que está na televisão.

A cultura do consumo molda o campo social, construindo, desde muito cedo, a experiência da criança e do adolescente que vai se consolidando em atitudes centrais no consumo. A preocupação do presente nos “dia da criança” e Natal podem ser sinônimos de grandes frustrações tanto para os pais que não conseguem realizar o desejo das crianças, que são incentivadas a escreverem suas cartinhas para Papai-Noel, quanto para as próprias crianças que presenciam a alegria de outras crianças que tiveram seus “sonhos” realizados.

Diariamente, anúncios de modelos de televisões, equipamentos de som, eletrodomésticos, computadores, carros, seguros-saúde, roupas e alimentos captam os olhares e os ouvidos de homens, mulheres, jovens e crianças. Informam pouco

²⁹ Gilles Lipovetsky (2000 e 2004) investe na superioridade das necessidades das pessoas. Diante da multiplicidade de escolhas, hoje existentes, acredita na autonomia dos sujeitos perante seus gostos e necessidades.

sobre o que anunciam e geram, por meio de apelos emocionais, repentinas necessidades e demandas de consumo que nem imaginávamos que pudéssemos ter.

Segundo Kellner (2001) a cultura da mídia e a do consumo atuam de mãos dadas no sentido a gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes. A pobreza como fator determinante delimita, tornando-se impossível usufruir todos os desejos. Em visitas domiciliares, no meu trabalho como psicóloga na Secretaria de Ação Social de São João, constatei diversas vezes que por maior miserabilidade que uma família viva, a televisão é um dos utensílios domésticos que na maioria das vezes, se mostra presente. Os papéis da mídia e das campanhas publicitárias alimentam a ilusão que todos podem ter não apenas o que querem, mas o que merecem, um apelo emocional que desestrutura qualquer argumento que diga o contrário ou racionalize o consumo.

Tenho percebido de perto as influências desta sedução principalmente na vida dos jovens. Ao entrevistar pais de adolescentes, cadastrados nos programas sociais que faço e fiz parte, a maioria se queixa de furtos de dinheiro dentro de casa. Ao contrário como poderíamos pensar de início, que poderia ser para consumo de drogas, o destino do dinheiro são para a compra de camisas da moda, preferencialmente as de marcas reconhecidas e de alto valor no mercado, bijuterias lançadas pelas novelas destinadas ao público jovem e até lanches nos shopping com os amigos. Essa situação também foi relatada pela adolescente **Catarine**, que concomitantemente realiza uma crítica, mas curiosamente se rende aos anseios do consumo como tentativa de ser aceita num determinado grupo.

Catarine: Agora está na modinha, *Red look*. Vocês não sabem o que é Red look, gente? É um bondinho que só tem “playboyzinhos”. Aí eu queria entrar, né?! Mas minha amiga falou: _Você vai querer entrar pra que? Pra você ficar roubando dinheiro para comprar o tênis que eles usam? Porque eles usam o mesmo tênis, todos iguais, e é muito caro... nem que você pague em 12 vezes, mas você tem que ter o tênis! Lá as meninas usam só roupa de marca, *PUMA* (nem que seja do camelô, mas tem que ser *PUMA*). Aquele tênis horrroso que chama “pão doce”, mas aquilo é muito caro, caro mesmo! E a mãe não tem dinheiro, aí o filho chora, esperneia e acaba pegando dinheiro dela. A minha mãe compra para pagar de 12 vezes, coitada!

Segundo Marques (1997) na relação entre ética do trabalho e a ética do lazer que impõe um estilo de vida entre os jovens, cria-se uma zona de conflito entre estes e seus pais. A indústria cultural coloca à disposição do jovem uma série de bens de consumo que, dentro da perspectiva de uma cultura de massa, cria um estilo de vida

jovem. Este estilo de vida cria necessidades de lazer, de consumo que se incompatibilizam com as necessidades e capacidades imediatas de suas famílias, o que gera o conflito como os comportamentos de furtos (como mencionado acima), pois são formas diferentes de hierarquizar as necessidades.

O diálogo abaixo se torna interessante para pensarmos a questão da influência da mídia na vida desses jovens. Eles associam a imagem de pessoas famosas com os produtos que anunciam e mostram-se conscientes de como são afetados por isso.

Daniela: As propagandas têm isso de fazer que o povo que está assistindo queira ser igual a quem está fazendo o comercial.

Wanderson: Eles pagam a Gisele Bündchen para fazer o comercial da *Coca-cola*, aí todo mundo vai beber coca-cola porque ela bebeu a *Coca-cola*.

Luana: E eu duvido que ela beba aquela *Coca-cola*, pra não engordar...

Beatriz: E aquela sandália dela, é horrível, fica muito feia no pé. Mas todas minhas amigas têm e todas elas dizem que é horrível. Ela usa num comercial que ela está numa tribo de índios e todos os índios acham lindo... aí todo mundo acha também. Mas será que ela usa aquela sandália?

Daniela: Eu gosto do comercial da *Dove* que fala do verão sem vergonha. Quem faz os comerciais são pessoas como nós, feias, gordas, normais...

Wanderson: Eu tenho certeza que Ana Maria Braga não vai ao *Carrefour* fazer compras.... vai nada! Duvido que o cantor Leonardo vá ao *Guanabara (todos riem)*, é ruim heim! Aquele mercado é cheio, apertado, cheio de gente... duvido! [grifo do autor].

Ser influenciado por figuras estéticas levando ao consumo de coisas que nem sequer achamos interessantes, como lembrou Beatriz em dizer que suas amigas compraram a sandália da Gisele Bündchen mesmo a achando feia, é o que Giddens (2002) e Sevckenko (2001) apontam como uma das conseqüências do processo de modernização que é particularmente o processo de enfraquecimento das instituições.

A escola e a família já não têm mais a mesma referência que tiveram para as outras gerações, mas por outro lado, há o apelo da sociedade de espetáculo aos padrões de consumo. Desvinculadas desse uso institucional, o indivíduo já não sabe como, quanto ou para que consumir. Ou melhor: ele "é livre" para consumir, consome para "seu prazer", e é essa liberdade mesma que o conduz ao desregramento. Esse mesmo padrão ocorre com a alimentação: a sociedade contemporânea vê surgir distúrbios como a obesidade, a bulimia e a anorexia, igualmente desconhecidos no contexto pré-moderno; se ninguém nos diz como comer, já não sabemos como ou quanto fazê-lo. O mesmo pode ser estendido ao sexo, ao amor, ao casamento: na modernidade - sobretudo em sua fase tardia que

alguns autores definem como pós-moderna - esses comportamentos não encontram um princípio de ordenação e tornam-se desregrados.

Passamos a entender, como afirma Canclini (1999), que consumir é tornar mais inteligível um mundo onde o sólido se evapora. Para este autor o consumo pode até ter sua origem em condutas ansiosas e obsessivas como analisam alguns psicólogos....

Mas em um sentido mais radical, o consumo se liga, de outro modo, com a insatisfação que o fluxo errático dos significados engendra. Comprar objetos, pendurá-los ou distribuí-los pela casa, assinar-lhes um lugar em uma ordem, atribuir-lhes funções na comunicação com os outros, são os recursos para se pensar o próprio corpo, a instável ordem social e as interações incertas com os demais. Por isso, além de serem úteis para a expansão do mercado e a reprodução da força de trabalho, para nos distinguirmos dos demais e nos comunicarmos com eles, como afirmam Douglas e Isherwood, “as mercadorias servem para pensar” (Canclini, 1999, p. 83).

Ver uma pessoa classificada socialmente ou moralmente como pobre se rendendo às ofertas do consumo, à primeira vista parece incompreensível se pensarmos que deveria usar seu dinheiro para satisfazer suas necessidades básicas como alimentação e saúde. Mas o status que bens como celulares de última linha geram, pode justificar tal comportamento como bem aponta **Wanderson** nesta fala:

Wanderson: Acho que as pessoas hoje em dia não vivem para si, elas querem viver para mostrarem para os outros que podem. Às vezes nem têm aquela condição toda, mas quer chegar nos lugares com o celular mais caro do mundo, mesmo tendo o risco de ficar sem ele, de ser assaltada.

As pessoas olham para ela e falam: _Nossa, fulana está com celular novo! Bonito! Ela deve estar com dinheiro...

E pelo contrário, deve estar comendo ovo dentro de casa, às vezes nem ovo, para pagar aquele telefone, mas ele está ali, na cintura!

Acho que as pessoas hoje em dia estão mais preocupadas em ver a vida dos outros do que a própria. Se preocupa mais com que os outros vão falar, e acaba vivendo uma realidade que não é a dela.

Sendo assim, convivendo mais de perto com essa realidade, passei a entender o quanto o status de consumo relacionado à pobreza assume outra conotação. A música dos *Mamonas Assassinas* que menciona a felicidade associada ao crediário nas Casas Bahia não é mentira. Ter um crediário, que é sinônimo de nome limpo no serviço de proteção ao crédito (SPC), é uma grande honra e satisfação. Quem nunca ouviu o ditado que as únicas coisas que um pobre pode deixar aos filhos é educação e seu nome, “o nome a zelar”? Esta é uma premissa que se associa ao consumo.

Quando as publicidades apelam para o consumo, apelam também para a responsabilidade de cada um junto a sua felicidade, garantida nos produtos oferecidos. Estaria o pobre errado por querer ser feliz? Sarlo (2000) afirma que no lugar da suposta quebra de identidade, em seu lugar ficou o mercado (p. 26). As ciências sociais descobrem que a cidadania também se pratica no mercado, e que as pessoas que não têm como realizarem suas transações ficam fora do mundo ou fragmentadas.

Consumir seria, além de outras coisas, uma tentativa de ser cidadão, seria como fazer a sua parte, e é isto exatamente o que a publicidade afirma. Casa, comida, saúde e moradia são na constituição do populismo de nosso país responsabilidades do Governo. Ouvi, por diversas vezes, algumas assistentes sociais criticarem alguns usuários dos programas sociais por estarem em busca de benefícios do governo, como o Bolsa Família, e ao mesmo tempo estarem exibindo um moderno aparelho de celular. Investigando melhor, descobríamos que o aparelho era pré-pago, presente de Natal ou de aniversário e que estava sendo pago em prazos maiores que um ano. Mostravam-se insatisfeitos com sua condição, achando e esperando que o governo ajudasse com dinheiro, fornecimento de alimentos ou uma casa própria. O celular era uma conquista pessoal, comprado com trabalho e suor.

Fagner: Daqui a pouco os celulares modernos vão sair de moda. Daqui a uma semana vão inventar um celular melhor e você vai estar ultrapassado.

Daneila: Se você tem o seu, tem que se conformar!!

Fagner: Eu tenho o meu (Fagner exhibe o seu celular), ele é velho e enorme mas é meu! (todos riem do antigo aparelho de celular dele)

Daniela: Ele nem tira foto!

Fagner: Não tira foto nem nada, porque ele é daquele, oh... muito antigo! Mas é meu celular! Celular é uma coisa feita para você se comunicar, só isso... Não é para você ficar lá tirando foto e jogando joguinhos! Para isso tem máquinas de tirar foto e vídeo-game!

É bom, é! É legal! Mas eu acho que não daria 500 reais num celular, o meu foi 185... mas fui eu que comprei.

Eu era doido por um celular. Sempre quis, e agora que eu consegui eu estou satisfeito. Está legal, está ultrapadíssimo, mas dá pra levar!

A galera compra algo é para mostrar.

Wanderson: Eu conheço gente que não sabe nem ler direito, nem estudou e compra o celular de ultima geração com Internet e um monte de coisas. Chega em casa e pede para o filho mostrar onde atende. Quando o telefone toca aperta o verdinho e é tudo que ela sabe fazer, mas faz isso tudo só porque é o celular mais caro!

É nítida nesse grupo pesquisada a dualidade de uma conscientização crítica do consumo. As análises remetem para o que realmente serve os produtos, se são

para utilização ou exibicionismo. Mas de outro lado, a afirmação e concordância de que é realmente prazeroso ter os melhores produtos, e de quão importantes se tornam frente à opinião das outras pessoas é levado em consideração.

O objeto de consumo representa duas acepções coisa e objetivo (Hardt e Negri, 2001), são produtos associados a estilos, sensações de bem-estar, status, mas também traduzem e produzem a própria subjetividade. Ao consumir, criamos uma biografia. A sociedade de consumo institui um vocabulário, uma gramática e uma estilística do consumo, cabendo aos indivíduos apropriar-se desta linguagem para elaborar suas narrativas. É aderindo a determinados comportamentos, estilos de vida, idéias e atitudes que criamos uma identidade e instituímos uma consistência, sendo a própria vida pessoal entendida como bem de consumo.

Uma das adolescentes do grupo estudado tinha uma marca na sua pele, quando fui olhar mais de perto eram as iniciais do seu nome. Perguntei como havia feito, me disse que havia sido com uma agulha. Ela havia riscado as letras e depois pressionou a agulha contra a pele, formando uma cicatriz, associando a uma tatuagem. Perguntei porque havia feito isso, disse-me que queria fazer uma tatuagem, mas não tinha dinheiro.

Assim como esse episódio, já presenciei outros como furo de brincos no umbigo, segundo ou terceiro furos nas orelhas, todos realizados de forma imprudente, sem o mínimo de cuidado, como formas e tentativas de atender a moda jovem do momento.

Esse potencial criativo e de improvisação são formas que esses adolescentes utilizam para estarem inseridos nesse contexto moderno. É difícil imaginar como sobrevivem famílias com salários tão baixos, isso quando têm salários. Um dos assuntos muito presentes no discurso dos jovens, que demonstram mais uma das técnicas de improviso e tentativas de não se sentirem ultrapassados na dinâmica da atualidade, é o que eles chamam de “gato net”. Esta tem sido uma verdadeira febre em São João de Meriti. Descobriram uma forma de pagarem um preço muito baixo para a instalação de uma antena que capta os sinais de uma televisão a cabo, sem precisar pagar nenhuma mensalidade, apenas a instalação.

Daniela: O “gato net” é como se eu me interessasse de uma coisa que eu não sabia antes. Imagina assim, tem um grupinho e todo mundo tem NET, NET mesmo, a paga. Aí eu não tenho nada! A conversa rola e eles perguntam se eu vi aquela série e tal... E eu, só lá... assim, olhando... sem saber o que dizer. Então eu acho que é mais um meio de se incluir entre os amigos, nesse caso não vejo como consumismo ou algo de errado.

Todas as experiências e assuntos relatados buscam analisar a complexidade humana no que tange a juventude, a pobreza e os tempos atuais, retratando com destaque a questão do consumo. Fugindo um pouco da análise do consumismo à luz da classe média, que associam geralmente o poder de compra como solução de problemas tal como o vazio existencial, o consumo na pobreza é uma força que impulsiona o querer ser cidadão. Essa é uma forma de ver o consumo, tendo como foco principalmente uma classe que não consegue ser retratada sem os estigmas que as desvalorizam. Isso envolve uma série de dimensões que abrange desde as características aparentes, como a estética, até as características “pessoais” dos indivíduos e o fator econômico dos mesmos. Estes elementos não podem ser desconsiderados, nem as infusões psicológicas e sociológicas que constantemente incidem sobre eles.

Ser um indivíduo é agir em seu próprio nome, sem o apoio da tradição e sem as imposições da coletividade. Por outro lado, livre dessas amarras, o indivíduo já não sabe “quem é” porque é precisamente sua inserção social, sua inscrição em certas práticas coletivas que vai lhe dar uma identidade, ou seja, um sentido de ser “eu mesmo”. Canclini (1999) afirma que há toda uma pedagogia do consumo expressa na publicidade que visa nos ensinar como consumir, mas, por outro lado, apenas o consumo me permite saber quem sou.

Diante disso, ser jovem, pobre e morador de São João de Meriti torna-se um esforço muito maior para esses adolescentes que oscilam entre as ofertas tentadoras do consumo e a falta de condições para exercer esse ato. Os tempos atuais com suas ofertas tentadoras de liberdade, velocidade e felicidade são injustos aos jovens pobres das periferias que não possuem o poder de escolha, de compra, de ser feliz. É ainda mais injusto quando pensamos que adolescer significa crescer, amadurecer, aproveitar e gozar. As influências dessa conjuntura na forma como esses jovens se projetam em relação ao futuro será o próximo tema a ser abordado.

CAPÍTULO 3

Sonhos

Ter um sonho, um sonho lindo,
Noite branda de luar,
Que se sonhasse a sorrir...
Que se sonhasse a chorar...

Ter um sonho, que nos fosse
A vida, a luz, o alento,
Que a sonhar beijasse doce
A nossa boca... um lamento...

Ser pra nós o guia, o norte,
Na vida o único trilho;
E depois ver vir a morte

Despedaçar esses laços!...
...É pior que ter um filho
Que nos morresse nos braços!

(Florbela Espanca)

4. O tempo futuro: sonhos que permitem enxergar além do que se vê

A par das intensas transformações físicas que caracterizam a adolescência, participam também desse conceito elementos culturais que variam ao longo do tempo, de uma sociedade a outra e, dentro de uma mesma sociedade, de um grupo a outro. É a partir das representações que cada sociedade constrói a respeito da adolescência que se definem as responsabilidades e os direitos que devem ser atribuídos às pessoas nessa faixa etária e ao modo como tais direitos devem ser protegidos.

Nesse estudo procurei, sobretudo, estudar a adolescência no campo dos sentidos da contemporaneidade, caracterizando seus processos de subjetivação. No mundo moderno esta fase da vida alcançou um *status* de realidade como uma experiência a ser vivida por cada sujeito sem que se possa evitá-la ou manter-se nela pelo tempo que desejar. Sendo assim, a adolescência é percebida como uma cena crucial e obrigatória na construção das narrativas pessoais, sendo um período essencial para o crescimento do indivíduo e essencial para o desenvolvimento da sociedade.

Segundo Dolto (1970) antes de 1939 (marco histórico da Segunda Guerra Mundial), a adolescência era descrita pelos autores apenas como uma crise subjetiva, marcada pela revolta contra os pais e as opressões da sociedade, com os jovens sonhando em serem também adultos para agirem como tais. Após 1950, a adolescência passou a ser encarada também como um estado e não apenas como uma crise.

De certa forma ela é institucionalizada como uma experiência filosófica, uma mudança obrigatória da consciência. Chegamos ao tema existencialista da descoberta do absurdo. De acordo com essa interpretação, a adolescência é um estado necessário da consciência moderna para descobrir o trágico da condição humana. Cada ser humano reconstituiria, sem sabê-lo, o caminho dos filósofos, de modo mais intuitivo do que conceitual (Dolto, 1970, p. 50).

A adolescência é uma fase especial de afirmação da autonomia do indivíduo, vital para a constituição do futuro adulto, que se espera ser sujeito portador de direitos e portador de potencialidades das quais a sociedade não pode prescindir.

Na juventude as regras da dependência infantil começam a cair. Não é mais o velho que ensina ao jovem o significado individual ou coletivo da vida. É o jovem que, por meio de suas respostas e ações, diz ao adulto se a vida, da maneira como é representada pelo idoso e representada pelo jovem, tem significado. E é o jovem que carrega em si o poder de confirmar aqueles que o confirmam, de renovar e dar nova vida, ou de reformar e de se rebelar (Erickson, 1976, p.24).

No seio da sociedade contemporânea, a adolescência emerge como um período da vida revestido de interesse e passa a ser compreendido como uma época áurea caracterizada pela possibilidade de trânsito maior em relação aos códigos rígidos do moralmente louvável e do moralmente condenável. Essa é, sem dúvida, uma retórica que pode ser encontrada nas propagandas dirigidas ao jovem e divulgadas pelo “*mass media*”: ser jovem é liberdade, vigor, ousadia, estando estes geralmente ligados à cultura e ao comportamento (Abramo, 1997).

Além disso, é preciso dissociar a adolescência somente de aspectos negativos relacionados à crise, transgressão e risco. Essas concepções são estigmatizantes e reducionista sobre o significado social e humano dessa fase da vida. Segundo Abramo (1997), na academia a maior parte das reflexões ligadas à juventude é destinada a discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens, ou mesmo estruturas sociais que conformam situações “problemáticas”. Estão apoiadas na retórica que ressalta a ameaça representada pela juventude, com constante reforço da idéia do jovem como exposto a uma série de riscos próprios da sua idade, os quais podem ser internos (como as crises de identidade) ou externos (como as questões da violência). Poucas delas enfocam o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações.

O ser humano é, o tempo todo, um organismo, um eu e um membro de uma sociedade. A adolescência por sua vez, constitui uma guerra interna e externa, é a associação dos fatores individuais associados à cultura a qual pertence. Essa é uma batalha inicial, e por isso tão importante, na construção, experimentação e afirmação da própria identidade.

Eu denominei a maior crise da adolescência como sendo a crise da identidade. Ela ocorre naquela fase da vida em que cada jovem deve estabelecer, para si mesmo, certas perspectivas centrais e certa direção, alguma unidade de trabalho além dos vestígios de sua infância e das esperanças da sua antecipada idade adulta. O jovem deve descobrir alguma semelhança significativa entre o que ele vê em si mesmo e entre o que sua consciência afiada lhe diz que os outros julgam e esperam que ele seja (Erikson, , 1976, p.14).

Juntamente a isso, nos dias atuais, principalmente nas grandes metrópoles, os adolescentes vêm ganhando cada vez maior autonomia. Para Calligaris (2000) além de instruir os jovens nos valores essenciais que eles deveriam perseguir para agradar à comunidade, a modernidade também promove ativamente um ideal que ela situa acima de qualquer outro valor: o ideal de independência. Instigar os jovens

a se tornarem indivíduos independentes é uma peça-chave da educação moderna. Em nossa cultura, um sujeito será reconhecido como adulto e responsável na medida que viver e se afirmar como independente, autônomo – como os adultos dizem que são. Sendo assim, o jovem passou a ser reconhecido como portador de um querer próprio (Adorno et al., 1999) que precisa ser respeitado nos mais distintos aspectos da vida pessoal independente, como escolha profissional, vestuário, consumo, lazer e iniciação de atividade sexual.

Considero fantástico observar o comportamento adolescente. Durante a execução dos grupos dessa pesquisa, minha espera por eles era marcada pela observação de como chegavam aos encontros. Eles faziam isso sempre em tom de festa e de desprendimento. Aparelhos de MP3 nos ouvidos, tocando sempre músicas agitadas e em alto som e bonés na cabeça. As meninas sempre à volta com as questões de namoros, festas e problemas com os cabelos rebeldes, que nunca estavam da forma como elas queriam. Os meninos marcando futebol, e se cumprimentando com intensidade, abraços apertados, tapas no peito, safanões na cabeça. Mexiam uns com os outros o tempo todo, tudo era motivo de piada e “zoação”. Porém, durante os grupos, os olhares eram atentos, testas franzidas, um imenso ponto de interrogação imaginário sobre suas cabeças diante das palavras que eram ditas por mim e pelos componentes. A hora do lanche, no final dos grupos, era voraz. Adolescentes comem muito! Os meninos, porque a maioria das meninas evitava o excesso, preocupadas com o peso.

Contemplar um adolescente remete a inevitável associação com a nossa própria adolescência. É inevitável não projetar o que passamos ao que eles estão passando. É um retroceder no relógio, é pensar que um dia tivemos uma forma parecida de pensamento como a deles: um radicalismo e uma insegurança diante das problemáticas simples da vida. Adolescentes são dramáticos, interpretam a vida sob um olhar de desconfiança. Não que muitos adultos também sejam assim, mas adolescentes percebem as coisas sob a ótica da novidade, do novo. É o sabor de poder escolher, de ter a vida nas mãos, uma nova experiência que até bem poucos anos atrás não possuíam.

Apesar de muito jovens, alguns desses adolescentes trazem consigo histórias de vida densas e sofridas, que contrasta às suas idades. São histórias de desarmonia familiar, desemprego, privações e dificuldades econômicas e falta de recursos para satisfações das necessidades mais básicas, como uma casa

confortável, alimentação, saúde e boas escolas. Foram raras as vezes que se queixavam se suas condições, pareciam não deixar transparecer para a pesquisa que as coisas estavam ruins, mas pode-se sentir que são desejosos de melhorias em suas vidas, que querem mais, e que a vida não lhes ofereceu as melhores condições de sobrevivência.

Se os aspectos pessoais não são dos melhores, os aspectos coletivos e públicos muito menos. Morar em São João de Meriti remete a uma condição de pobreza, associada à violência e descaso dos órgãos públicos. Esses jovens convivem com a sujeira, com a falta de áreas de lazer, com escolas descompromissadas na formação intelectual e cidadã dos alunos e com enormes filas em postos de saúde.

Para Silva (2007) as interpretações mais comuns sobre esses espaços (periferia e favela) e seus jovens moradores são caracterizadas por pressupostos sociocêntricos, que dificultam a compreensão e o encontro de alternativas adequadas para os problemas reais da vida nos espaços populares.

O sociocentrismo se materializa quando, a partir dos padrões de vida, valores e crenças de um determinado grupo social, se estabelece um conjunto de comparações com outros, colocados, em geral, em condições de inferioridade. Os discursos estabelecidos em relação aos espaços populares, dentre outros, seguem esse padrão. Por isso, a valorização das *ausências* é eixo dos olhares dirigidos àquelas áreas urbanas: a favela e a periferia são definidas, de forma quase homogênea, por uma pretensa carência, seja de serviços públicos e equipamentos urbanos, de leis, de beleza e, no limite, de noções básicas de moral e de ética. Seria o espaço da violência e do caos, por definição (Silva, 2007, p. 1).

A realidade do ambiente hostil das periferias, como a cidade de São João de Meriti, é preocupante quando pensados como contexto no processo de construção, experimentação e afirmação da identidade de quem lá vive, principalmente os adolescentes que representam a iniciação desse processo.

Os jovens pobres vivenciam formas frágeis e insuficientes de inclusão social. A desigualdade social sempre foi um fator presente na história da humanidade, mas na atualidade sofremos um retrocesso nas chances de modificação desse status quando comparado com as gerações posteriores. Temos hoje uma nova forma de desigualdade social, que implica no esgotamento das possibilidades de mobilidade social para a maioria da população. A pobreza mudou de forma, de âmbito e de conseqüências. Nas gerações passadas estavam postas, mesmo que remotamente, a perspectiva de mobilidade por meio da educação escolar e/ou trabalho. Tinha-se

ainda a perspectiva de que se estudando ou trabalhando as condições sociais de precariedade poderiam ser revestidas, alimentando assim, uma esperança de melhora. Os velhos modelos nos quais as instituições tinham um lugar socialmente definido já não correspondem à realidade. O trabalho, quando conseguido, não oferece mais um tipo de regulação da sociedade, a escola não cumpre mais a função de estímulo à cidadania e mobilidade social. Sendo assim, o que antes se caracterizava como uma possibilidade de passagem do momento da exclusão para o momento da inclusão, hoje, para parcelas de jovens pobres, está premissa pode não se concretizar.

4.1. Risco e Vulnerabilidade: o limiar do bem e do mal

A condição de ser jovem, de pertencer a um espaço estigmatizado pela pobreza e de viver nos tempos atuais marcado pelo egoísmo, individualismo a queda de instituições tão seguras nas gerações passadas como família, escola, trabalho e religião, remete a esses jovens uma condição que nos estudos referentes a essas condições os autores têm chamado de risco social (Blum, 1997; Minayo, 1991 e 1999 e Pesce et al., 2004) ou condições de vulnerabilidade (Castro e Abromovay, 2002 e 2002, Rodriguez, 2003 e Yunes, 2001).

O conceito de risco, segundo Blum (1997) teve sua origem no seguro marítimo, que se baseava em dois fatores: 1) qual a possibilidade de uma viagem com sucesso; e 2) que fatores eram importantes para determinar esse sucesso. Trazendo esse conceito para as relações da vida humana, os fatores de risco estão mais relacionados aos episódios que limitam a probabilidade de sucesso (“situação de risco”) do que as conseqüências do comportamento.

Juntamente com o conceito de risco, encontramos o conceito de resiliência, que tem sido definido como a capacidade de recuperar e manter um comportamento adaptado após um dano (Blum, 1997). Esse conceito considera que o estresse é uma experiência universal, mas a maneira pela qual o indivíduo reage não depende tanto dos agentes estressantes, mas dos recursos disponíveis para lidar com eles.

Portanto quando falamos em risco social, estamos falando de fatos e fatores sociais que podem ocasionar danos no desenvolvimento físico e mental de quem esteja submetido a situações de ameaças como condições de pobreza, rupturas na família e vivência de algum tipo de violência. O risco social assume forma e relevância particulares para a fase juvenil por ser o período do processo de

construção, experimentação e afirmação da própria identidade, podendo ocasionar sérios comprometimentos no desenvolvimento do indivíduo, colocando em risco o sucesso de sua vida adulta.

Tal concepção é abordada por alguns autores com o termo vulnerabilidade e não risco. Para Castro e Abramovay (2002) a vulnerabilidade pede recorrência a diversas unidades de análise (indivíduos, domicílios e comunidades), além de recomendar que se identifiquem cenários e contextos. Pede, portanto, olhares para múltiplos planos, e, em particular, para estruturas sociais vulnerabilizantes ou condicionamentos de vulnerabilidade.

Com o debate sobre vulnerabilidades sociais pretende-se sair de análises de posições, morfologias estáticas, e reconhecer processos contemporâneos, remodelações de relações sociais nas quais, sublinhamos, a cultura e a subjetividade não seriam nem superestruturas, nem *serendipities*, turbulências laterais. Por outro lado, tentam-se compreender, de forma integral, diversidade de situações e diversidade de sentidos para diferentes grupos, indivíduos, tipos de famílias ou domicílios e comunidades. Implícitas estariam as transformações por conta de novos perfis do mundo do trabalho ou do não-trabalho, e, como referência mais ampla, por conta de tempos em que modernidade, diversidade e insegurança se combinam, e em que múltiplos sistemas de normas de discriminações se combinam, mas guardam identidades próprias (Castro e Abramovay, 2002, p. 145).

Os adolescentes pesquisados neste estudo, encontram-se no contexto do risco ou, se preferirem, da vulnerabilidade social. Pelas análises formuladas é nítido que suas condições de vida, quer seja por suas condições internas e de constituições subjetivas, quer seja pelo tempo e espaço em que vivem, estão em situações nada favoráveis a uma trajetória de vida confortável e de segurança. A forma como esses fatores irão interferir na tomada de decisões de cada jovem em relação ao rumo que darão às suas vidas, deve ser analisada de maneiras diferentes, levando em consideração as particularidades de cada indivíduo.

É importante ressaltar o vínculo estreito entre essa categoria particular de riscos e o futuro. Por sua própria constituição, com efeito, esses riscos são, por assim dizer, “construídos” e alimentados em sentido próprio pela relação com o futuro – embora nada nos digam sobre o que, de positivo, devemos perseguir no futuro. Não nos falam de um “bem”, mas concentram a atenção exclusivamente sobre os “males” que o futuro pode difundir. A idéia de futuro a que conduzem é, portanto, não determinada e, ao mesmo tempo, marcada por um sentimento difuso de alarme, associado a uma sensação de impotência (Lecardi, 2005, p. 44).

Falar em adolescência seja ela pobre ou não é pensar em fim da infância e início da vida adulta. Realizar uma perspectiva temporal quando se remete ao fenômeno adolescer é quase inevitável. Calligaris (2000) chama esse período de

moratória por serem capazes, instruídos e treinados por mil caminhos (escola, pais e mídia), por possuírem corpo e espíritos prontos para a competição da vida, mas que ainda não são reconhecidos como adultos. Lhes “pedem” mais alguns anos para ficarem sob a tutela dos adultos, preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo, ganhando e amando, só que marginalmente (p. 15).

Tanto para Melucci (1997), quanto para Calligaris (2000) a adolescência é vista com uma certa inveja pelo mundo adulto. Suas condições tornam provisórias responsabilidades como decisões profissionais, amorosas e existenciais, que serão permanentes quando adultos. Compartilho com esses autores quando mencionam que nossa inveja nos faz olhar para a juventude com lentes de preocupações constantes, que nos fazem deixar de apreciar as suas vantagens para estarmos mais preocupados com as questões dos riscos que correm e de seus projetos de vida que ainda levarão alguns anos para se concretizarem.

Trabalhar com adolescentes pobres na Prefeitura de São João de Meriti³⁰ sempre foi muito gratificante, os grupos eram dinâmicos e alegres graças a empolgação dos jovens participantes. Mas suas experiências de vida, suas histórias de dificuldades financeiras, a convivência direta ou indireta com o mundo do tráfico sempre gerou em mim uma grande angústia. Passei a temer o futuro. Temia que quando crescessem todas alegrias, planos, motivações, capacidades incríveis de se apaixonarem e valorizações de amizades se transformem em adultos muito diferentes. Tal qual os pais e parentes que os acompanhavam, sempre queixosos de suas condições de vida, com grandes dificuldades financeiras e sérios problemas de auto-estima e impotência diante da vida.

No primeiro encontro com os adolescentes participantes dessa pesquisa, expus os objetivos, informando que, além de outros assuntos, estava ali para saber como eles estavam planejando o futuro. Percebi que este era um assunto incomodo. Primeiro por ser marcado pelas dúvidas e incertezas, como as profissões que irão seguir, se irão ou não casar, quantidade de filhos, etc. Mas também pela impossibilidade de concretização dos seus sonhos, como acesso a universidade, falta de dinheiro para manter os estudos, mercado de trabalho, etc.

³⁰ O trabalho na secretaria de Trabalho e Ação Social do Município de São João de Meriti foi uma das minhas inspirações na escolha do objeto da minha pesquisa de Mestrado.

Luana: Nossa! Esse ano foi o ano dessa pergunta. Na escola, aqui na *Casa da Cultura* e agora você. Todo mundo fica fazendo essa pergunta sobre como vai ser o futuro!

Eu não queria pensar nisso agora não, eu não sei ainda o que vou ser. Só sei que não quero casar, os homens não valem nada!

Fagner: Você levantou agora a idéia de como estarei daqui a 20 anos, e eu ainda não tinha parado para pensar nisso! Eu vivo cada dia de uma vez. Eu nem sei se vou estar vivo amanhã. Não estou me preocupando com isso não. O futuro a Deus pertence, como diria minha mãe!

4.2. O tempo: o presente como realidade e o futuro como sonho

O tempo é produto da evolução da nossa sociedade. A percepção do tempo³¹ não é, portanto, inata ao homem. O entendimento que hoje temos do tempo é o resultado de toda uma experiência humana anterior, transmitida de geração em geração através do processo de aprendizagem. Por conseguinte, a crescente importância dada ao tempo em nossa sociedade tende a ser fruto do próprio desenvolvimento social que fez desse item primordial para regulação da vida em sociedade. Da marcação do tempo pelos remotos calendários aos diluídos tempos marcados pelo avanço tecnológico, hoje, segundo Melucci (1997), o tempo se torna uma questão-chave nos conflitos sociais e na mudança social. A juventude que se situa, biológica e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa um ator crucial interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um dos seus dilemas conflitais básicos.

A adolescência é a idade em que a orientação para o futuro prevalece e o futuro é percebido como apresentando um maior número de possibilidade de escolhas:

O futuro é relacionado, assim, com a abertura potencial – o futuro constitui, mais hoje do que nunca, o espaço do devir possível -, mas, ao mesmo tempo, com uma indeterminação expressa, com frequência cada vez maior, como insegurança. No interior da virtualidade que, por definição, caracteriza o futuro (o que existe em potência, mas não em ato), delinea-se, em outras palavras, um cruzamento peculiar entre a “anarquia de futuro” e a hesitação, a ânsia, o desejo, mais ou menos subterrâneo, de substituir o projeto pelo sonho (Leccardi, 2005, p. 51).

Esta pesquisa possibilitou analisarmos a trama das dimensões sociais, cognitivas, afetivas e históricas de um pequeno grupo de adolescentes que, certamente, representam uma parcela de milhões de jovens moradores das

³¹ Sobre a questão tempo ver: Debord (2003), Elias (1993 e 1994), Leccardi (2005), Melucci (1997) e Virilio (1999).

periferias do Brasil, em especial os moradores da Baixada Fluminense. Analisar os pensamentos, os sentimentos, as ações e os movimentos dos jovens na cidade se entrelaça com o último aspecto a ser analisado por mim nesse estudo: a questão do Projeto de Vida desses adolescentes.

Considero que o Projeto de Vida é formado por um conjunto de representações construídas entre os saberes que organizam a cultura e os demais produzidos em outros segmentos sociais, que participam da dinâmica psicossocial dos grupos. O Projeto de Vida tem o sentido de aspirações, desejos e realizações, que se projetam para o futuro como uma visão antecipatória de acontecimentos, cuja base reside em uma realidade construída na interseção das relações que o jovem estabelece com o mundo. É, portanto, constituído por um conjunto de aspectos que estruturam o campo psicossocial.

As questões: *Quem eu sou? O que eu posso ser? O que fazer para ser o que quero? O que eu sou para o outro? Como responder as expectativas dos meus pais? O que eu quero para o meu futuro?*, dentre outras perguntas, são questionamentos que o mundo faz aos adolescentes e que eles fazem a si mesmos.

O futuro é considerado a dimensão depositária do sentido do agir (Leccardi, 2005, p. 36), ele é representado como o tempo estratégico na definição de si, o veículo pelo qual, em direta ligação com o passado, a biografia toma forma. O futuro é o espaço para a construção do projeto de vida e ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando o que se vai ser, projeta-se também o quem se será.

O futuro é algo construído e projetado. É consequência de ações e relações do presente, porém, não é algo determinado. Ele é marcado por um sentimento difuso de alarme, associado a uma sensação de impotência. Significa que ao longo da vida estes projetos são redimensionados e/ou modificados, dependendo da história individual de cada um e das novas relações que vão sendo estabelecidas ao longo da vida.

Procurando analisar como os adolescentes dessa pesquisa projetam suas perspectivas de futuro, nosso último encontro foi marcado pela elaboração de uma redação onde escreveram como se vêem daqui a 20 anos.

Antes de pedir que fizessem a composição, fiz um retrospecto dos nossos encontros e as atividades que haviam sido feitas. Relembramos as apresentações pessoais, as representações através dos desenhos de uma cidade que imaginaram, a discussão da música "A Paz que eu não quero" da banda *O Rappa* e os debates

sobre as questões contemporâneas. Posteriormente propus que pensassem em si, como são hoje. Como era ser cada um, onde vivem, do que gostam, o que é importante em suas vidas, o que fazem, com quem vivem e o que sentem em nível emocional e afetivo nos aspectos do tempo presente. Em seguida, pedi que pensassem 20 anos à frente. Como pretendiam estar, fazendo o que, com quem, morando onde, casados, solteiros, assim como achavam que deveriam estar suas emoções e afetos.

A dúvida se posteriormente a redação seria lida surgiu. Percebi que apreensão era geral, e então abri para votação e argumentação sobre o que eles achariam melhor. Apenas **Fagner** queria ler, mas foi convencido pela maioria de que para os demais não era um desejo. Pontuei que se ele quisesse ouviríamos seu texto, mas ele achou por bem aderir à decisão do grupo.

Outra dúvida foi quanto ao tempo que deveriam utilizar na redação. **Daniela** como exímia redatora da *Casa das Inspirações (CDI)*, nome do cia de teatro deles, perguntou se deveriam escrever a narrativa no presente, como se o futuro fosse hoje, ou se escreveriam seus desejos e planos, como algo que estaria por vir. Também levei a discussão ao grupo, e no consenso foi deixada de livre escolha a forma como iriam me contar sobre suas vidas daqui a 20 anos.

Distribuídas folhas, lápis e borracha, os jovens puseram-se a escrever. A posição em círculo que estavam foi desfeita, cada um assumiu a tarefa com ar de individualidade e sigilo. Alguns buscaram os cantos da sala, outros debruçavam sobre as folhas na tentativa que os outros companheiros do grupo não lessem o que estava sendo escrito.

As redações confeccionadas seguem nas páginas seguintes, **Francisco** e **Silas** faltaram o encontro desse último módulo.

Eu que hoje tenho 15 anos que morei com minha mãe e dois irmãos, que sou estudante do 1º ano do ensino médio, tinha um namorado até na sexta, que amo teatro e quero muito ser juíza. Que sou uma menina ridente "alegre", que sempre estou vendo o lado bom da vida. Que acho que a vida é um jogo com faces boas e faces ruins, que tenho que ser esperte p/ descobrir os macetes.

Eu quero "E vou estar daqui a 20 anos".

Saltira "com um namoradinho", pretendo (pretendo não, sou) ser juíza reconhecida.

É uma grande atriz, quero alcançar o sucesso.. É p/ isso so depende de mim. ter minha casa e um filho(a).

E daí p/ frente pretendo ~~q~~ criar nossos sonhos p/ realiza-los.

Eu vou estar mais feliz que nunca por não estar mais morando em São João do Meriti. (um lugar sem muitos escalhos.) Há e pretendo conseguir amar alguém daqui a 20 anos. Quem sabe aos 35 anos

Eu tenho tudo que eu quero.
Quem sabe não eu vou ter!

Ass.: Luana Sabayell.

Dia. 11-12-2006

Eu tenho 34 anos sou nadadora
olimpica vou participar do pan 2026
more em São João de Meriti com 2 filhos
e meu marido gosto de nas horas
vagas de ir na via shol etc etc...
amo meus amigos meus pais tios primos
filhos e etc. Amo tirar foto ainda
quando estou numa revista ai.
ainda causeo conflitos com o meu
irmão Danilo. E adoro sair sair sair.

Eu daqui à 20 anos

Bem, provavelmente vou estar com 38 anos e
espero estar bem feliz pessoalmente, profissionalmente
pois acho que a felicidade é o ^{meu} maior
propósito. Estarei em cartaz no teatro Municipal
do Rio e morei em Santa Teófica, aqui mesmo
no Rio, morei com a minha mãe e o Vander
sem por alguns parciais e eu o ano muito
estamos juntos desde Maio de 2006 e estou dando
ajuda em uma ONG na Baixada Fluminense
em São João de Meriti para crianças e adolescentes
e o melhor de tudo, que é passando tudo
aquilo o que um dia eu aprendi. Ah! semana passada
fui lá na Paraíba que visitei a minha cidade
natal e adorei, tá tudo muito diferente e bom
como sempre. Me formei em jornalismo à 10 anos
atrás, não to no ramo mais eu amo jornalis-
mo, hoje a Dani, eu, e o pessoal da do
grupo um almoço com morei na minha casa
Vamos lembrar os velhos tempos. No último
domingo conheci a Camila uma pessoa muito
querida e simpática. Sem agora vou ter que ir
estou indo insinar o meu espetáculo que
vai estar
Faça favor
shane foi, a tira uma foto!

minha vida toda

Eu sou Wanderson tenho 39 anos, nascido e criado em São João do Meriti, morei só por opção própria, tenho um casal de filhos que moram com a mãe nunca fui casado pois nunca estive em meus planos um casamento, só os filhos exatamente como foi feito, tenho um ótimo relacionamento com minha família e sou muito feliz profissionalmente, na medida do possível e lógico. Trabalho em uma indústria petroquímica e faço um trabalho por fora relacionado a arte, pois não tenho sonhos de ser rico procurei viver dentro da realidade, basta ter o conforto necessário para minha sobrevivência e dar um bom futuro para meus filhos, dando-lhe a eles suporte para que eles não precisem cair no mundo do tráfico nem para que eles interfiram na vida alheia e com isso sou levando minha vida tranquilamente podendo gozar de todo benefício que o estudo, trabalho e sabedoria pode me proporcionar.

Wanderson
Ramires

Seu comilo tenho 32 anos daqui a 20 anos
imagino a mesma pessoa, que sei agora,
educado, comunicativo, apenas o reflexo
que vai mudar um pouquinho mas
concerteza quero ter condições de fazer
as ~~esta~~ lps, tudo que usam hoje
em dia para ficar mais bonito,
eu quero ter tudo. Quero ter uma
boa condição financeira casar ter
filhos e mais importante ter as pessoas
que amo junto com esse 20 anos
que lá eu vou me tornando como
sei, porque sabe da minha vida etc
já, hoje agora nesse momento estou
muito bem e depois só o destino
sobre, então é bom pensar no presente
e não esquecer que o futuro está
de alcançá-lo não venha sentir
em termos e ~~to~~ esperas em
20 anos chegar!

Estéfani Dias Santos

Eu Estéfani, estou com 37 anos. Moro em Realengo num apartamento sozinho, trabalho em uma empresa com desenho industrial, sou solteiro por opção a minha vida é muito agitada. Tenho muito trabalho na empresa quase não tenho tempo para mim. Quando tenho folga vou com meus amigos para dançar é raro mas vou ao teatro e quando dá vou a praia. Mas uma coisa que não posso deixar de fazer é visitar meus pais e meus irmãos, tenho sobrinhos adoro todos e meu gosto por música não mudou continuo me rock não frequento mas point, quando o trabalho deixa fico escutando alguns CDs de rock não vou a shows mas procuro acompanhar nem se for pela televisão.

E assim se resume minha vida.

Estreine Teixeira Ignacia Menzinger.

- Oi

Eu tenho 33 anos e moro com a minha
filha com o meu marido.

tenho uma filha de 4 anos ela e linda
trabalho no meu consultorio de fisio Terapia e meu
consultorio e muito procurado pelas pessoas.
eu gosto de que eu faça: Eu estou feliz.

Eu amo o meu trabalho, minha familia
e os meus vizinhos.

Beijos

Estreine Teixeira Ignacia Menzinger.

Eu, Verônica, estou casada com 2 filhos, moro
na Bahia da Tefuca em uma casa que eu comprei
com o suor do meu trabalho.

Há 20 anos atrás eu estava me apresentando
no Teatro Municipal com um espetáculo de dança
e teatro, quando de repente um renomado diretor
da de uma emissora de TV me chamou para
fazer parte de uma novela e até hoje estou
na TV, sou famosa, ajudei os meus pais, tenho
filhos lindos, um mundo adorável. Na minha
carreira já foram 10 novelas, 3 filmes e 2 peças
de teatro, ah e não esquecendo também de um
detalhe os meus colegas de teatro estão eles
estão trabalhando como eu, isso não é

Maravilhoso!

Daqui a vinte anos

Daqui

Eu tenho 38 anos. Digo que daqui onde cheguei, realizei quase tudo que queria fazer.

Meu nome, Daniela Facinelli é reconhecido, não por algo erra-
do, mas pelo meu trabalho! Realizei o sonho de fazer uma Facul-
dade de Teatro e conseqüentemente ser reconhecida pelo meu trabal-
ho. É claro que esse meio é difícil, mas nada é impossível, quan-
do se há força de vontade. Também consegui realizar outro sonho
que é a faculdade de História e Letras.

Me casei com uma pessoa maravilhosa, temos 2 filhos. Sou
feliz nisso tudo, algo que há vinte anos não consigo imaginar. Mas Deus

Note o que faz.

Minha mãe está tão feliz como a casa nova que comprei para ela...

Meus irmãos seguiram seus rumos, casaram, tiveram seus filhos.

Com 40 anos eu estou muito boa em vista do que eu penso

ser. Ganhei meu cordão na capoeira, me formei bailarina e
o mais importante, me formei em algo que sempre sonhei, estar
trabalhando e ganhando por isso é maravilhoso bem. O grande sonho
de ser uma atriz reconhecida, pois isso eu já sou, só faltava o grande reconhe-
cimento.

Moro bem, tenho condições legais, tenho minha Instituição que cuida
de adolescentes carentes.

Meus filhos são maravilhosos, meu marido está muito bem de saúde...

Como se vê, todos os jovens projetaram seus futuros de forma favorável. Todos pretendem estar com suas vidas financeiras resolvidas, não sofrendo nenhum tipo de privação. Relatam diferentes desejos e aspirações, mas não deixam de manifestar a vontade de serem felizes. É importante ressaltar que esses jovens vêem o trabalho como forma de concretização e realização dos seus sonhos: *“Moro na Barra da Tijuca em uma casa que eu comprei com o suor do meu trabalho” (Veronice); “Meu nome Daniela Facinelli é reconhecido não por algo errado, mas pelo meu trabalho!” (Daniela); “Minha vida é muito agitada tenho muito trabalho na empresa e quase não tempo para mim” (Estefani); “E com isso vou levando minha vida tranqüilamente, podendo gozar de todo benefício que o estudo, trabalho e sabedoria pode me proporcionar” (Wanderson).*

Wanderson intitula sua composição como *“Minha nada mole vida”*, foi o jovem mais comedido nas aspirações futuras, mostrou-se mais consciente da dificuldade que um adolescente morador da periferia tem em alcançar um futuro promissor. Mostra descrença na mudança de sua condição atual de jovem pobre (dentro das concepções de pobreza já referidas nos capítulos anteriores) para de um adulto rico: *“Não tenho sonhos de ser rico, procuro viver dentro da realidade”*.

Se **Wanderson** é mais comedido nas suas aspirações, **Luana** apresenta o contrário. Ela faz um aparato da sua vida no presente e, posteriormente lança seus projetos para o futuro de ser juíza e atriz com muitas certezas, como mostrada nas frases: *“Eu quero e vou estar daqui a 20 anos...”* e *“pretendo não, vou ser juíza reconhecida”*. Tirando **Camila**, todos definiram suas profissões. Indústria petroquímica, desenho industrial, fisioterapia e nadadora olímpica foram algumas citadas, sendo a profissão de ator a mencionada com mais frequência. Por fazerem parte de uma cia de teatro, é natural que ser ator ou atriz seja um desejo forte e que também associe a profissão a sucesso e fama, seguindo os ideais e vislumbamentos que a indústria televisiva e cinematográfica associaram a essa profissão. Porém, ser ator ou atriz também surgiu como sobressalente a outras profissões, como se não quisessem deixar de lado o que lhes dão tanto prazer, mas também cientes que talvez sejam necessárias outras profissões que lhes dêem mais segurança no futuro, ou, simplesmente incertezas do que querem como futuro profissional.

Seguindo suas experiências na Ong *Casa da Cultura*, **Daniela** e **Fagner** (que serão atores bem sucedidos) descrevem em seus textos a vontade de ter uma Ong e ajudar com trabalho voluntário dando aulas às populações carentes.

Poucos pretendem continuar morando em São João. *“Eu vou estar mais feliz que nunca por não estar mais morando em São João de Meriti (um lugar sem muitas escolhas)!”*, afirma **Luana** que seguida por **Fagner** que quer morar em Santa Teresa, **Daniela** na Barra da Tijuca, e **Estefani** em Realengo pretendem morar em lugares diferentes e de referências positivas nas suas vidas. **Beatriz** é a única que cita explicitamente que continuará morando em São João de Meriti, assim como continuará aproveitando as opções de lazer que esta cidade lhe oferece, como a casa de show *Via Show*.

Em relação à família, a maioria das meninas possui a visão romântica do casamento e filhos perfeitos. **Daniela**, **Catarine**, **Beatriz**, **Camila** e **Veronice** compartilham dessa idéia, e relatam a felicidade associada a uma família, com filhos lindos, e maridos compreensíveis, demonstrando um grande desejo que para elas é muito importante: *“Me casei com uma pessoa maravilhosa, temos 2 filhos. Sou feliz nessa área, algo que há vinte anos atrás nem imaginei”*. Já **Estefani** e **Luana** apresentam uma visão diferente, Estefani pretende morar sozinha e sem filhos, justifica que o trabalho lhe ocupa todo o tempo. Já **Luana**, depois de relatar sua decepção amorosa no presente (*“tinha um namorado até sexta-feira”*), se mostra decepcionada pretendendo ter apenas “namoradinhos”, mas preservando o desejo de ter um filho. Dos meninos, **Fagner** pretende morar com sua mãe e seu amigo **Wanderson**. Já **Wanderson** pretende morar sozinho, mas quer ter dois filhos que irão morar com a mãe: *“tenho um casal de filhos que moram com a mãe. Nunca fui casado, pois nunca esteve em meus planos um casamento, só filhos. Exatamente como foi feito”*.

Camila foi a adolescente que se mostrou mais indecisa e disse pouco a respeito de como estará em níveis profissional e familiar. Demonstrou uma profunda preocupação estética em relação ao seu futuro: *“... apenas o reflexo que irá mudar um pouquinho, mas com certeza quero ter condições de fazer as lipos. Tudo que usam hoje em dia para ficar mais bonita eu quero ter na minha casa”*. **Camila** é magra e sua preocupação em ter dinheiro para fazer lipoaspiração parece discrepante à primeira vista. Mas, ao mesmo tempo, é compreensível se pararmos para pensar no quanto a indústria e a ditadura da beleza está manipulando a

formação dos jovens no culto ao corpo perfeito, sendo isso garantia e sinônimo de felicidade.

O futuro como dúvida e incerteza e com um certo ar de temor apareceu com maior clareza na composição da adolescente **Camila**: *“Até lá eu vou me formando como serei. Hoje, agora, nesse momento, estou muito bem e depois só o destino sabe. Então é bom pensar no presente e não esquecer que o futuro está se alcançando. Então vou sentar, em termos, e esperar esses 20 anos chegar!”*. A contradição do “alcançar” e “sentar e esperar”, remete a angústia da responsabilidade que sente sobre seu futuro, como se fosse um peso que gostaria de compartilhar, e não ser a única responsável por ele. Desejar o que se quer é simples, mas executar e ser responsável pelo seu sucesso pode gerar contradições como parece ter acontecido com **Camila**.

As redações realizadas indicam que esses jovens desejam ingressar no ensino superior, inserir-se no mundo do trabalho por meio de atividades que tragam satisfação pessoal e têm como meta a constituição e preservação de suas famílias. Apesar do futuro ser um enigma e imprevisível, esses jovens assumem uma postura otimista, planejam e estão buscando executar seus projetos mesmo diante das dificuldades do presente. Aqui, como afirma Leccardi (2005, p. 35), o presente não é apenas uma ponte entre o passado e o futuro, mas a dimensão que “prepara” o futuro. É no futuro que são depositados a esperança desses jovens, um futuro que se mostra bem diferente em relação ao que são hoje. Mas ao mesmo tempo é nítido que todos os valores morais e afetivos que trazem em suas biografias são decisivos nas suas aspirações.

A trajetória desse trabalho consistiu em analisarmos os adolescentes pobres moradores de São João de Meriti, nas suas relações com a realidade presente e suas perspectivas de futuro. A pobreza, as precárias condições de vida, a violência e as características típicas dessa idade, suas emoções, afetos e sentimentos atrelados às questões da contemporaneidade do mundo globalizado, é um misto que transforma a vida desses jovens num devir constante, mas que não os impedem de planejar e sonharem com um futuro melhor.

As considerações finais que seguem no próximo capítulo visarão analisar as relações da dinâmica do presente e os projetos dos jovens analisados nessa pesquisa, finalizando assim, esse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois e dois: quatro

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena

como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena

e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

- sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena.

(Ferreira Gullar)

5. Considerações finais

Deparamo-nos com um mundo globalizado, capaz de desenvolver processos socializadores distintos que propiciam ao mesmo tempo, a satisfação de alguns com seu avanço tecnológico e sedutores bens de mercado e a frustração de muitos que são excluídos até mesmo de seus direitos vitais de sobrevivência. São situações complexas que despertam problemas de difíceis contornos, como o desemprego, a violência, a fome e outros tristes e lamentáveis dilemas atuais marcados pela diferenciação cada vez mais acentuada da pobreza e da riqueza.

O adolescente, assim como todos aqueles que vivem nesse contexto, buscam respostas às questões que lhes são transmitidas. O jovem reage ativamente ao que lhe é proposto, buscando formular respostas próprias que façam sentido para suas vidas e, acima de tudo, sua inserção social.

Os adolescentes estudados nesta pesquisa trouxeram, nos debates propostos pelos grupos focais, falas que demonstram estarem inseridos na dinâmica atual do mundo globalizado. Pertencem ao lado pobre da polarização na distribuição das riquezas, sofrem por morarem numa cidade que pouco tem a oferecer em termos de conforto e condições sadias de sobrevivência física e mental. Convivem diretamente com a violência e são vítimas do descaso das instituições públicas. Mas, por outro lado, sentem as alterações do tempo cada vez mais veloz e as alterações no espaço pelos processos universalizantes das novas tecnologias de comunicação. Estão inseridos na lógica do consumo e são influenciados pela mídia. Sendo assim, estão buscando conquistar suas autonomias nessa disputa injusta, tentando conciliar seus desejos com as demandas e oportunidades oferecidas pelo mundo contemporâneo.

Globalização rima com integração e homogeneização, da mesma forma que com diferenciação e fragmentação. A sociedade global está sendo tecida por relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, integração e antagonismo, soberania e hegemonia. Trata-se de uma configuração histórica problemática, atravessada pelo desenvolvimento desigual, combinado e contraditório. As mesmas relações e forças que promovem a integração suscitam o antagonismo, já que elas sempre deparam diversidades, alteridades, desigualdades, tensões e contradições (Ianni, 1996, p. 36).

Para Ianni (1996), complementando a sua passagem citada acima, a sociedade global é plural, múltipla e caleidoscópica. Seus aspectos negativos como a privação de se obter tudo aquilo que o mundo oferece diante da pluralidade, é um dos sofrimentos que populações localizadas às margens da sociedade (as periferias)

estão sofrendo, eles têm acesso às informações e transformações do mundo, mas têm muitas dificuldades de conquistá-las.

A maneira pela qual os adolescentes constroem suas experiências é fragmentada. A quantidade de informações que eles recebem está crescendo em um ritmo sem precedentes, diferenciando muito do ritmo que eles respondem devido as suas limitações. Os meios de comunicação, a escola, as relações interpessoais, lazer e consumo são os responsáveis em gerar essas mensagens, já os jovens são os produtores e consumidores dos espetáculos e das notícias. Mas, se por um lado eles respondem ao apelo do consumo, da competitividade, do individualismo e da fixação no poder (que são marcas de sua época e sua geração), por outro lado muitos desenvolvem um pensamento crítico buscando saídas alternativas. Por isso é preciso evitar as generalizações.

Como já expus, a consideração da juventude como problema está presente tanto no senso comum como nas ciências voltadas aos estudos das sociedades. Isso se torna ainda mais evidente em relação aos jovens das periferias, que juntamente com a condição juvenil, são percebidos potencialmente como ameaça e carregam consigo o estigma de pertencerem a um estrato social identificado com a violência, criminalidade entre outros tantos aspectos negativos. Tais concepções interferem na visão que a sociedade tem de serem os jovens sujeitos de direito. Assim, como interfere também no curso das políticas públicas direcionadas à juventude que deveriam dispor de redes de proteção social como uma educação que estimule a crítica criativa e a potencialidade de cada um e não apenas medidas emergenciais e assistencialistas, como vem acontecendo nos projetos sociais destinados a essa faixa etária.

Se forem muitos os jovens envolvidos em violências, muitos são também os jovens que estão tocando suas vidas, sobrevivendo, pavimentando carreiras, como são muitos os envolvidos em experiências de cultura e de atividades comunitárias. Estes são jovens que, vivendo em áreas de pobreza, reagem por sua conta ou com a colaboração de instituições variadas mudando os sinais das vulnerabilidades, ou se preferirem, de risco.

Dos jovens estudados, nenhum pareceu estar, no momento da pesquisa, envolvido com tráfico, a espera de um filho, ou relacionado a outros problemas que vêm sendo vinculados a jovens quando se encontram em situações de pobreza. Pelo contrário, suas redações sobre perspectiva de futuro foram positivas e

animadoras. Apesar de estarem cercados de impossibilidades, estes jovens mostraram uma incrível capacidade de sobrevivência positiva dentro de toda conjuntura que, a princípio, seria propulsora de pessimismo e planos de vida sem muitas possibilidades de melhorias.

O que se viu foi o esforço de construir projetos a partir dos referenciais disponíveis, vindos do âmbito familiar, da comunidade à qual pertencem e em especial de suas convivências na Ong *Casa da Cultura*. Isso vem comprovar a importância do tempo presente na construção dos planos de vida. Seus projetos mostraram a transformação dos recursos atuais, que são limitados por suas condições financeiras, em algo possível. Essa transformação implicou em um trabalho psíquico de consciência da realidade e motivação, mostrando a preocupação e interesse desses jovens em se tornarem indivíduos pertencentes ao corpo social, buscando o reconhecimento na vida e de todos que estão a sua volta.

A participação e as influências do convívio entre eles e com os profissionais da e na Ong *Casa da Cultura* é sem sombra de dúvida um fator que vem determinando a forma como pensam o futuro. Segundo Abramo (1997) há mais tempo e em número bem maior que as ações governamentais, têm crescido os projetos e programas destinados aos jovens por parte de instituições e agências de trabalho social (ongs, associações beneficentes, instituições de assistência etc.). A maior parte desses projetos destina-se a prestar atendimento para adolescentes em situação de vulnerabilidade ou risco social, tentando também, diminuir as dificuldades de integração social atuando muitas vezes em processos de ressocialização e programas de capacitação profissional.

A criação dessas instituições, com exceção às que representam charlatanismos e formas abusivas de arrecadação de dinheiro usando os projetos sociais como fachadas, aparecem no intuito de preencher as lacunas do descaso público comprometendo-se com a educação e formação de jovens e crianças pobres. Críticas também são feitas sobre a eficácia de suas ações, se não seriam apenas ocupacional e pouco contribuindo para a melhoria e promoção social dos que delas fazem parte. Esse seria um tema a ser mais bem investigado, mas não posso refutar aqui de atribuir a Ong *Casa da Cultura* a principal fonte de inspiração nos projetos de vida dos jovens pesquisados. Além de preencher a lacuna do tempo livre e ocioso, oferecem a esses jovens espaços sadios de sociabilidade, assim como de esperança.

A ida para a *Casa da Cultura* remete a forma como esses adolescentes encontraram de ocupar seus tempos livres. Porém, se tornou mais que uma ocupação do tempo ocioso, ou mediadora de encontros de amigos. Para esses jovens participar do grupo de teatro, além de resolver seus problemas de timidez (como muitos disseram em suas apresentações) deu a eles uma possibilidade de profissionalização, e mais que possibilidade, deu um norte em termos de apoio e planejamento de suas vidas.

Família e escola são muito importantes na construção da identidade e da subjetividade. Porém o que percebemos é que essas instituições não estão exercendo eficientemente seus papéis de educadores e estimuladores da cidadania e da segurança cognitiva e social dos mesmos. Suas participações nos projetos da Ong *Casa da Cultura* aparecem como tentativas de suprir essas fragilidades. Eles se reúnem três vezes por semana. Além do aprendizado das técnicas teatrais, aprendem roteiro, cenografia e interpretação. A companhia tem uma agenda de apresentações em todo o estado, participam também de amostras teatrais e competições com outros grupos, sempre levando o nome da *Casa da Cultura* e servindo de exemplo de trabalhos realizados com jovens carentes.

Era nítida a feição de entusiasmo quando falavam de suas apresentações. Referiam-se como sendo uma família. Seus discursos, na maioria das vezes, eram no coletivo, e afirmavam que podiam contar sempre com o apoio de uns com os outros. Algumas vezes eles são remunerados pelas apresentações e alguns já realizam trabalhos como animação de festas, utilizando as técnicas que aprenderam no grupo. Isso é importante tanto no aspecto ocupacional que minimiza as chances desses jovens ficarem mais tempo ociosos e serem seduzidos pelas vantagens oferecidas pelo mundo do tráfico e da violência, como também resolve problemas imediatos de dinheiro, inserindo-os na questão do trabalho e oferecendo condições reais compatíveis com suas esperanças.

Em suas composições sobre como estariam daqui a 20 anos, muitos citaram a profissão de ator como sendo a principal ou única a ser exercida. Associaram também a esta profissão o caráter da fama e sucesso e conseqüentemente do dinheiro. Com exceção de **Wanderson**, projetaram-se numa situação financeira muito diferente da atual. A discrepância surge dos princípios de ideais que esses jovens querem para si, mas também parecem, como também afirma **Wanderson**, “*fugir da realidade*”.

A cultura da mídia é a cultura dominante hoje em dia; substitui as formas de cultura elevadas como foco da atenção e de impacto para grande número de pessoas. Além disso, suas formas visuais e verbais estão suplantando as formas da cultura livresca, exigindo novos tipos de conhecimentos para decodificá-las. Ademais, a cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a Igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento (Kellner, 2001, p. 27).

Fischer (2005) em seu estudo sobre o papel da mídia na formação da identidade de jovens, remete a uma situação que muito tem a ver com a problemática levantada. Ela lembra que diversos artistas ao darem declarações sobre suas vidas, sejam na mídia falada ou escrita, atribuem ao acaso ou a sorte a forma como atingiram o sucesso. Isso torna o mundo fantástico das celebridades mais acessível e ilusoriamente fácil de ser atingido, alimentando a esperança de estarem sendo observados por olheiros e terem suas vidas transformadas da noite para o dia. Dormiriam pobres e anônimos e acordariam ricos e famosos. Mas, ao mesmo tempo, os jovens dessa pesquisa demonstraram que mesmo alimentados dessa ilusão, o estudo vem como uma âncora importante na concretização dos seus sonhos.

Seja o trabalho visto de forma utópica ou não, o que podemos perceber é que o emprego continua sendo uma dimensão central da identidade e a base da normalidade social. O trabalho ainda é considerado como um modo forte de auto-realização, tanto para as meninas, quanto para os meninos se tornando para alguns mais importantes que a constituição de uma família.

Isso também nos faz pensar e propor que tendo as instituições não-governamentais assumido um lugar tão especial na vida de muitos jovens, como esses estudados, se não deveriam abranger suas ofertas de projetos a eles destinados. O que percebemos, na grande maioria, são ações voltadas para o esporte e cultura, não que isso seja ruim, mas acabam se tornando também insuficientes quando pensamos em termos de mercado de trabalho e chances de inclusão.

Os adolescentes pesquisados mostraram sempre um otimismo em relação a toda e qualquer problemática que lhes foram apresentadas. As questões da cidade e do futuro que deveriam ser vistas sob um olhar de negativismo e desilusões, foram narradas por um conformismo, mas também por uma capacidade de superação diante das dificuldades.

Por esse motivo, há uma evidente necessidade de investigações críticas sobre o cotidiano de adolescentes e também de suas manifestações culturais, procurando novas possibilidades existenciais, sociais e políticas diante da ideologia dominante; e, também, proporcionar maior visibilidade de suas ações para favorecer a construção de *outros modos de ser adolescente*, que não estejam apenas fundamentados na imagem de que são ameaças à integridade social, desregrados, hedonistas e irresponsáveis, e nem em uma imagem idealizadora de que são sonhadores, belos, ingênuos e, portanto, vítimas do sistema social.

Nesse sentido, são estes outros modos de ser adolescente que os tornam reconhecidos como sujeitos capazes de formular questões relevantes e ações significativas no campo social, que nem sempre são eficazes (como qualquer ação), mas que contribuem para a construção de um ensinamento da liberdade que reforça os princípios de cidadania e justiça, que constituem uma sociedade democrática e que justifica esta pesquisa.

O mesmo processo que é capaz de revelar contornos e nuances demonstra o quanto à superação dos problemas está intrinsecamente vinculada à esfera das políticas públicas. Foi percebido que são jovens que no meio de tantas problemáticas querem estudar, trabalhar, ter lazer e não estão tendo chances para isso. Estão num patamar de limitações tão grande que o pouco que lhes é oferecido se transforma em sonho e deslumbramento. Isso faz com que seja inevitável pensar como seria se a esses mesmos jovens fossem dadas condições ideais de educação e acesso à cultura, que certamente resultaria em projetos futuros mais abrangentes e sólidos.

Devemos cobrar do Estado maior interesse nas questões relacionadas à infância e juventude pobre. É preciso investir e reavaliar as políticas voltadas para a promoção social das populações carentes desse país, haja visto que, como mostrado nesta pesquisa, havendo oportunidade eles absorvem e transformam suas vidas.

Ao centralizar minhas críticas e observações no papel do Estado, não pretendo colocá-lo como uma instância de poder maior e único sobre a sociedade, nem tão pouco retirar dos indivíduos a capacidade de construir sua própria história, fazendo suas próprias escolhas. Entretanto é preciso compreender que para o jovem pobre as possibilidades de escolha são bastante reduzidas, em grande parte por problemas de ordem pública.

Ao finalizar este trabalho, seduzida pela vontade de aprofundar-me mais nas investigações, ressalto minha preocupação enquanto Pesquisadora e participante da sociedade. Trabalhar, estudar, conhecer, conversar e conviver com esses jovens, me deu a oportunidade de compreender melhor alguns aspectos de suas vidas, atrevendo-me inclusive, a tentar elucidar determinadas relações sociais que por eles são formadas. Longe de querer a “verdade”, dediquei-me a apresentá-las neste trabalho, procurando compartilhar e contribuir com a efetivação de um debate democrático sobre o futuro das próximas gerações.

Inserir a idéia de futuro na prática científica é difícil por não conseguirmos trilhar nenhuma certeza. Aliar futuro à pobreza remete-nos a um inevitável pessimismo diante da real conjuntura política e social do nosso país. Mas ao mesmo tempo aliar futuro e pobreza com adolescência gera algumas transformações nesse pessimismo. **Estefani, Catarine, Daniela, Francisco, Fagner, Camila, Silas, Wanderson, Beatriz, Veronice e Luana**, jovens que me ajudaram a construir esse trabalho, revigoraram minha esperança e me deram um novo horizonte. Durante o tempo que estive com eles fui contagiada por suas alegrias na vontade de viverem e lutarem por uma vida digna. Aprendi com eles que um ponto de apoio, por menor que seja, pode servir de alavanca para mover o mundo e a vida. Iniciei essa dissertação procurando entendê-los melhor, desenvolvi-a apoiando-me nas suas perspectivas, e concluo com a expectativa de que seus sonhos se realizem. Agradeço a eles por terem revigorado minha forma de ver o mundo, alimentando a esperança de que as coisas não estão pré-determinadas, e que mesmo diante de tantos problemas ainda é possível planejar com entusiasmo um futuro melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6. Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Página Aberta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In *Revista Brasileira de Educação*, n. 5, p. 25-36, maio/jun/jul/ago 1997.

ABRAMOVAY, Miriam CASTRO e Mary Garcia. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. In *Caderno de pesquisa*. Nº 116, julho/2002.

_____. Por um novo paradigma do fazer políticas - políticas de/para/com juventudes. In *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Campinas: UNICAMP, v.19, nº .2 , pp 19-46, jul./dez. 2002.

_____. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO/BID, 2002

ABREU, A. *Municípios e Topônimos Fluminenses – Histórico e Memórias*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1994.

ADORNO, Sérgio, BORDINI, Eliana e LIMA, Renato. O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. In *São Paulo em perspectiva*. São Paulo, nº 13, pp 62-74, 1999.

AGUIAR, Wanda, BOCK, Ana e OZELLA, Sergio. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In BOCK, Ana Bahia (org.). *Psicologia Sócio-Histórica*. São Paulo: Cortez, 2002.

ARDILA, Rubén. Psicologia Social de la Pobreza. In WHITTAKER, James (org.) *La Psicología Social em el Mundo de Hoy*. Biblioteca Técnica de Psicología, México: Editorial Trillas, 1979.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

ÁRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.,1999.

BERGER, Peter L.& LUCKMANN, Thomas. *A construção Social da Realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*.São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – Algumas concepções contemporâneas. In CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

BLOS, Peter. *Transição Adolescente: questões desenvolvimentais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1966.

BLUM, Robert. Risco e Resiliência: Sumário para o desenvolvimento de um programa. In *Adolescência Latinoamericana*. São Paulo, nº 1, pp 16-19, 1997.

BRANDÃO, M. Origens da expansão periférica em Salvador. In *Revista Planejamento*. Bahia, vol. 6 (2), pp. 155-171. 1978.

BRITTO, Sulamita de (org.). *Sociologia da Juventude*, v1 e 2. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPOS, Dinah M. S. *Psicologia da Adolescência: normalidade e psicopatologia*. Petrópolis: Vozes, 1977.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CAPALBO, Creusa. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: J.Ozon, [197-].

CASSAB, M. A. Tardin. Jovens pobres e a cidade: a construção da subjetividade na desigualdade. In: CASTRO, L. Rabello de (org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2001, p. 209-226.

CASTORIADIS, Cornelius. Para si e subjetividade. In PENA-VEJA, Alfredo e ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. *O Pensar Complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

CASTRO, Lucia R.. *Infância e Adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.

_____. *Subjetividade e cidadania*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001.

_____. *Juventude contemporânea*. Rio de Janeiro: Nau Editora: 2005.

CASTRO, L. Rabello de (org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2001

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CORDEIRO, A., MENEZES, J e CASTRO, L. Oficinas da Cidade em Fortaleza. In *Revista Psicologia Reflexão e Crítica*. Nº 15, p. 53-61. 2002.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.

DARTIGUES, A. Um Positivismo Superior, In: *O Que é Fenomenologia*, São Paulo: Editora Moraes, 1992, pp.7-28.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: eBookLibris, 2003.

DOLTO, F. *A Causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

DORIN, Lannoy. *Psicologia da Adolescência*. São Paulo: Ed. Brasil S/A, 1978.

EGLER, T. Cohen. O chão da nossa casa: a produção da habitação em Recife. São Paulo, USP, tese de doutorado, 1986.

_____. Espaço da coesão social na era informacional. In: BARRENECHEA, M. & GONDAR, J. *Memória e espaço: trilhas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

ELIAS, Norberto. *O processo civilizador - formação do estado e civilização* (vol. 1), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Volume XXII – IBGE, 1959.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

Estudo sócio-econômico 2004 do tribunal de contas do Estado do Rio de Janeiro (outubro/2004). In www.tce.rj.gov.br, acessado em março/2007

FEATHERSTONE, Mike. A Globalização da Complexidade: pós-modernismo e cultura de consumo. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 11, n. 32, p. 105-124, out. 1996.

FORGHIERI, Y.C. *Psicologia Fenomenológica. Fundamentos, Método e Pesquisa*, São Paulo: Pioneira, 1993.

FRANCH, Mônica. Nada pra fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia do Recife. In *Revista Brasileira de Estudos de População*. V. 19, nº 2, jul a dez de 2002.

GALLATIN, Judith E. *Adolescência e Individualidade*. São Paulo: Herper & Row do Brasil Ltda, 1978.

GONÇALVES, Hebe Signorini. Juventude Brasileira, entre a tradição e a modernidade. In *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. V. 17, nº 2, São Paulo: USP, FFLCH, 2005.

GUIDDENS, Anthony. *Mundo em Descontrole*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IBGE. *Censo Demográfico*. In: www.ibge.gov.br, consultado em fevereiro/2007.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

KELLNER, D. *A cultura da mídia*. São Paulo: Edusc, 2001.

LACERDA, Catarina & LACERDA, Milton. *Adolescência: Mito ou Desafio*. Petrópolis: Vozes, 1999.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. In *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. V. 17, nº 2. São Paulo: USP, FFLCH, 2005.

LEVI, Giovanni Levi & SCHIMITT, Jean-Claude. *História dos Jovens: da antiguidade à era moderna*. V 1 e 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIPOVETSKY, Guilles. *Sedução, publicidade e pós-modernidade*. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 12, junho 2000.

LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean- François. *A Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. In *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. V. 17, nº 2. São Paulo: USP, FFLCH, 2005.

MARQUES, Maria Ornélia da Silveira. Escola noturna e jovens. In *Revista Brasileira de Educação. Juventude e Contemporaneidade*, Nº 5-6. ANPED, 1997.

MARTINS, Joel. Psicologia da Cognição: Como fazer fenomenologia. In *Temas Fundamentais de Fenomenologia: Centro de estudos Fenomenológicos de São Paulo*. São Paulo: Moraes, 1995.

MARX, Karl. Trabalho, juventude e educação politécnica. In: BRITTO, Sulamita (org.). *Sociologia da Juventude*. Volume 1. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In *Revista Brasileira de Educação. Juventude e Contemporaneidade*, Nº 5-6. ANPED, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. *Ciências do Homem e Fenomenologia*. São Paulo: Saraiva, 1973

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A Violência na Adolescência: Um Problema de Saúde Pública. In: *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, nº 6(3), 1991.

_____. *O Desafio do Conhecimento*. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (et al.). *Fala, galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MOLLAT, Michel. *Os pobres na idade média*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MOURA CASTRO, Cláudio. *A prática da pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1977.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

MORSE, R. *O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. A passagem interna da Modernidade para a Pós-modernidade. In *Revista Ciência e Profissão*, 2004, 24 (1), 82-93.

OLIVEIRA, Ronaldo Fernandes de. O Rancho Fundo é um lugar. In CECCON, Claudius & PAIVA, Jane (Org.). *Bem pra lá do fim do mundo: histórias de uma experiência em Rancho Fundo, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: CECIP, 2000.

PESCE, Renata, ASSIS, Simone, SANTOS, Nilton e OLIVEIRA, Raquel. Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. In *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v 20, nº 2, pp 135-143, maio-agosto de 2004.

RAPPAPORT, Clara Regina (coord.). *Psicologia do desenvolvimento: A idade escolar e a adolescência*. 4. V. São Paulo: EPU, 1981-82.

REZENDE, Antônio Maria. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1987.

RODRIGUEZ, E. Políticas públicas de juventud en América Latina: de la construcción de espacios específicos al desarrollo de una perspectiva generacional.

In *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Infancia y Juventud*. Colombia: CINDE, Universidad de Manizales, nº 2, 2003.

ROCHA, Jorge Luis. São João de Meriti: um balaio de idéias. In: <http://balaiomeriti1.sites.uol.com.br/index.htm>, acessado em 01/04/2007.

SADALA, Maria Lúcia. *Cuidar de Pacientes com AIDS: o olhar fenomenológico*. São Paulo: UNESP, 2000.

SANTOS, Milton. *Pobreza Urbana*. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. *Espaço e Sociedade*. Vozes, Petrópolis: 1979.

_____. *Técnica Espaço Tempo Globalização e meio técnico-científico informacional*. Hucitec, São Paulo, 1994.

_____. *Pensando o Espaço do Homem*. Hucitec, São Paulo, 1997.

_____. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Record, São Paulo: 2000.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *Carne e Pedra*. São Paulo: Record, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Benedito. *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SILVA, Jailson. A juventude dos espaços populares e as políticas sociais: desconstruindo algumas representações tradicionais. In www.psicologia.uefrj.br/nipiac/blog/?p=24, acessado em abril/2007.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In VELHO, Otávio. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 11-25.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPAGNOL, Antonio Sergio. Jovens delinquentes paulistanos. In *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. V. 17, nº 2. São Paulo: USP, FFLCH, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. In *Revista Brasileira de Educação. Juventude e Contemporaneidade*, Nº 5-6. ANPED, 1997.

TORRES, H.G e MARQUES, E. Reflexões sobre a hiperferiferia: novas e velhas faces da pobreza no entorno metropolitano. In: *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. Nº4. São Paulo, 2001.

TRILLA, J. B. Cidades educadoras: bases conceptuais. In: ZAINK, M^a Amélia S.(org). *Cidades Educadoras*. Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

VALLADARES, Lícia. Cem Anos Pensando a Pobreza (urbana) no Brasil. In: BOSCHO, Renato R. (Org.). *Corporativismo e Desigualdade: a construção do espaço público no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1991.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VIRILIO, Paul. O resto do tempo. In *Revista FAMECOS*. Porto Alegre: nº 10, pp 57-61, junho1999.

YUNES, Maria Ângela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. In *Psicologia em estudo*. Maringá: v 8, nº especial, 2003.

XIBERRAS, Martine. *As teorias da exclusão*. Coleção Epistemologia e Sociedade. _____, [199].

YUKA, Marcelo. Minha Alma (A paz que eu não quero). In O RAPPA. *Lado B Lado A*. Rio de Janeiro: Wea music, 1999/2000.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ZANETI, Hermes. *Juventude e Revolução: Uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil*. Brasília: Edunb, 2001.

APÊNDICE 1



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
 INSTITUTO DE PSICOLOGIA
 DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Pesquisa de Mestrado: ENTRE A REALIDADE E O SONHO: AS IMPLICAÇÕES DO PRESENTE NA PERSPECTIVA DE FUTURO DE ADOLESCENTES POBRES DA BAIXADA FLUMINENSE

Termo de compromisso e conhecimento institucional

Baseado nos objetivos apresentados no projeto de pesquisa apresentados pela pesquisadora Camila Fernandes Bravo do PPGPS/UERJ, é sabido que a mesma realizará sua pesquisa com os adolescentes freqüentadores da instituição *Casa da Cultura – Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense*. A mesma encontra-se autorizada a realizar observações participante nos grupos artísticos desenvolvidos pela Casa, desde que previamente informado e autorizado pela coordenação vigente. Será autorizada também a realizar os grupos focais, na coleta de dados de sua pesquisa nas nossas dependências e a utilização de nosso material de divulgação como panfletos e revistas no desenvolvimento e explanação da sua pesquisa.

Torna-se ciente que a instituição pode suspender a participação da pesquisadora na rotina da instituição a qualquer momento, por qualquer razão, bastando para tal a comunicação prévia. Tendo a instituição todo direito e garantia de esclarecimentos sobre qualquer ponto, antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa.

Estou suficientemente esclarecido e dou pleno consentimento para que a Ong *Casa da Cultura*, faça parte desta pesquisa.

Assinatura: _____

Cargo: _____

Local: _____ Data: _____

Obs.: Em caso de dúvida ou reclamação contatar a pesquisadora Camila ou Prof^a Ariane no PPGPS/UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 10019, bloco F, 10º Andar – Maracanã – Rio de Janeiro, RJ, e-mail: camilafbravo@bol.com.br, telefax (021) 25877284. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato á Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3º Andar – Maracanã – Rio de Janeiro, RJ, e-mail: ética@uerj.br telefax (021) 25693490.

APÊNDICE 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você foi selecionado para participar de uma pesquisa sobre o presente e o futuro *de adolescentes pobres da Baixada Fluminense*, que tem como objetivo colher informações sobre como os adolescentes de São João de Meriti, se percebem e pensam enquanto moradores desse município marcado pela pobreza. A forma que buscarei para colher essas informações será através de quatro encontros, formando um grupo com aproximadamente 20 jovens, uma vez por semana, numa data a ser combinada e concordada por todos os participantes. Cada encontro terá um tema a ser discutido e tudo que for escrito, falado e desenhado, serão analisados e expostos nessa pesquisa. Os encontros serão na Ong *Casa da Cultura* com duração de uma hora e meia. Você ou seu responsável pode desistir de participar desta pesquisa em qualquer momento, por qualquer razão, bastando para tal me comunicar sua desistência, sem que haja nenhuma consequência no acompanhamento que fazem, agora ou no futuro, na Ong *Casa da Cultura*.

Pretendo realizar filmagens e tirar algumas fotos dos encontros. Para isso conto com sua autorização para exibição e utilização da sua imagem e do material que será confeccionado por você (textos, desenhos e falas). Assinale abaixo com um (x) a sua opção:

- sim, você pode utilizar a minha imagem e as minhas produções.
 sim, você pode utilizar somente as minhas produções.
 não, você não pode utilizar a minha imagem e nem as minhas produções.

As informações serão divulgadas em um trabalho final que se chama dissertação de mestrado, que é pública e de livre acesso. E em artigos e Congressos que, futuramente, eu venha apresentar os resultados dessa pesquisa. Gostaria de saber se posso identificá-lo ou não através do seu nome, ou se você prefere que eu utilize um nome inventado. Informo que mesmo que se escolha pelo nome inventado, não tenho como garantir ou controlar o que os outros adolescentes do grupo possam fazer com as informações fornecidas por você. Por isso é preciso também que você se comprometa a não citar nomes, nem comentar o que foi dito nos encontros. Assinale, abaixo, com um (x):

- aceito que mantenha o meu nome verdadeiro.
 quero que utilize um nome inventado.

Estarei atenta para evitar qualquer tipo de constrangimento ou prejuízo. Procurarei sempre uma conversa franca e clara sobre qualquer questão que possa surgir. Sou psicóloga com experiência em lidar com adolescentes e em promover apoio familiar.

Você tem total direito e garantia de esclarecimentos, em qualquer momento, sobre qualquer ponto do desenvolvimento da pesquisa. A participação é dada de forma gratuita. Não haverá nenhuma forma de remuneração aos participantes, assim como nenhuma ajuda de custo de passagens e/ou outras despesas que possa acarretar a sua vinda.

A riqueza das informações colhidas irá servir de conhecimento e busca de novas idéias e estratégias na construção de novas formas de se pensar a adolescência, a pobreza e suas implicações com a vida adulta, buscando assim um futuro melhor para nós mesmos e para as próximas gerações.

Eu, _____ (adolescente) aceito participar desta pesquisa com todas as condições propostas, estando suficientemente esclarecido. Eu _____ (responsável legal), também me sinto suficientemente esclarecido e dou a autorização para que o adolescente participe desta pesquisa.

Assinatura do adolescente: _____

Assinatura do responsável: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Local: _____ Data: _____

Obs.: Em caso de dúvida ou reclamação contatar a pesquisadora Camila Fernandes Bravo no PPGPS/UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 10019, bloco F, 10º Andar – Maracanã – Rio de Janeiro, RJ, e-mail: camilafbravo@bol.com.br, telefax (021) 25877284. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3º Andar – Maracanã – Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br telefax (021) 25693490.

APÊNDICE 3

9. APÊNDICE 3

ENTRE A REALIDADE E O SONHO:

As implicações do presente na perspectiva de futuro de adolescentes pobres da Baixada Fluminense

ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

1º MÓDULO

Ementa: Apresentação dos participantes, apresentação da pesquisadora e da pesquisa. Levantamento dos aspectos pessoais e identitário dos adolescentes.

Aspectos valorizados: expressão verbal (a fala)

Instrumento a ser utilizado: Câmera filmadora e novelo de lã

Duração: Média de uma hora e meia

1) Apresentação do projeto pela pesquisadora

a) Identificação da pesquisadora, como proveniente do Mestrado em Psicologia Social da UERJ. Considero necessário o acompanhamento de alguém da equipe da Ong Casa da Cultura, para apresentação inicial e associação da minha presença a autorização da instituição.

b) Apresentação do projeto: objetivo de criar um espaço em que estes jovens possam expressar sua opinião, imaginar sua inserção na comunidade e na cidade em que vivem, compartilhando com outros jovens com experiências culturais semelhantes o que pensam e o que vivem. Pretendo comentar a idéia do projeto como uma pesquisa, um conhecimento para a sociedade do que podem e do que querem estes jovens. Informar sobre o sigilo acerca de suas falas, que não serão identificadas/nomeadas. Informar sobre as filmagens dos encontros, solicitando que se sintam à vontade, transmitindo e assegurando a naturalidade de suas falas e comportamentos. Reafirmar a importância da frequência, estabelecendo um compromisso com o grupo de participar de todo os encontros porque envolvem uma seqüência de atividades.

c) Reafirmar o horário e o número de encontros.

d) Ouvir as considerações e dúvidas que possam surgir

2) Dinâmica de apresentação do grupo

a) Dinâmica do novelo: A começar por mim, cada participante deve segurar o novelo de lã e falar a respeito de si. Quem sou? O que gosto? O que faço? Com quem moro? O que faço nos fins de semana? Onde estuda? Qual série? Tem namorado (a)?.... Após apresentação a pessoa segurando o fio de lã, atira o novelo na direção a quem se quer conhecer, repetindo o processo até que todos tenham se apresentado.

OBS: Caso algum adolescente tenha dificuldade em desenvolver sua apresentação, a pesquisadora intervém remetendo as perguntas.

b) Retomada da dinâmica: voltar pelo caminho percorrido falando sobre quem lhe atirou o novelo, sobre a impressão daquela pessoa.

c) Reflexão sobre a dinâmica: Como cada um se sentiu fazendo a dinâmica, se foi difícil falar de si mesmo, se encontraram gostos parecidos. Dentro desta reflexão pretendo levantar com eles aspectos de suas rotinas, costumes, hábitos, tentando encontrar as particularidades desse grupo.

3) Finalização do encontro

Agradecer a presença de todos e reforçar a importância de estar presente em todos encontros, lembrando a data e o horário.

2º MÓDULO

Ementa: Visão do adolescente em relação a sua cidade

Aspectos valorizados: expressão gráfica (o desenho)

Instrumento a ser utilizado: Câmera filmadora, cartolinas, canetas hidrocor, giz de cera, lápis de cor, tintas guache... Cartões com problemas

Duração: Média de uma hora e meia

1) Saudações e Boas-Vindas

2) Dinâmica

a) Os participantes se dividem em quatro grupos. Cada grupo deve fazer um painel/maquete sobre uma cidade e suas características (nome, localização, tamanho, pessoas que moram aí...).

OBS: Não será pedido que retratem a sua cidade, a associação deverá ser feita por eles, o objetivo é levantar o que associam como cidade. Se retratarem a sua cidade ou não será um ponto de análise.

b) os grupos apresentam as cidades que produziram;

c) a partir daí deve-se produzir 4 problemas (ter, de reserva, problemas em cartões: saúde, emprego, esgoto, educação, habitação, lazer, policiamento, cultura, transporte, poluição, água, rede elétrica, lixo, comércio, convivência), dizer como eles acontecem nas cidades, como os habitantes lidam com estes problemas e que soluções buscam;

d) Reflexões sobre o que retrataram e a cidade de São João de Meriti.

3) Finalização do encontro

Agradecer a presença de todos e reforçar a importância de estar presente em todos encontros, lembrando a data e o horário.

3º MÓDULO

Ementa: Visão da pobreza e sua interferência nas formas de ver o mundo e a sociedade contemporânea. Protagonismo juvenil, sentido da existência, influência dos meios de comunicação e consumo.

Aspectos valorizados: expressão verbal e musical

Instrumento a ser utilizado: Câmera filmadora, aparelho de som, CD “*Lado B Lado A*” – Grupo Rappa, letras da música *Minha Alma (a paz que eu não quero)* para todos participantes.

Duração: Média de uma hora e meia

1) Saudações e Boas-Vindas

2) Reflexão musical

a) Apresentar a história do grupo musical “O Rappa”, como banda formada em comunidades carentes (favela) do Rio de Janeiro, e apresentação da música *Minha Alma (a Paz que eu não quero)*, justificando-a como reflexão sobre a vida dos adolescentes, direitos, deveres e influência da mídia, principalmente televisão, nos seus modos de vida e de comportamento.

Minha Alma (a Paz que eu não quero)

Letra: Marcelo Yuka; Música: O Rappa

A minha alma está armada

E apontada para a cara

Do sossego

Pois paz sem voz

Não é paz é medo

Às vezes eu falo com a vida

Às vezes é ela quem diz

Qual a paz que eu não

Quero conservar

Para tentar ser feliz
As grades do condomínio
São para trazer proteção
Mas também trazem a dúvida
Se é você que está nessa prissão
Me abraça e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar
Na poltrona no dia de domingo

Procurando novas drogas
De aluguel nesse vídeo
Coagido pela paz
Que eu não quero
Seguir admitido

Às vezes eu falo com a vida
Às vezes é ela quem diz

- c) Ouvir opiniões sobre a música, se eles já conheciam o grupo e a música.
- d) Pedir para que digam qual parte da música mais chamou a atenção, e explorar as causas.
- e) Perguntar sobre como é para eles ser adolescente e quais os aspectos positivos e negativos desta idade da vida.
- f) Aproveitar o gancho da música que insinua a televisão como drogas de aluguel e vídeo coagido, para obter informações sobre como eles interpretam essa passagem e a partir daí analisar as influências da televisão em suas vidas. O que assistem, e levantar principalmente aspectos identificatórios com personagens da televisão.

3) Finalização do encontro

Agradecer a presença de todos e reforçar a importância de estar presente em todos encontros, lembrando a data e o horário.

4º MÓDULO

Ementa: Projeção de futuro dos adolescentes.

Aspectos valorizados: expressão gráfica (escrita)

Instrumento a ser utilizado: Folhas brancas, lápis preto e borracha.

Duração: Média de uma hora e meia

1) Saudações e Boas-Vindas

2) Reflexão Final

a) Incitarei os adolescentes para que se imaginem daqui a vinte anos. Com quantos anos cada uma estaria, onde estariam, o que estariam fazendo, com quem....

b) Estando os adolescentes sentados, de preferência com o apoio de mesas e individualmente, pedirei que escrevam uma dissertação sobre como acham que estarão, relatando vida pessoal, profissional, afetos e sentimentos daqui a vinte anos;

c) Duração da composição: 30 a 40 minutos;

d) Pedirei que cada um leia, sem criar nenhum clima de constrangimento, a fim de observar a reação dos demais membros dos grupos diante de cada composição;

e) Comentários e observações finais

3) Finalização do encontro

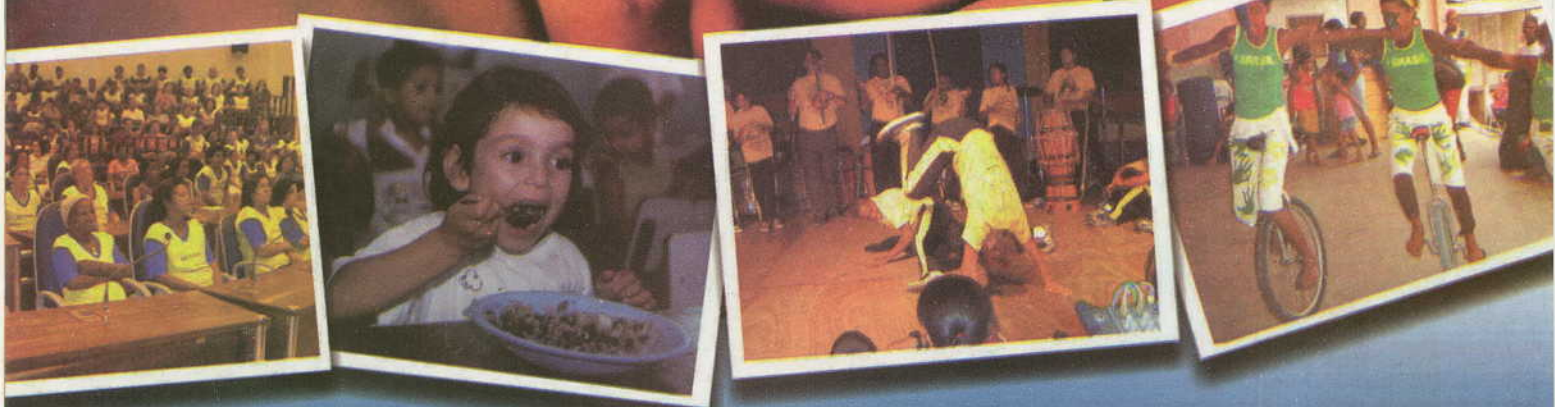
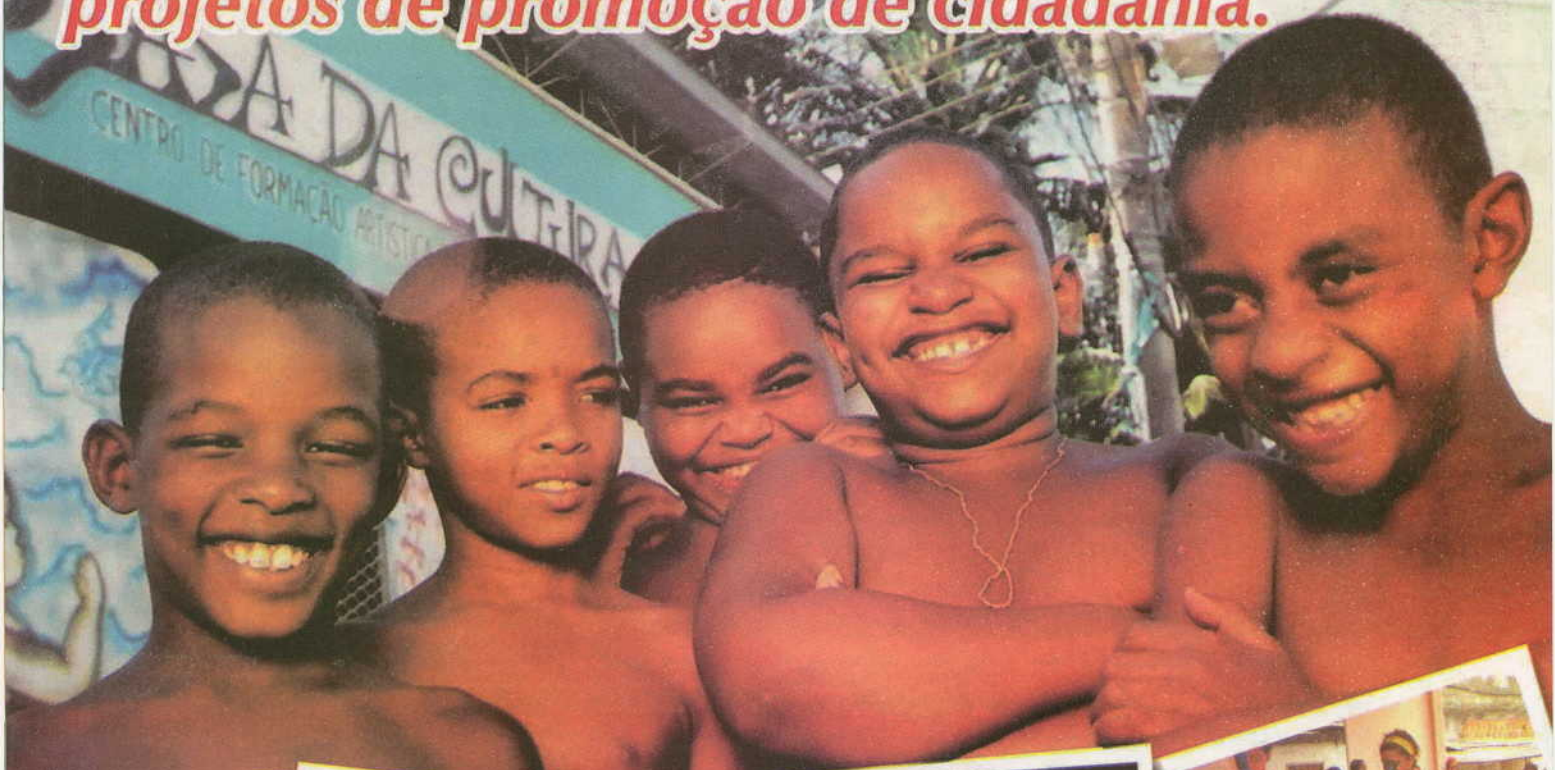
a) Agradecimento pela participação de todos

b) Confraternização

ANEXO 1



***Em 15 anos, 50.000 crianças
e jovens foram beneficiados pelos
projetos de promoção de cidadania.***



**Casa da Cultura:
O Maior Projeto de Inclusão Social da Baixada Fluminense**

Casa da Cultura - Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense

O Maior Projeto de Inclusão Social da Baixada Fluminense

Expediente:



Jorge Florêncio Oliveira
Presidente



Ronaldo Cesconi
Coordenador Geral Executivo



Lella Regina
Coordenadora de Gênero e Etnia



Diestefano Sant'Anna
Coordenador dos Direitos da Criança e Adolescente



Millana Santos
Coordenadora de Desenvolvimento Institucional



Marcos Paulo
Coordenador de Cultura e Juventude



Ficha Técnica

Jornalista responsável:
Renata Oliveira

Textos:
Renata Oliveira e Eduardo Leite

Fotos:
Renata Oliveira e Marcos Paulo

Diagramação:
RW2 Propaganda Gráfica e Editora

Nossos Agradecimentos:

A Casa da Cultura está comemorando 15 anos.

De 1991, ano em que foi fundada pelo Sr. Jorge Florêncio, nosso presidente, até hoje beneficiou mais de 50.000 pessoas em toda Baixada Fluminense.

À ActionAid Brasil, nossa grande parceira, que teve um papel decisivo nos últimos 6 anos para o crescimento institucional da Casa da Cultura;

À FASE, que, nos primeiros 5 anos, acompanhou, orientou e apoiou a Casa da Cultura e continua sendo hoje nossa parceira na luta pela cidadania;

Com grande orgulho e admiração, agradecemos àqueles que têm nos apoiado na luta por uma vida mais digna para os moradores da Baixada, durante estes 15 anos de existência:

-Petrobrás, Eletrobrás, Furnas, Governo Federal, através dos Ministérios da Cultura, da Educação, da Saúde, FASE, Action Aid Brasil, RITS, Se Essa Rua Fosse Minha, Prefeitura de Mesquita, Prefeitura de São João de Meriti, Câmara Municipal de São João de Meriti, SESC Banco Rio de Alimentos, Instituto Desiderata, Fia, Rádio Comunitária Onda Livre FM, entre outros.

Escola de Circo

Projeto Brincando no Aprender



As mais de 500 crianças que praticam as atividades diárias da Casa da Cultura, da Escola de Circo e da Escola de Futebol, alimentam-se na instituição. São mais de 500 refeições servidas todos os dias.

A Escola de Circo Social da Casa da Cultura, ação do Projeto Brincando no Aprender, atende diariamente a mais de 300 crianças, entre 7 e 14 anos, que aprendem as técnicas e a arte circenses.



Escolinha de futebol

A Escolinha de futebol, que desenvolve o projeto Segundo Tempo, com o apoio do Ministério dos Esportes e da ONG "Viva Rio", atende cerca de 200 crianças de comunidades carentes de toda Baixada

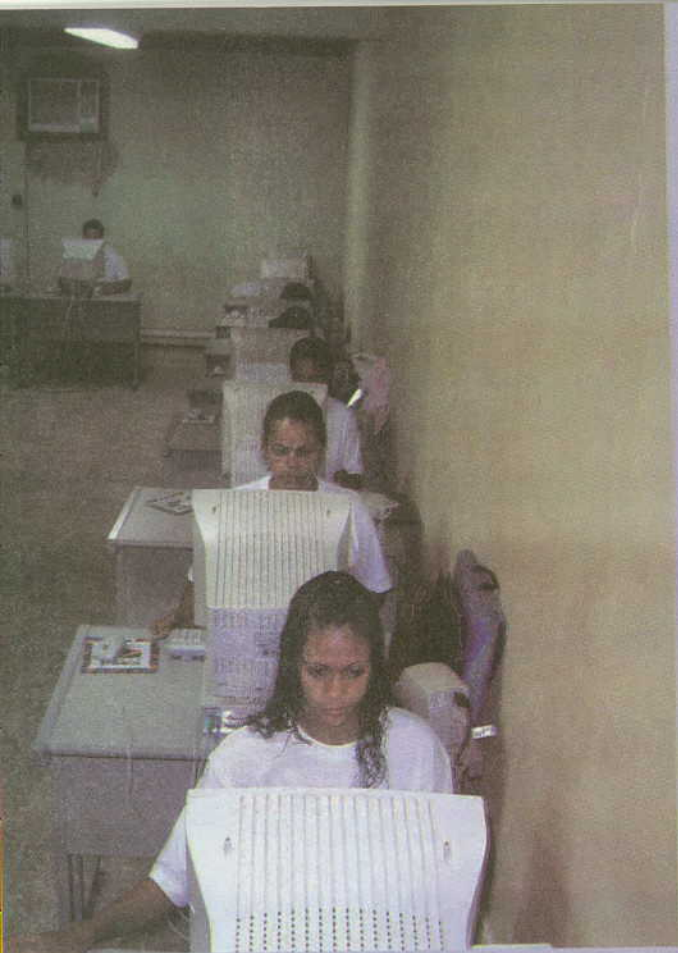


Fluminense e incentiva a prática de hábitos saudáveis, despertando meninos e meninas para a importância da Cidadania. Vários dos talentos revelados atuam em grandes clubes do Rio.

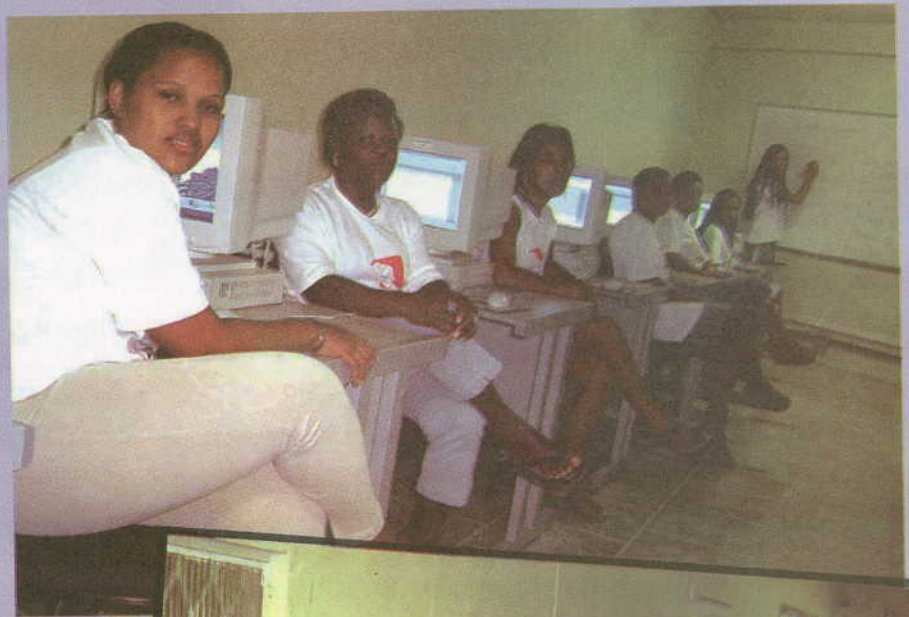


Projeto de inclusão digital

da Casa da Cultura é um sucesso



Mais de 2 mil pessoas são atendidas pelos Telecentros Comunitários. Com o apoio de parceiros como a Petrobrás, Rits, Action Aid, Governo Federal (ITI) e Rede Jovem, oferecemos cursos de inclusão digital e acesso a internet que têm mudado a vida de pessoas de várias regiões da Baixada Fluminense.



Leonardo Pereira é o coordenador dos Telecentros Comunitários e atua na Casa da Cultura desde os 7 anos de idade.



A Casa da Cultura é Ponto de Cultura: Jornadas Culturais

Com o apoio e financiamento do Governo Federal, através do Ministério da Cultura e da Petrobrás, a Casa da Cultura beneficia mais de 400 jovens em situação de risco social da Baixada Fluminense. Eles recebem bolsa auxílio de 150 reais e têm acesso a projetos de incentivo à Cultura e Educação.



Jean Evelin e Adriana Rodrigues, arte educadores dos grupos culturais



Balé Afro Contemporâneo: afirmação da cultura afro-brasileira.



Mestre Magal (primeiro da esquerda para direita, em pé) com o pessoal do grupo de capoeira Ypiranga de Pastinha.



A atriz Jessica Sodré sendo coroada madrinha da Casa da Cultura da Baixada Fluminense.



Resgatando a cultura afro-brasileira através da dança.



Capoeira de Angola transformando vidas.



Teatro: o cotidiano retratado com arte.

CASA DA CULTURA

CENTRO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL DA BAIXADA FLUMINENSE



Entrevista com Jorge Florêncio, presidente da Ong Casa da Cultura – Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense

Operário da construção civil, Jorge Florêncio, líder comunitário na região da Praça da Bandeira, construiu uma brilhante história de luta contra a desigualdade social e pelo bem da comunidade ao redor. Junto com outros líderes comunitários, intelectuais e artistas da Baixada Fluminense, foi responsável pela fundação da Ong Casa da Cultura da Baixada Fluminense.

Conheça um pouco da sua história ao longo dos últimos 15 anos na direção da Casa da Cultura.

A Casa da Cultura surgiu em 1991. Conte um pouco dessa história e de seus objetivos na época.

Jorge Florêncio: A história da Casa da Cultura começou em 1988, com a reunião de um grupo formado por intelectuais, artistas, lideranças comunitárias, para tentar construir um espaço que pudesse aglutinar e organizar artistas que desenvolviam ações na cidade de São João de Meriti e fortalecer as idéias e identidades das chamadas forças políticas e intelectuais. E começou com o nome de Barracão Cultural, que era um projeto que realizava atividades artísticas com crianças e jovens. Neste projeto, a criança chegava de manhã, recebia um lanche e fazia uma atividade artística, como artes plásticas, teatro, capoeira, balé clássico e uma esportiva. Até aí era apenas um movimento social, e foi sede da associação de moradores da Praça da Bandeira, bairro que sedia a instituição.

Em 1990, para aumentar a captação de recursos e se tornar mais eficiente, os líderes perceberam que era necessário oficializar a instituição, montar uma associação cultural, com tudo certinho. Aí, em 1991, foi criada a Casa da Cultura – Centro de Formação Artística e Cultural de Meriti. Nesta época, a instituição operava com serviços, com aulas e oficinas de teatro, cobrando uma pequena taxa para a participação de crianças e jovens.

Como é o trabalho da Casa da Cultura nas regiões onde ela atua?

Jorge Florêncio: Nosso trabalho é desenvolvido em regiões de São João de Meriti, alcançando toda Baixada Fluminense, regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, que concentram a população mais pobre da cidade, do qual as crianças e adolescentes estão expostas a toda sorte de problemas sociais, ao envolvimento com drogas, ao não investimento no estudo, e aumento o índice

de repetência e evasão escolar.

Nossas ações e projetos beneficiam crianças, jovens e adultos, mulheres, público para quem têm sido desenvolvidas ações, inclusive fora de São João de Meriti, abrangendo outros municípios da Baixada Fluminense, como o Projeto Brasil Alfabetizado, o Alimentação é Cultura, entre outros.

Quais atividades são oferecidas pela Casa da Cultura?

Jorge Florêncio: A Casa da Cultura promove a cidadania através de ações culturais. Desenvolvemos, com crianças e adolescentes, aulas e oficinas diversas, como teatro, dança afro, capoeira e maculelê, aulas de técnicas circenses; atividades esportivas, como futebol e jogos populares, projetos de inclusão digital para crianças e jovens, projetos de inclusão de digital e capacitação para o trabalho de mulheres em situação de risco social e violência. Alfabetização de jovens e adultos, com o projeto Brasil Alfabetizado, no qual implantamos 110 salas de alfabetização na cidade de São João de Meriti e em municípios vizinhos, temos ainda o Agente Cultura Viva, Ponto de Cultura, do Ministério da Cultura que capacita com oficinas de arte e cultura 400 jovens e lhes concede bolsa de 150 reais por mês, durante 6 meses, entre outros.

Qual o público-alvo? Quantas pessoas já passaram pelo projeto?

Jorge Florêncio: Nossos principais públicos são crianças e adolescentes, jovens e suas famílias, em especial, mulheres em situação de violência doméstica. Mais de 50 mil crianças e jovens já passaram por nossas ações e tiveram alguma formação cidadã. A Casa da Cultura realiza diversas outras ações que integram a comunidade.

Quais prêmios o Centro já recebeu?

Jorge Florêncio: As ações e projetos

desenvolvidos pela Casa da Cultura já receberam vários prêmios. Em 2000, a instituição recebeu o prêmio Criança 2000 da Fundação Abrinq, concedido a empresas, entidades, ONG's e personalidades que desenvolvem ações em benefício da criança e adolescente. Em 2001, fomos contemplados com o primeiro lugar do prêmio Itaú-Unicef - Direito de Aprender. E, em 2005, através do projeto Jornadas Culturais – pelo direito à Cultura e no combate à desnutrição, realizado em parceria com a Petrobrás, ganhamos o prêmio TOP Social.

Qual é o saldo destes 15 anos de história da Casa da Cultura?

Jorge Florêncio: Hoje, a Casa da Cultura tornou-se a maior referência na Baixada Fluminense no que diz respeito a projetos sociais de arte, cultura e de garantia dos direitos da criança e do adolescente. Mais de 50 mil pessoas já foram beneficiadas pelas nossas ações durante esses 15 anos e hoje mais de 3 mil são atendidas diretamente em nossa rede de projetos e parcerias. A Casa da Cultura acompanha o desempenho das crianças e jovens não só nas atividades, mas nas suas relações externas, familiares e escolares, avaliando o impacto das atividades realizadas aqui na vida delas. Entendemos a importância da nossa instituição na vida das comunidade da Baixada Fluminense, uma instituição que luta, junto a sociedade civil organizada e com o apoio de nossos parceiros e do Governo Federal, pelos direitos fundamentais, pela valorização da cultura e pelo resgate da cidadania. Parabéns, Casa da Cultura !

Depoimentos de quem apóia e acredita.



**Prefeito de Mesquita:
Artur Messias**

"Tenho orgulho de ter participado da fundação desta instituição, que é hoje uma das maiores expressões artísticas da Baixada Fluminense. Valorizando a cultura e os artistas da nossa região."



**Promotor de Nutrição da ONU,
Dom Mauro Morelli**

"A Casa da Cultura tem cumprido um papel importante na luta pelos direitos da Criança e do Adolescente. Aplicando através de projetos de segurança alimentar e nutrição, oficinas e iniciativas educativas que orientam a população, em especial as crianças, sobre cultura alimentar, sobre como se alimentar bem e viver melhor."



**Ministro da Cultura
Gilberto Gil:**

"A Casa da Cultura é um instrumento importante de incentivo à Cultura e de formação na região da Baixada Fluminense."



**Prefeito de Nova Iguaçu
Lindberg Farias:**

"A Casa da Cultura é uma instituição em que eu acredito. Promove cidadania, fazendo com que as crianças e jovens da nossa região, estejam com seu dia ocupado de atividades culturais e educativas. Este é o modelo de educação e de cidadania que nossa população merece, precisa, para que as crianças e jovens sejam inseridos, para se transformarem em cidadãos conscientes."

BANCO POPULAR DO BRASIL

Há 1 ano, o povo de São João de Meriti conta com o Banco Popular. Qualquer cidadão pode se tornar cliente do banco, que não cobra CPMF, concede empréstimos de 50 a 500 reais a juros de 2% e pode ser usado para qualquer tipo de transação bancária ou financeira. O Banco Popular do Brasil atende ao público de segunda à sexta-feira, das 10 às 14 horas, na ONG Casa da Cultura da Baixada Fluminense – Rua Machado de Assis, lote 12 Qd 84 Praça da Bandeira – São João de Meriti – RJ.



RÁDIO ONDA LIVRE: 95,3 FM

ACPC - Associação Comunitária para Promoção da Cidadania.

Em oito anos de existência, a Rádio Onda Livre já capacitou centenas de jovens e adolescentes nas técnicas radiofônicas (Projeto Primeiro Emprego, Capacitação Solidária e Agente Cultura Viva). Ela é a principal parceira da Casa da Cultura, divulgando seus eventos e ações, revelando grandes comunicadores e fortalecendo a cultural local. Com uma programação variada, a Rádio Onda Livre já recebeu em seu estúdio personalidades de destaque no Brasil e no mundo.



Bispo José Francisco e Jorge Florêncio no estúdio da Rádio Onda Livre.



Susana Marques - Coordenadora da Rádio.



A atriz Jéssica Sodré, madrinha da Casa da Cultura, em visita a Rádio Onda Livre.

ESCOLA DE SAMBA INDEPENDENTE DA PRAÇA DA BANDEIRA



Príncipe Charles, em sua visita à Casa da Cultura, em 2002, foi recepcionado pelas passistas e bateria da Escola de Samba Independente da Praça da Bandeira.

A única Escola de Samba com por cento Meriti, parceira da Casa da Cultura, desfila pelo terceiro ano consecutivo da Marquês de Sapucaí, no grupo de acesso B, sempre levando, para Avenida do Samba, enredos sobre a Baixada Fluminense.

A Escola promove oficinas de artesanato, confecção de fantasias e alegorias, corte e costura, e outras atividades dirigidas aos jovens de nossa região.

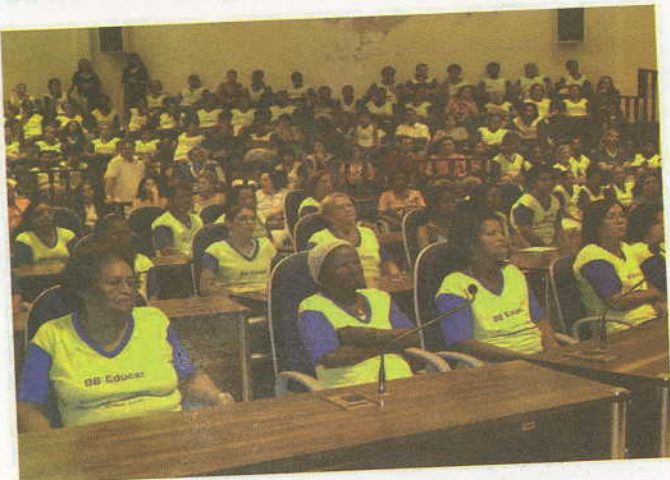


Brasil Alfabetizado

Cidadania para mais de 4 mil jovens e adultos na Baixada Fluminense

Mais de 4 mil jovens e adultos já foram alfabetizados pelo Projeto Brasil Alfabetizado, desenvolvido pela Casa da Cultura em parceria com o Ministério da Educação. No segundo ano de execução, o projeto garante, desde janeiro de 2006, a manutenção de 110 salas em São João de Meriti e em municípios vizinhos.

Os estudantes participam de eventos sobre educação, direitos e cidadania nas salas de aula ou em espaços públicos. Mais de 1.250 pessoas já aprenderam a ler, escrever e foram inseridos em escolas no primeiro ano de execução do projeto.



Casa da Cultura e seu Alcance Político

A Casa da Cultura em São João de Meriti nasceu quando o movimento popular reivindicatório, especificamente as associações de moradores de bairros, começou a manifestar, por várias razões, certa estagnação e refluxo.

Tenho participado diretamente desse processo... Sou um dos fundadores da Casa da Cultura.

Embora os problemas da população (saneamento, moradia, saúde, educação, transporte, esporte, lazer) continuasse sem solução transparente, nas lutas populares, no final da década de 80, a insatisfação, o esvaziamento na forma e sentido de organizar, participar, mobilizar o povo como sujeito da própria cidadania. Qual é, então, o significado da criação da Casa da Cultura?

Surgiam, após a Constituição de 1988, os Conselhos Paritários. Por mais significativo que seja o avanço político com a possibilidade de participação da Sociedade Civil Organizada na busca das respostas aos problemas vividos pela maioria da população e de seu papel de controle social nas Políticas Públicas, os Conselhos, até hoje não demonstraram a que vieram.

Era preciso manter viva a esperança e a militância popular.

O Movimento Popular quer participar, ou melhor, tem direito a decidir sobre os destinos da vida de sua cidade, de seu país, de tudo que diz respeito a sua vida e ao futuro de seus filhos.

Hoje, há a necessidade de clareza de projetos, de instrumentos, de participação, de referências e de representação.

Cultura é o nosso jeito de ser e viver e conviver. Há a natureza, a criação. Tudo que não é natureza, é cultural, mas é preciso ter clareza que produzir cultura do ponto de vista de nossa história, de nossas raízes, deve ser uma resposta aos nossos anseios materiais, sociais, políticos e espirituais.

Não se trata apenas de fazer poesias, música, teatro, dança, pintura, cinema, mas de tudo que diz respeito à vida, da continuidade da nossa história e sociedade.

A Casa da Cultura,

na sua curta e bela experiência, nesses 15 anos, tem sido esse espaço para refletir, produzir e revelar à sociedade da Baixada Fluminense e para o mundo que é possível construir e contribuir com crianças, adolescentes e jovens populares, homens e mulheres, um processo cultural autônomo, criativo, revelador de grande significado para vida de muitos e para o futuro sócio-político de nossas Cidades.

Afirmo que a Casa da Cultura é, na Baixada Fluminense, um instrumento decisivo da Cultura Cidadã.



Padre Adelar Pedro de David é Vereador e Presidente da Câmara Municipal de São João de Meriti

Alimentação é cultura

Com a parceria da Petrobrás e do Fome Zero, a Casa da Cultura, através do projeto Alimentação é Cultura, enfrenta um dos mais graves problemas da Baixada Fluminense: o alto índice de desnutrição entre crianças de 0 a 5 anos. O projeto da Casa da Cultura disponibiliza profissionais de nutrição para a capacitação de lideranças em Segurança Alimentar, promovendo a qualificação profissional e o combate à fome e à desnutrição.



Jorge Florêncio, Dom Muro Morelli e Jean Ziegler, representante da ONU.



Celebração ecumênica pelo direito à vida; Casa da Cultura, Pastoral da Criança e Mutirão de Combate à Desnutrição Materno Infantil.



Pesagem de crianças durante Mutirão de Combate à Desnutrição.



TELEFONES ÚTEIS

Ong Casa da Cultura: (21) 2751-5825

ABM – Conselho de Entidades Populares: (21) 2751-0457

Rádio Onda Livre: (21) 2651-2308

Conselho Tutelar São João de Meriti: (21) 2651-3277

EMERGÊNCIAS:

Polícia Militar: 190

Corpo de Bombeiros: 193

Disque Mulher: 180

SAMU - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Ambulância): 192

Disque Denúncias: (21) 2253-1177

Disque Racismo: (21) 3399-1300

SERVIÇOS MUNICIPAIS:

Prefeitura Municipal de São João de Meriti: (21) 2651-2630

Limpeza Pública/Coleta de lixo: (21) 2651-1302

Câmara de Vereadores de São João de Meriti: (21) 2651-1998

A Casa da Cultura em números

15 anos de sucesso

4.000 adultos alfabetizados

50.000 beneficiados

3.000 pessoas atendidas todos os dias

2 Telecentros comunitários

26 computadores à disposição das comunidades

Diversos projetos simultâneos promovendo a inclusão social

400 bolsas auxílio de 150 reais todos os meses

1 ano de Banco Popular do Brasil levando crédito e cidadania a quem precisa

Milhares de refeições servidas

Centenas de novos talentos revelados

1 Rádio Comunitária funcionando a pleno vapor

1 Escola de Samba a serviço da alegria e do bem estar social

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)